



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FRANCINILDA DE BRITO SANTOS

**A PRESENÇA DA MORTE EM OBRAS JUVENIS DO PNLD LITERÁRIO 2020: UM
ESTUDO DE EU VI AMÄE NASCER, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO.**

JOÃO PESSOA – PB
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FRANCINILDA DE BRITO SANTOS

**A PRESENÇA DA MORTE EM OBRAS DO PNLD LITERÁRIO 2020: UM ESTUDO
DA OBRA *EU VI MAMÃE NASCER*, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), na área de concentração Literatura, teoria e crítica, na linha Leituras Literárias, como requisito necessário para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi.

JOÃO PESSOA – PB
2024

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

5237p Santos, Francinilda de Brito.

A presença da morte em obras do PNLD literário 2020 : um estudo da obra eu vi mamãe nascer, de Luiz Fernando Emediato. / Francinilda de Brito Santos. - João Pessoa, 2024.

100 f. : il.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura juvenil brasileira. 2. Literatura juvenil - Representações da morte. 3. PNLD Literário. 4. Luiz Fernando Emediato. I. Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
6RAhCHfltDA DF BRITO SAB'FOS

Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e cinco, às nove horas, realizou-se, presencialmente na sala 514 do PPGL, a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: "A presença da morte em obras do PNUD literário *020: um estudo da obra Eu vi mamãe nascer, de Luiz Fernando imediato", apresentada pelo(a) aluno(a) Francinilda de Brito Santos, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MOSTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valente Cotoniehi, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros consignados nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Pós-Graduação. O(A) professor(a) Outor(a) Danicla Maia Segabifiazi (PPGMFPi3), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual faziam parte os Professores Doutores Vânikson Viana de Oliveira (UF PB) e João Paulo da Silva Fernando (UFGV ASF). Dando inicio aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida palavra ao(a) autor(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito:

. Poderão os resultados

pela presidente da Banca Examinadora, ficou encerrado o trabalho e, para constar, eu, Daniela Maia Segabifiazi (SeCreTárja ozY fioC), farei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 28 de janeiro de 2025.

Parecer:

A pesquisa atende às exigências de uma dissertação e contribui para ampliar estudo do PNUD literário.

Prof. Dr. Daniela Maria Segabifiazi
(Presidente da Banca)

José Paulo da Silva Fernandes
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
(Examinador)

José Paulo da Silva Fernandes
Prof. Dr. Vânikson Viana de Oliveira

Prof. Dr. Francinilda de Brito Santos
(Mestranda)

FRANCINILDA DE BRITO SANTOS

**A PRESENÇA DA MORTE EM OBRAS JUVENIS DO PNLD LITERÁRIO 2020: UM
ESTUDO DE *EU VI AMÃE NASCER*, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB como requisito necessário para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Data de aprovação:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi
Orientadora (UFPB)

Profº. Drº. Valnikson Viana de Oliveira
Examinador Interno (UFPB)

Profº. Drº. João Paulo da Silva Fernandes
Examinador Externo (UNIVASF)

Como esta noite findará
E o Sol então rebrilhará
Estou pensando em você
Onde estará o meu amor?
Será que vela como eu?
Será que chama como eu?
Será que pergunta por mim?
Onde estará o meu amor?
(Chico César)

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força, meu sustento e refúgio constante. A Ele devo todas as minhas conquistas, pois é com sua graça que encontro o caminho e a coragem para seguir, lembrando sempre que a vida é uma viagem curta.

Ao meu irmão, Ednaldo, e ao meu pai, por serem presença firme e essencial em minha vida. A cada desafio, vocês foram meu apoio, e sua confiança em mim tornou esta jornada mais leve e possível.

À minha mãe, que já não está entre nós. A saudade que você deixou é eterna, mas sua memória e amor seguem vivos em cada passo que dou.

À professora Daniela Maria Segabinazi, por sua orientação generosa e por trazer a excelência e a humanidade ao longo deste processo. Sua presença foi fundamental para que este trabalho pudesse ser realizado com dedicação e propósito.

À CAPES, pelo apoio financeiro que foi vital para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal ao longo desta pesquisa.

Aos amigos e colegas que, de maneira direta ou indireta, estiveram ao meu lado, oferecendo suas palavras de incentivo, trocando ideias, experiências e partilhando comigo o interesse pela literatura e os caminhos da pesquisa.

Aos professores que gentilmente compuseram a banca deste trabalho, por dedicarem seu tempo e conhecimento na leitura e nas contribuições que enriqueceram esta pesquisa.

E, por fim, a todos que, de alguma forma, deixaram sua marca nesta jornada, ajudando-me a vencer cada etapa.

RESUMO

As narrativas juvenis brasileiras apresentam desafios analíticos ao abordarem temáticas que transcendem os assuntos tradicionalmente explorados na literatura, especialmente aquelas relacionadas a temas transversais, como a morte. Considerando que o morrer é um aspecto inerente à condição humana e que seu debate deveria ser naturalizado na sociedade, investigações teóricas revelam que sua abordagem ainda é tratada com grande delicadeza, sobretudo quando direcionada ao público jovem. Esse contexto está diretamente relacionado a fatores culturais da sociedade ocidental brasileira, nos quais a morte é, historicamente, um tema silenciado. Diante disso, esta dissertação examina as representações da morte na literatura juvenil brasileira por meio da análise da obra *Eu vi mamãe nascer* (2018), de Luiz Fernando Emediato, incluída no Programa Nacional do Livro Didático e Literário (PNLD) Anos Finais do Ensino Fundamental em 2020. Antes da análise da narrativa, foi realizada uma investigação do Guia do PNLD Literário 2020, a fim de compreender os critérios de seleção e as diretrizes que orientaram a escolha da obra no programa. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter bibliográfico e documental, considerando a análise narrativa da obra em articulação com os estudos de autores como Becker (1973), Zigler (1977), Martha (2009), Lottermann (2009), Ceccantini (2010) e Navas (2016), entre outros. Os resultados indicam que a obra apresenta a morte de maneira sensível e simbólica, rompendo com o silenciamento cultural e proporcionando aos jovens leitores uma reflexão sobre perda, transformação e autoconhecimento. Além disso, a análise revela que a inclusão do livro no PNLD Literário 2020 reflete uma abertura para a discussão de temas complexos na literatura juvenil, contribuindo para a formação emocional e intelectual dos leitores.

Palavras-chave: Literatura juvenil brasileira; PNLD Literário; Morte; *Eu vi mamãe nascer*; Luiz Fernando Emediato.

ABSTRACT

Brazilian young adult narratives present analytical challenges when addressing themes that go beyond those traditionally explored in literature, particularly transversal topics such as death. Considering that dying is an inherent aspect of the human condition and that discussions on the subject should be naturalized in society, theoretical investigations reveal that death remains a highly sensitive topic, especially when directed at young audiences. This context is closely linked to cultural factors in Brazilian Western society, where death has historically been a silenced theme. In this regard, this dissertation examines representations of death in Brazilian young adult literature through the analysis of *Eu vi mamãe nascer* (2018) by Luiz Fernando Emediato, included in the National Program for Textbooks and Literature (PNLD) for the Final Years of Elementary Education in 2020. Before analyzing the narrative, an investigation of the PNLD Literary Guide 2020 was conducted to understand the selection criteria and guidelines that led to the book's inclusion in the program. The research adopts a qualitative and quantitative approach, using bibliographical and documentary methods, considering the narrative analysis of the work in conjunction with studies by authors such as Becker (1973), Zigler (1977), Martha (2009), Lottermann (2009), Ceccantini (2010), and Navas (2016), among others. The results indicate that the book presents death in a sensitive and symbolic manner, breaking cultural silences and offering young readers a reflection on loss, transformation, and self-discovery. Furthermore, the analysis reveals that the book's inclusion in PNLD Literary 2020 reflects an openness to discussing complex themes in young adult literature, contributing to the emotional and intellectual development of readers.

Keywords: Brazilian juvenile literature; PNLD Literary; Death; *Eu Vi Mamãe Nascer*; Luiz Fernando Emediato.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- Colted** – Coleção de Textos Didáticos
- FNDE** - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- INL** – Instituto Nacional de Letras
- INSL** – Instituto Nacional do Livro e da Leitura
- MEC** - Ministério da Educação
- NNLIJ** – Núcleo de Narrativas Literárias Infantojuvenis
- PNBE** – Programa Nacional Biblioteca da Escola
- PNLD Literário** - Programa Nacional do Livro e do Material Didático
- PNSL** – Plano Nacional do Sistema de Bibliotecas
- Prodelivro** – Programa Nacional de Apoio ao Desenvolvimento do Setor Editorial
- Proler** – Programa Nacional de Incentivo à Leitura
- SCIELO** - Scientific Electronic Library Online
- SEF** – Secretaria de Estado da Fazenda
- SNB** – Sistema Nacional de Bibliotecas
- SNEL** – Sistema Nacional de Educação Literária
- USAID** - United States Agency for International Development

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tânato, Escultura em mármore do templo de Artemisa em Éfeso, ca. 325-300 a.C	33
Figura 2 - A representação Ocidental da morte como um esqueleto carregando uma foice ...	33
Figura 3 - Este espejo que no te engaña, de Tomás Mondragon, 1856.....	34
Figura 4 - La Calavera Garbancera (1910), de José Guadalupe Posada	35
Figura 5 - La Catrina (1948), no mural de Diego Rivera	35
Figura 6 - Adornos florales en un cementerio el día de Todos los Santos	36
Figura 7 - Soltura das lanternas flutuantes	37
Figura 8 - Dia de Finados no Brasil	39
Figura 9 - Capa do livro <i>Eu Vi Mamãe Nascer</i>	81
Figura 10 - Representação da morte.....	82
Figura 11 - Impacto Emocional	84
Figura 12 - Representação visual da morte.....	85
Figura 13 - Representação da morte.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritores, SCIELO, CAPES	14
Quadro 2 - Categoria 1 (6º e 7º anos do Ensino Fundamental Anos Finais)	68
Quadro 3 - Livros com temáticas sobre morte selecionados no PNLD Literário 2020	72
Quadro 4 - Categorias e Aspectos para Análise	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: QUATRO DÉCADAS DE NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE	18
1.1 Literatura juvenil e o público juvenil: especificidades, tendências, obras e autores.....	20
1.2 Um olhar para a morte: resgate de representações.....	31
1.3 Do começo ao fim: a morte na literatura juvenil brasileira	43
2 OLHARES SOBRE O PNLD LITERÁRIO: TEORIZAÇÕES	49
2.1 Os programas fomentadores da leitura literária no Brasil: breve percurso histórico	51
2.2 O PNLD Literário: seleção, análise e distribuição.....	60
2.3 PNLD Literário 2020: temas e categorias	66
2.4 PNLD Literário 2020: a morte em evidência	71
3 “EU VI MAMÃE NASCER”, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO: O NASCER E O MORRER	75
3.1 Construção e Descrição das Categorias de Análise	76
3.2 A morte na obra "Eu vi mamãe nascer"	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

[...] assim, se o último século assistiu à eclosão atuante e perseverante (uma literatura que, aconteça o que acontecer, acredita na transformação do mundo), viu também a criação literária cada vez mais sufocada pelas próprias palavras e cada vez mais descente das palavras – uma literatura, enfim, inclinada ao silêncio da abstração.

(Massa, 2010, p. 7 apud Lins, 1990, p. 32).

O processo histórico da civilização e a intensa busca por novas experiências motivaram o avanço da sociedade em torno de novas manifestações culturais. A sociedade moderna vê interesse no advento de novas experiências ao desenvolvimento sociológico, tecnológico e midiático com pensamentos que envolvem a condição humana, tornando-se cada vez mais indissociáveis e indispensáveis para a modernidade.

Como em toda transição entre períodos históricos, a era moderna também desenvolveu novas formas de compreender o ser humano de uma outra forma, sendo este um ser individual e autônomo. Tais adjetivos são exclusivos da modernidade “Há uma crítica forte por parte de filósofos, teóricos e estudiosos da sociedade em relação a essa razão que alijou diferenças, crenças e mitos” (Riche, 1999, p. 128) e, como consequência disso, a negação, recusa ou resistência em aceitar a morte surge como fenômeno, sendo uma das peculiaridades da sociedade moderna.

Embora, muitas sociedades saibam reverter de forma objetiva e organizada várias problemáticas e estigmas, outras tratam de mascarar os traumas. Com o passar dos séculos, vários assuntos surgiram em consonância às transformações e ao processo de socialização humana. E alguns assuntos tornaram-se motivo de preocupação no cenário contemporâneo quando passaram a exaurir o medo e a mexer com o emocional a partir das suas representações que mudam sempre conforme a época e a influência recebida, embora permeadas de experiências que nos movimentam enquanto seres humanos.

Em meio a essas experiências, introduzimos nessa pesquisa um dos maiores medos e ao mesmo tempo grande fonte de fascínio da humanidade, na atualidade e durante muitas décadas, a morte. E, sabendo que a morte faz parte do cotidiano de todo ser humano (crianças, adolescentes e adultos) é cada vez mais eloquente encontrá-la também em pesquisas e/ou em textos literários quase que em sua totalidade numa vertente como instrumento para auxiliar os leitores em formação a lidarem com diversas situações conflitivas, como a finitude.

A escolha do tema desta dissertação não foi meramente acadêmica, mas profundamente pessoal. Durante um período difícil de minha vida, enfrentei várias intervenções hospitalares e me vi em uma posição de reclusão, em que morte era uma presença constante. Contrariando o medo que muitos têm, percebi que a morte não me assustava, mas, ao contrário, intrigava-me. Esse contato íntimo com a fragilidade da vida despertou em mim um interesse em explorar o tema da morte, que tantas vezes é evitado.

Ao vivenciar a proximidade da morte, seja através de minha própria experiência ou ao observar outros pacientes, obtive uma perspectiva única sobre a vida e a morte. A reclusão forçada proporcionou-me um espaço de reflexão sobre o que elas significam tanto em nível pessoal quanto coletivo. Foi nesse contexto que a morte deixou de ser um conceito abstrato e passou a ser uma realidade carregada de significados e questões existenciais.

Ao me deparar com a morte de forma tão direta, percebi que ela não é apenas o fim, mas também uma parte intrínseca da vida. Essa percepção me levou a querer compreender melhor como a morte é representada na literatura, especialmente na literatura juvenil, que tem um papel crucial na formação das visões de mundo dos leitores em formação. Como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para enfrentar medos e tabus, acredito que explorar a temática pode ajudar a desmistificar o tema e promover uma reflexão mais saudável sobre a finitude humana.

Diversas vertentes da literatura têm abordado a morte como tema central. Nos anos 1970 e 1980, surge a chamada "literatura focada em problemas", um fenômeno literário juvenil que trouxe à tona temas como drogas, alcoolismo, sexo, estupro, violência e questões sociais. Esses temas, representados nas obras juvenis, provocaram modificações e curiosidades sobre novas formas de se fazer literatura para jovens.

A literatura juvenil, especialmente no Brasil, tem promovido novas tentativas de reflexão sobre o tema da morte, buscando abandonar a premissa de que o fim é algo a ser silenciado. Para Martha (2011, p. 21), a literatura juvenil é um mecanismo de autodescoberta, pois suas narrativas constituem uma preparação para a maturidade, humanizando os leitores adolescentes, mesmo quando as experiências vividas pelos personagens parecem distantes das realidades dos jovens leitores. Através da literatura, os jovens leitores podem encontrar um suporte para refletir sobre a realidade e enfrentar situações emocionalmente desafiadoras.

Segundo Zilberman (2001, p. 51), "nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invasão daquele que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência". A literatura constrói, assim, um elo instintivo que

permite aos leitores jovens lidarem com questões existenciais por meio de um exercício reflexivo baseado em suas próprias experiências.

Então, a partir do exposto, o objetivo central desta dissertação é investigar como a morte é representada na literatura juvenil contemporânea brasileira, em particular, na obra *Eu Vi Mamãe Nascer* (2018) de Luiz Fernando Emediato, selecionada para o Programa Nacional do Livro Didático e Literário (PNLD Literário) – Anos Finais do Ensino Fundamental, em 2020. Especificamente, pretende-se: (i) realizar um panorama da literatura juvenil na contemporaneidade, compreendendo suas características e transformações; (ii) analisar como a morte é representada na literatura juvenil brasileira e, em particular, nas obras do PNLD Literário 2020; (iii) apresentar obras e escritores brasileiros contemporâneos que abordam o tema da morte; e (iv) analisar como o tema é elaborado e apresentado na obra *Eu Vi Mamãe Nascer* (2018) de Luiz Fernando Emediato.

No tocante a isso, insere-se a literatura juvenil brasileira, pelo viés de novas tentativas de promover a reflexão sobre o tema, buscando abandonar a premissa de que o fim é algo que deva ser silenciado, assim, a modernidade usa da égide para enfrentar o problema. A pesquisadora Alice Áurea Penteado Martha (2011, p. 21), nos diz que vê a literatura juvenil como um mecanismo de autodescoberta, uma vez que as narrativas juvenis contemporâneas constituem uma preparação para a maturidade, isso significa que o processo de identidade com os personagens faça com que haja reflexão de si e do mundo. A autora ainda ressalta que esse processo de experiências de autoconhecimento “podem contribuir na formação de leitores adolescentes, humanizando-os, no sentido mais amplo das palavras, ainda que, por vezes, as vivências das personagens pareçam estar distantes daquelas experimentadas pelos jovens em seu ambiente real (2011, p. 21). Dessa forma, os leitores não se sentem tão distantes, podendo experimentar as mesmas condições construídas por seus personagens.

Diante disso, a realidade conecta-se na literatura causando um efeito que excede as expectativas, percepções e reações que se refletem em amplas discussões acerca da morte. Assim, é ilusório e utópico tratar o tema com distanciamento, já que a literatura cria um universo de aproximação minimizando as diferenças promovendo a identificação entre o leitor e o texto.

Nesta dissertação, com análise de uma narrativa literária para jovens esperamos esclarecer como a morte é retratada. Através dessa análise, queremos apresentar os mecanismos sutis e poderosos que os autores empregam para abordar esse tema tão universal e complexo. Nessa jornada literária, exploraremos esses aspectos, buscando compreender como os escritores transformam a inevitabilidade da morte em arte, tocando nossas almas e nos lembrando de nossa humanidade compartilhada.

No que diz respeito a metodologia, buscamos a realização de uma abordagem bibliográfico-documental, por meio de uma leitura crítico-interpretativa sobre o olhar da morte, uma vez que visa buscar referências teóricas a respeito da morte e suas influências no meio da produção literária juvenil contemporânea. Além disso, empreende uma pesquisa documental, pois em adição aos textos acadêmicos em meios formais, como periódicos, repositórios acadêmicos, se vale de fontes tais como: revistas, relatórios, documentos oficiais etc. Com base nesses pressupostos, pretende-se compreender o problema a partir das referências escolhidas para estudo de análise, avaliação e integração de literatura que conduz para conclusões relevantes acerca do que será abordado.

Para tanto, antes de nos debruçar sobre o tema, optamos para esta introdução apresentar o estado da arte a partir da busca de pesquisas e estudos em publicações sobre a temática da morte nos seguintes *sites*: biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* - (SCIELO) e o banco de teses e dissertações, disponível no sítio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - (CAPES). A escolha pela coleta de publicações nessas duas plataformas ocorreu por julgarmos como fontes relevantes de produções acadêmicas na área e tal importância se dá pelo exímio acesso as produções que vão auxiliar a pensar sobre a elaboração dessa dissertação. Procura-se localizar trabalhos que empregam o mesmo modelo temático de nossa premissa com a temática da morte.

Para o mapeamento as palavras-chave utilizadas para a realização do levantamento da produção bibliográfica foram empregadas de forma colaborativa, ora empregadas sozinhas, ora combinadas a outros termos, como pode ser observado no seguinte quadro.

Quadro 1 - Descritores, SCIELO, CAPES

1. Literatura juvenil
2. Literatura juvenil contemporânea
3. Literatura juvenil / morte
4. PNLD literário
5. Literatura juvenil / PNLD literário
6. PNLD literário / morte

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A busca foi iniciada no portal *SCIELO* e obteve-se o seguinte resultado: com o termo *Literatura juvenil* localizou-se 9 publicações; para os termos *Literatura juvenil contemporânea*; *Literatura juvenil / morte*; *Literatura juvenil / PNLD literário* e *PNLD literário / morte*. Nessa pesquisa não foi localizado nenhuma publicação no site.

Logo após, partindo para investigação no portal CAPES, utilizando as mesmas palavras-chave obteve-se o seguinte resultado: com o termo *Literatura juvenil* localizou-se 49 publicações; com o termo *Literatura juvenil contemporânea* 10 publicações; com o termo *Literatura juvenil / morte* localizou-se 4 publicações; com o termo *PNLD Literário* foram localizadas 4 publicações. Nos termos, *Literatura juvenil / PNLD literário* e *PNLD literário / morte* não foram localizadas publicações no site.

Contudo, o resultado das pesquisas aponta, *a priori*, para a ausência, dentro das delimitações desta pesquisa, de trabalhos sobre a morte no PNLD literário, o estudo de obras isoladas ou de temáticas pontuais, nos encaminham para uma escassez de estudos sobre a literatura juvenil no viés do PNLD Literário e da morte na literatura juvenil brasileira contemporânea, enquanto o tema tem sido mais explorado no âmbito da literatura infantil.

A escolha por um *corpus* proveniente da coleta de dados do PNLD Literário se justifica pela relevância da temática na formação literária e humana dos jovens, pela importância de questões socialmente vivas na sociedade e tema corriqueiro no cotidiano dos jovens e, por se tratar de um programa que distribui massivamente obras para leitura no espaço escolar, aonde a maioria dos jovens e adolescentes podem encontrar-se com a literatura. Tais critérios são levados em consideração a partir das especificidades que compõem o programa na escolha dessas obras literárias pela sua relevância na experiência concreta na abordagem do texto literário.

Logo após, por meio do acesso ao do site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no qual encontra-se o guia¹ do PNLD literário 2020, a obra escolhida para o *corpus* dessa pesquisa foram delimitadas pelos seguintes critérios: a) compõem a categoria (6º a 9º ano do ensino fundamental – anos finais); b) gênero textos em prosa (conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular) e c) tema (autoconhecimento, sentimentos e emoções) disponíveis pelo citado programa. Através da leitura da sinopse dos livros, descobriu-se, dos trinta e dois títulos selecionados, apenas seis mencionam a temática da nossa pesquisa

A obra selecionadas, estão presentes no PNLD literário 2020, sendo este um dos principais programas de fomento literário no âmbito governamental brasileiro na atualidade pois é uma forma dos alunos da rede pública de ensino tenham contato com textos literários, sendo este talvez o principal, ou o único, meio de contato de alguns alunos na sala de aula ampliando o horizonte de leitura desses jovens.

¹ Disponível em: <<http://bit.ly/pnld2020fndegua>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Para que os objetivos propostos sejam alcançados, dividimos a pesquisa em três capítulos de modo que cada um deles fossem capazes de abordar esses aspectos que pretendemos investigar. Assim, o primeiro capítulo está ancorado em estudos sobre literatura juvenil das últimas quatro décadas, com foco em suas especificidades, tendências e nos autores que abordam a temática da morte. A partir dessa base, discutimos como a literatura juvenil brasileira construiu suas representações da morte ao longo do tempo. Esse capítulo explora a relação entre a literatura e temas fraturantes, como a morte, que, apesar de ser uma questão universal e existencial, é frequentemente tratada com cautela em textos voltados ao público jovem.

Tendo em vista essa perspectiva, tecemos nossas considerações com base em estudos de Ceccantini (2010), que investiga os aspectos e a evolução da literatura juvenil no Brasil, destacando a importância de temas complexos como a morte no processo de formação do jovem leitor. Além disso, Alice A. P. Martha (2009) oferece uma análise detalhada das abordagens literárias sobre temas difíceis na literatura juvenil, enfatizando como esses textos podem ser utilizados como ferramentas de diálogo sobre questões existenciais. Por outro lado, Zilberman e Lajolo (1984) fornecem uma compreensão histórica da literatura infantil e juvenil no Brasil, evidenciando o desenvolvimento do gênero ao longo das décadas e como as mudanças sociais e culturais influenciaram a maneira pela qual temas como a morte foram sendo tratados. Esses autores fundamentam a discussão sobre o papel da literatura juvenil na introdução de temas que, apesar de desafiadores, são essenciais para o amadurecimento emocional e intelectual dos jovens leitores.

Levando isso em conta, damos início ao segundo capítulo, que foca no PNLD Literário, um dos principais programas de fomento à leitura no Brasil. Analisamos a trajetória do programa desde o extinto Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) até a edição de 2020. Assim, realizamos a análise do edital do PNLD Literário 2020, com base nos referenciais teóricos de Britto (2015), Chiappini (2005) e Munakata (1997). O diálogo com esses autores oferece um aprofundamento necessário para entender as diretrizes que orientam a seleção de obras no programa, assim como os critérios utilizados para avaliar a qualidade literária e pedagógica das obras.

Além disso, a exploração das contribuições de Segabinazi, Freitas e Pereira (2020), Paiva (2012), e Pinheiro e Tolentino (2022) enriquece nossa análise ao oferecer um panorama mais detalhado sobre as complexidades do programa, como os desafios na seleção de temas e a inclusão de obras que abordam questões delicadas, como a morte. Esse conjunto de teorias permite não apenas uma compreensão crítica das políticas envolvidas, mas também uma

reflexão sobre o impacto dessas políticas no desenvolvimento da leitura crítica e reflexiva no ambiente escolar.

O terceiro capítulo dedica-se à análise da obra *Eu vi mamãe nascer* (2018), de Luiz Fernando Emediato, investigando como a morte é representada na narrativa e como essa representação contribui para o desenvolvimento dos jovens leitores. A análise será conduzida a partir dos critérios estabelecidos pelo PNLD Literário, que considera, entre outros aspectos, o impacto da obra na formação emocional e ética dos estudantes. Nesse sentido, a análise concentra-se em três aspectos principais: a forma como a morte é apresentada na obra, o impacto dessa representação sobre os personagens e a influência potencial na formação do leitor. *Eu Vi Mamãe Nascer* não apenas retrata a morte, mas o faz de maneira a incentivar a reflexão crítica e o desenvolvimento de empatia e resiliência.

A abordagem teórica desta dissertação inclui, além de outros autores, Alice Martha (2009), que discute as diversas abordagens literárias destinadas ao público juvenil, com ênfase em temas complexos, como a morte, e sua relevância para o amadurecimento emocional dos leitores. Especificamente no que se refere à morte, baseamo-nos nos estudos de Lottermann (2009), que explora como a morte é apresentada a crianças e jovens nas obras literárias, oferecendo uma perspectiva sobre como esse tema pode ser tratado em textos voltados para o público juvenil. Também recorremos às reflexões de Jean Zigler (1977), que analisa a concepção de morte no Ocidente, identificando de que maneira os valores culturais influenciam a percepção da finitude e da mortalidade. Por fim, o trabalho de Becker (1973) é fundamental para essa análise, uma vez que o autor discute a morte como um elemento essencial da condição humana, destacando como a negação e o medo da morte moldam comportamentos e atitudes nas sociedades ocidentais.

A morte, frequentemente evitada ou silenciada, é uma questão central nos conflitos humanos, despertando sentimentos de medo e curiosidade. Na literatura juvenil, ela surge como um tema que permite aos jovens leitores confrontarem seus medos e reconhecê-la como parte inevitável da vida. Assim, ao investigar as representações da morte na literatura juvenil brasileira contemporânea, esta pesquisa busca demonstrar o papel transformador que a literatura pode exercer, oferecendo aos jovens não apenas um espaço de reflexão, mas também a oportunidade de encarar e aceitar a inevitabilidade da morte.

1. A LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: QUATRO DÉCADAS DE NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE

“[...] Ja literatura juvenil é um terreno fértil, com diferentes possibilidades ao abracer contextos sociais, políticos e educacionais”

(Oliveira-Iguma, 2019, p. 23)

Se por um lado, a literatura infantil ainda hoje é motivo de estudos com grande profusão de trabalhos nessa área da educação e da diversidade nos livros literários, o fenômeno da literatura classificada como juvenil emergiu nas últimas quatro décadas, ocupando cada vez mais espaço no cenário da literatura brasileira, alcançando expressiva representatividade com autores, títulos e número de exemplares vendidos. Essas transformações estão conectadas ao novo contexto dos jovens, relacionados também às novas possibilidades ligadas ao material literário diversificado oferecido aos leitores, sendo determinante na resolução de visão de mundo que se inicia diante da importância do desenvolvimento do gênero.

Então, nas últimas décadas, esse espaço caracterizou-se possivelmente por duas motivações: a primeira em razão do surgimento do termo juventude, estando vinculado à transição relacionado a mudança de faixas etárias situadas entre a infância e a idade adulta dividindo a “literatura juvenil” – separada do termo “infantil” –, “[...] gênero razoavelmente autônomo – em oposição à literatura infantil – deu-se por volta de meados da década de 1970, quando passa a contar com um conjunto relevante de autores e de obras associados especificamente a um público leitor jovem [...]” (Ceccantini, 2010, p. 80), sendo esse um fator relevante para diferenciação junto com a comercialização de livros para esse público, coincidindo com a emergência da cultura jovem.

A segunda motivação, por sua vez, consiste na literatura juvenil vista como um segmento considerado como um excelente propagador de compra de produtos que disputam avidamente a atenção na cultura juvenil. Vale ressaltar que, inquestionavelmente, a circulação e a divulgação dessa literatura têm sua importância, pois ela é uma manifestação universal quando busca “soluções estéticas inovadoras na busca de estabelecer um diálogo mais próximo do leitor adolescente” (Turchi, 2016, p. 85) e é marcada pelo “seu caráter urbano e tecnológico” (Turchi, 2016, p. 86) o que faz jus a sua popularidade.

Com efeito, a literatura juvenil constrói sua emblemática força obtendo características internas próprias (língua, temas, imagens) com um determinado número de títulos no mercado e com uma certa anuência do público jovem legitimando-se com *status* de fenômeno literário trazendo temáticas em suas narrativas até então vistas como *tabus* pela literatura, como: incesto, aborto, sexualidade, violência, separação, drogas, morte, entre outros assuntos hoje nomeados temas fraturantes, sensíveis ou difíceis de falar. As narrativas juvenis passam a ser pautadas pela introspecção psicológica, uma vez que muitos dos problemas existenciais abordados nos textos coincidem com as vivências do cotidiano de muitos jovens. Logo, a leitura desses textos literários possibilita que o leitor possa compreender a sociedade em que vive, bem como o outro com suas particularidades.

Nesse prisma de encaminhamentos sobre a ascensão da literatura juvenil apontamos a tese do professor João Luís Ceccantini, sob o título de *Uma estética da formação*: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada, defendida no ano 2000 com uma pesquisa de forte contribuição nos trabalhos subsequentes. A pesquisa foi organizada no seguinte parâmetro, sob as décadas de 1978 e 1997 com as produções das obras premiadas na categoria juvenil através da Câmara Brasileira do Livro (CBL), Prêmio Jabuti, da Fundação Nacional do livro infantil e Juvenil (FNLIJ) e da Associação Paulista de Críticos das Artes (APCA), somando um total de 27 narrativas como *corpus* da pesquisa. Segundo o autor o recorte feito foi para estabelecer uma determinada base de investigação, em que ele afirma: “optei por trabalhar apenas como gênero narrativo, privilegiado as ‘narrativas longas’” (Ceccantini, 2010, p. 25).

Quanto aos estudos posteriores à pesquisa do Ceccantini, destacamos as investigações de Alice Áurea Penteado Martha (2008), Diana Navas (2019), Gregorin Filho (2016) e Ligia Cademartori (2009). A seleção desses autores se baseia em suas significativas contribuições para a pesquisa na área da literatura juvenil e visa a construir uma narrativa historiográfica, com o propósito de preencher lacunas existentes nos estudos desse gênero literário.

Assim, a literatura juvenil brasileira aos poucos vem se classificando em textos cujo objetivo principal é “[...] expressar experiências humanas de cunho existencial/social/cultural, numa construção estética (literária) apropriada à experiência de vida e a um tipo de linguagem específico de seu público-alvo” (Gregorin Filho, 2011, p. 65), além de, conceber novos contornos, enriquecendo-se em qualidade literária alcançando, por isso, maior espaço tanto entre o público leitor, quanto na crítica literária, ensejando também o estudo, ainda que incipiente, da literatura juvenil.

Segundo Gregorin Filho (2011), a análise de narrativas juvenis deve ser comparada a avaliações feitas em obras de artes, ou seja, ter um olhar crítico perante a experiência cultural e

social humana. Tomamos como pressuposto o fato de que, a partir dessa concepção no que se refere um viés crítico e dialógico que permeiam o universo juvenil. Essa premissa essencialmente reconhece que, ao abordamos as experiências juvenis, é crucial adotar uma perspectiva que transcreva a simples observação superficial, abrindo espaço para análise crítica e para o estabelecimento de diálogos profundos.

Nessa abordagem, busca-se compreender não apenas as manifestações visíveis da cultura juvenil, mas também as camadas mais profundas que moldam as percepções, as identidades e as interações dos jovens. O viés crítico em questionar preconceitos, estereótipos e normas sociais que podem influenciar a compreensão convencional do que significa ser jovem. Por sua vez, o caráter dialógico desta concepção destaca a importância de estabelecer uma comunicação constante com os jovens. Isso implica não apenas dar-lhes voz, mas também criar um espaço onde duas opiniões, experiências e perspectivas sejam levadas em consideração de uma maneira significativa. Esse diálogo bidirecional contribui para a construção de uma compreensão mais rica e autêntica das complexidades que envolvem a juventude.

Diante do contexto voltado a narrativas juvenis, reconhecemos a dimensão das fronteiras que a literatura juvenil alcançou. Em seu escopo algumas obras alimentam o imaginário juvenil, possuem temáticas, elementos gráficos e concepções visando a atender os anseios dos jovens leitores. Assim, diante das descrições supracitadas, na próxima seção avançamos para os estudos críticos nessa área baseados na crescente preocupação com a leitura a partir de discussões sobre os métodos de análise mais apropriados para lidar com um campo literário em constantes transformações.

1.1 Literatura juvenil e o público juvenil: especificidades, tendências, obras e autores

“É impossível prever quais serão os livros aptos a ajudar alguém a se descobrir ou se construir”
(Petit, 2013, p. 42).

Independentemente da classificação dos textos literários direcionados ao público juvenil, é preciso entendermos suas especificidades, tendências, obras e autores. Alguns pontos importantes como: o estilo, o leitor, se há ou não uma preocupação em abordar certas temáticas/temas, censura e a responsabilidade ética ao escrever para esse leitor. Em face desses conceitos, é evidente que haja a premência de marcas textuais para o público juvenil. Sobre isso, Ceccantini (1993) afirma que há algumas especificidades relacionadas a esse gênero, tais

como: o emprego do presente do indicativo temas *tabu* (evitados) personagens juvenis como protagonistas e adultas ficam em um segundo plano e há também um uso mais livre da fantasia. Ainda, segundo Ceccantini, a literatura juvenil “[...] não encontra sua definição em algo que lhe seja intrínseco, como o assunto de que trata, por exemplo, mas em uma instância que se encontra fora da obra – o público.” (1993, p. 240).

A consideração apresentada leva-nos a refletir sobre quais foram as propostas que esse “produto” incorporou durante sua construção e imersão no trato de conteúdos para essa faixa etária. Inicialmente, o compromisso com tantos seguidores, seja qual for a mídia provoca o enlace e a disseminação entre os mesmos e o mercado livreiro, a saber: a apresentação estética de acordo com o imaginário do jovem, concepção do projeto gráfico-editorial, distribuição e conteúdo do seguimento como um fator que ganhou proporções, enriquecendo sua qualidade literária e alcançando, por isso, maior espaço com esse público, em específico “[...] além de romper com as fronteiras entre os gêneros, trazem a fusão entre diferentes linguagens denotando seu caráter contemporâneo e inovador” (Dias; Carvalho, 2019, p. 266).

Acerca desses aspectos, cabe-nos ressaltar que este gênero apresenta algumas outras especificidades conforme os pesquisadores Dias e Carvalho (2019, p. 259):

[...] temas atraentes e uma linguagem muito próxima à do uso cotidiano, denotando familiaridade ao jovem em contato com esse tipo de criação literária, aproximando assim obra e leitor, com uso de um vocabulário que dialoga por vezes com as vivências dos jovens de modo geral com vocábulos do contexto juvenil, bem como com suas vivências. (Dias; Carvalho, 2019, p. 259).

Nessa lógica, Dias e Carvalho (2019, p. 264-265) explicam, em complemento, que:

[...] a Literatura juvenil possui a capacidade de oferecer ao leitor uma produção que dialoga com a tradição literária, o que permite comprovar em vista disso, sua natureza opulenta e acentuada, considerando que não se afasta das raízes literárias. Pelo contrário, reinventa seu texto com criatividade e qualidade estética, sendo assim uma literatura autêntica e digna de reconhecimento por parte da crítica, ademais de proporcionar ao leitor a oportunidade de apreensão do mundo que o rodeia. (Dias; Carvalho, 2019, p. 264-265).

Acompanhando o que diz os autores supracitados a respeito das especificidades sobre o gênero, que se volta para a juventude, constata-se inclusive sua contribuição na criação de elos de leitura que facilitem o acesso e compreensão de obras geradoras de conflitos como: os recursos da ficção para compreender a realidade, a forma, a estrutura, o significado das

experiências trazidos por elas, causas, efeitos e finalidades compreendem o seguimento da literatura para jovens.

Isto posto, ainda que a literatura juvenil não se adapte às complexidades já existentes, procura-se a partir de novas experiências, como pode ser visto na caracterização feita por Colomer (2003, p. 175) do destinatário dessas literaturas:

Um leitor cuja idade aumenta, que amplia progressivamente suas possibilidades de compreensão do mundo e do texto escrito, e a quem, portanto, dirigem-se textos que deveriam diferenciar-se segundo as características psicológicas da idade e segundo a complexidade das exigências de leitura.

Os leitores deparam-se sempre com textos investidos de sua materialidade, lidam com objetos cujas formas geram significações, norteando e comandando sua leitura, apropriação e compreensão. Em outras palavras, foi empregando um novo olhar sobre uma nova maneira de falar sobre literatura para os jovens, também novas concepções culturais e engajamentos para além dos literários. Neste caso, alheio a muitas imposições de conhecimento de escolhas capazes de afastar o leitor da literatura, inclusive de mercado, o gênero tem seu valor no que envolve elementos para sua circulação entre o público leitor.

As produções literárias direcionadas ao público juvenil são decorrentes de reflexões e de transformações como afirma Gregorim Filho (2014):

Em se tratando especificamente da literatura produzida para os jovens, é importante que esses leitores entendam o surgimento desses textos como reflexões ocasionadas por transformações ocorridas na própria dinâmica da vida em sociedade, grande promotora de mudanças nas formas de ver o outro e de dialogar esteticamente na e com a sociedade. (Gregorim Filho, 2014, p. 26).

Corroborando com a reflexão de Gregorin Filho a respeito da literatura estabelecida especificamente para um olhar o juvenil, podemos assentir que ela é uma literatura engajada, que assume compromissos e compromete-se com mudanças temporais a que é submetida. Para mais, é interessante destacar a predisposição para uma identidade própria, que se reinventa com especificidades bem atuais quando se fala sobre o fazer literário, confirmando assim o seu espaço enquanto literatura em ascensão e emancipada.

Ainda como exemplos de especificidades discorremos aqui alguns exemplos de pesquisadores que expõem de maneira didática esses conceitos. Como um primeiro conceito, apresentamos a tese de doutorado *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade*

do gênero, defendida no ano de 2009, por Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel. A pesquisadora argumenta que, a literatura juvenil sofreu significativas mudanças na fase de transição da juventude para a fase adulta, apresentando em sua estrutura uma narrativa mais complexa, enriquecida na qualidade estética, na abordagem temática e, por conseguinte, negando o caráter pedagógico, moralista e edificante. Cruvinel (2009, p. 16) sinaliza que:

Se em seus primórdios a literatura juvenil buscava apresentar uma visão pedagógica, os ideais educativos vão sendo gradualmente repensados. O moralismo e o didatismo cedem espaço para a tematização dos conteúdos ligados à realidade do adolescente. Os temas de todos os tempos, como a morte, o amor, a perda, são abordados a partir de um olhar do jovem (Cruvinel, 2009, p. 25).

Isso demonstra que há uma preocupação com o processo de formação humana, levando em consideração o protagonismo juvenil tendo em mente o seu amadurecimento, visto que os conflitos sobre seus anseios e lutas cotidianas são mais propensos nessa fase principalmente quando existe uma transição real. Nessa esteira de pensamento, Ricardo Azevedo (2010, p. 2) assevera que:

[...] as paixões; a busca do autoconhecimento; utopias pessoais; sonhos e conflitos humanos; sentimentos como amor, ódio, desespero, inveja e orgulho; a dificuldade em separar realidade e ficção; as lutas do velho contra o novo; a construção da voz pessoal e a busca de um sentido para vida, entre muitos outros assuntos, vale repetir, não passíveis de lições, embora cotidianos e de extrema importância para todos nós.

Em continuidade, Nathalia Costa Esteves, desenvolveu um trabalho intitulado *Heróis em trânsito*: narrativa juvenil brasileira contemporânea e construção de identidades (2011), no qual constatou, sob uma perspectiva multidisciplinar, como se dá a construção da identidade na literatura destinada aos jovens, por meio de um corpus composto por treze narrativas juvenis de diferentes autores brasileiros. Nas treze obras que compõem o corpus de sua pesquisa, analisou o trabalho gráfico, as temáticas abordadas em cada obra, a ambientação, a linguagem, o papel do narrador e, principalmente, a trajetória dos protagonistas em busca de sua identidade chegando à seguinte conclusão:

Os textos apresentam o cotidiano de jovens que convivem com as exigências do mundo pós-moderno (a ditadura da magreza, a separação dos pais, o consumismo), além de questões que acompanham essa fase da vida desde seu surgimento há séculos atrás (como necessidade da burguesia), como as incertezas e dúvidas em relação ao primeiro amor, a descoberta do sexo, a

difícil relação com os pais. As treze narrativas refletem com muita sensibilidade as alegrias e tristezas que fazem parte dessa fase da vida. Para tanto, a linguagem utilizada acompanha o universo juvenil; o narrador procura evitar qualquer tipo de julgamento ou moralismo; o projeto gráfico instiga a leitura e atrai a atenção do jovem leitor. Todas essas características justificam a atenção que o gênero juvenil vem recebendo por parte de pesquisadores, editores e escritores (Esteves, 2011, p. 142).

Dando seguimento, Kátia Caroline de Matia defendeu sua tese intitulada: *A narrativa juvenil brasileira: entre temas e formas, o fantástico* (2017). A pesquisa buscou mostrar como o fantástico manifesta-se nos livros juvenis brasileiros, no qual selecionou como *corpus* de sua pesquisa dez narrativas juvenis publicadas desde a década de 1970 até a atualidade, na tentativa de verificar como esse gênero tem sido apresentado aos leitores jovens. A pesquisadora considerou, em um primeiro momento, as recorrentes temáticas da narrativa juvenil e classificou as obras analisadas em três linhas: histórica e social; linha intimista e psicológica e linha de terror e mistério para, em um segundo momento, analisar a temática, a ambientação, a configuração dos personagens, a voz narrativa, a trama e a linguagem das narrativas selecionadas pelo viés do fantástico. Feito isso, ela chegou à seguinte conclusão:

[...] é possível afirmarmos que a modalidade do fantástico na narrativa juvenil brasileira, longe de se restringir a uma estratégia para atrair o leitor literário em formação ou de se destacar como formas de apelo ao mercado, com exceções observadas nas análises, permite que a narrativa se adeque aos jovens leitores pela qualidade da escrita criativa empreendida pelos autores tanto no nível temático e discursivo quanto estrutural, e por colocar em cena os problemas sociais, históricos, psicológicos e os medos que perpassam a vida dos jovens [...] (Matia, 2017, p. 161).

Todas as pesquisas citadas dedicam-se a examinar as particularidades da literatura juvenil alinhadas com o nosso trabalho, no que diz respeito à investigação das produções e estudos relacionados às configurações desse gênero literário. É importante ressaltar que essas investigações estão em harmonia com o nosso estudo, uma vez que reforçam a compreensão das obras dirigidas ao público jovem, que refletem as ansiedades inerentes a essa fase da vida. Além disso, corroboram a nossa ideia sobre a crescente demanda e importância das pesquisas relacionadas à literatura juvenil. Também é relevante mencionar que é possível identificar características e tendências voltadas para o público juvenil.

Nessa perspectiva, o trabalho de críticos e de pesquisadores contribui para uma melhor qualidade das obras de arte contemporâneas, entre elas, a literatura. As pesquisas apresentadas nessa seção foram precípuas para compreendermos algumas situações que merecem ser comentadas sobre as especificidades da literatura destinada especificamente para o público

juvenil. Nesse sentido, constata-se que as investigações que se debruçam nos estudos sobre as especificidades dos textos juvenis são praticamente incipientes, visto que esse enlace das categorias da literatura juvenil ainda está em processo de amadurecimento, e que paulatinamente vai ganhando novos delineamentos e enriquecendo cada vez mais o espaço nos estudos de fôlego e historiográficos sobre a juvenil.

Dentro dessa incipiência epistemológica caracterizadora dos estudos sobre literatura juvenil, trabalhos mais especificamente voltados às questões com temas sensíveis ou polêmicos ainda são mais embrionários. Embora consoante, afirmamos que é possível encontrar uma relativa profusão de trabalhos como artigos, por outro lado basta uma consulta ao Banco de Teses da CAPES para diagnosticar as pouquíssimas pesquisas a nível de Mestrado e Doutorado que contemplam essa perspectiva. É neste sentido que Ceccantini afirma:

[...] o que tem sido feito em termos da pesquisa voltada para os enormes números, dígitos, cifras que envolvem o universo da literatura infanto-juvenil contemporânea deixa ainda muito a desejar. Faltam: obras de referência de toda sorte – biografias, dicionários, antologias, entre outros; estudos monográficos sobre um determinado autor ou uma determinada obra, dos mais simples, aos mais complexos, que procurem integrar ambos os aspectos na análise; pesquisas mais generalistas, que deem conta de questões teóricas representativas para a literatura infanto-juvenil brasileira; estudos panorâmicos, considerando conjuntos de autores e obras, empenhados em apontar tendências estéticas, ideológicas etc.; estudos voltados para a recepção da literatura infanto-juvenil em contexto escolar; isto, para citar de modo genérico algumas entre outras lacunas. (Ceccantini, 2000, p. 20-21).

Para Ceccantini (2000) a literatura juvenil é um campo novo, é necessário que a crítica pesquise de forma mais sistemática as características da produção literária voltada para um leitor específico. Contudo, observamos, também, a partir do cabedal de pesquisas analisadas, o crescimento da literatura juvenil brasileira de excelente qualidade estética, com uma gama diversificada de autores e de obras e desvinculada de preocupações pedagógicas evidentes.

Nesse norte, fizemos considerações sobre o aspecto das especificidades da literatura juvenil, porém outro aspecto de construção da literatura juvenil também está em evidência em nosso trabalho que são as tendências. Assim sendo, duas pesquisadoras destacam-se em relação a essa discussão, a saber, Gabriela Luft (2010) e Alice Áurea Penteado Martha (2011), pois apresentam em pesquisas as principais tendências e linhas temáticas da narrativa juvenil brasileira até os anos 2011 Martha (2011), esclarece que “as narrativas denominadas juvenis apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural que transitam autores e receptores” (Martha, 2011, p. 12).

De outro modo, Luft (2010), ao estudar a literatura juvenil premiada no início do século XXI (2001-2009), observa a presença de uma diversidade de linhas temáticas na literatura destinada aos adolescentes.

Sobre isso, Luft (2010) destaca:

A tendência predominante nas narrativas juvenis brasileiras contemporâneas explora, de uma maneira geral, temáticas acerca do amadurecimento e da aprendizagem humana de jovens protagonistas que buscam o conhecimento de si mesmos e dos outros. Questões comportamentais e familiares são também abordados com frequência, por meio de enredos que cedem espaço para assuntos polêmicos, como o preconceito, a adoção e a morte (Luft, 2010, p. 29).

E, buscando identificar tais tendências, a pesquisadora organizou uma sequência de temáticas predominantes em cada obra. Ela estabelece tipologias nas seguintes linhas:

- *Introspecção psicológica*: Essa é a tendência predominante das narrativas juvenis brasileiras. Exploram a vida interior das personagens, na maioria dos casos, adolescentes. Os aspectos psicológicos dos protagonistas e a abordagem de conflitos familiares e amorosos, além do espaço dado a assuntos polêmicos presentes na vida do jovem atual, a exemplo da morte, medo, dor, preconceito e solidão são inovações temáticas da literatura juvenil contemporânea. Podemos ver essa tendência em: *O rapaz que não era de Liverpool* (2006), de Caio Riter; *O duelo o Batman contra a MTV* (2004), de Silvana de Menezes; *A distância das coisas* (2008), de Flávio Carneiro;
- *Denúncia social*: Temática com engajamento político e ideológico preocupada em conciliar literatura e denúncia social, abordando temas urgentes e que assolam a população brasileira tais como a violência e corrupção. Tais narrativas, na maioria das vezes, apresentam personagens juvenis intimamente ligados às várias crises do mundo social. “[...] O adolescente, enquanto leitor, é chamado a vivenciar problemas que, abordados pela literatura, possibilitam muitas vezes a construção de respostas pessoais para os conflitos vividos” (Luft, 2010, p. 78). Tem-se como exemplo: *Mohamed, um menino afegão* (2002), de Fernando Vaz;
- *Fantasia*: Embora com menor frequência na literatura juvenil brasileira contemporânea, nesta tendência tem-se o intercruzamento do Maravilhoso e do Fantástico com a realidade. Tem-se nos contos de Marina Colasanti em, *Penélope*

manda lembranças (prêmio FNLIJ 2001) e *Luna Clara & Apolo Onze* (2012), de Adriana Falcão são exemplos dessas situações.

- *Relações amorosas*: As relações amorosas integram boa parte das narrativas premiadas. Nas demais, é apenas uma das muitas temáticas abordadas, apresentando papel secundário. Tem-se na *Fábulas do amor distante* (2003), de Marco Túlio Costa;
- *Narrativas policiais, investigativas*: Histórias repletas de mistério e com clima detetivesco nas quais apresentam personagens adolescentes envoltos na elucidação de crimes e sequestros. Exemplo em: *O dia em que Felipe Sumiu* (2017), de Milu Leite;
- *Terror e suspense*: Narrativas que fazem uso do tom fantasmagórico e do clima de assombração, terror e suspense. É uma linha pouco presente na literatura juvenil premiada nos últimos anos. Tem-se na *Cidade dos deitados* (2008), de Heloisa Prieto;
- *Valorização da cultura popular*: Presente em obras que propõem uma valorização da cultura popular por meio da recuperação de mitos, contos e lendas indígenas e africanas, resultando “[...] em uma literatura capaz de seduzir seus leitores, propondo-lhes, ao mesmo tempo, a reflexão sobre suas origens e as tradições de modo a resgatar, no passado da cultura, sua participação na manifestação do presente” (Martha, 2011, p. 129). Podemos encontrar nas *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena* (2009), de Daniel Munduruku; *No meio da noite escura tem um pé de maravilha*, (2002) de Ricardo Azevedo e *Contos de enganar a morte* (2005), de Ricardo Azevedo;
- *Romance histórico*: apesar de pouco recorrente no estudo de Teresa Colomer (2003), é uma forte tendência da literatura juvenil brasileira publicada nos últimos anos. As narrativas desta linha utilizam-se de fatos ou momentos da história oficial para abordar temáticas mais universais. Encontramos essa tendência em *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai* (2003), de Maria Filomena Bouissou Lepecki; *Era no tempo do rei: um romance da chegada da corte* (2007), de Ruy Castro; *Chica e João* (2000), de Nelson Cruz; *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta* (2007), de Joel Rufino dos Santos;
- *Intertextualidade*: textos que referenciam manifestações artísticas, sobretudo a tradição literária canônica, estão muito presentes nas narrativas juvenis brasileiras, pressupõem o reconhecimento por parte do leitor e importantes para a formação literária do jovem leitor. Tem-se em *O Mário que não era de Andrade* (2001), de Luciana Sandroni; *No longe dos Gerais* (2004), de Nelson Cruz; *Ciumento de carteirinha* (2006), de Moacyr Scliar; *Lis no peito: um livro que pede perdão* (2005),

de Jorge Miguel Marinho; *Heroísmo de Quixote* (2005), de Paula Mastroberti; *O fazedor de velhos* (2008), de Rodrigo Lacerda.

Para Luft (2010), a contemporaneidade é “uma fase de amadurecimento dessa literatura, dado o surgimento de um bom número de autores novos e da diversidade de temáticas trabalhadas” (Luft, 2010, p. 128). Deveras, tais aspectos não são suficientes para sinalizar maturidade artística, porém assiste razão à autora, no sentido de confirmar o desenvolvimento dos textos literários juvenis, quando aponta, além de novas formas de representação do mundo e da maior exigência de participação do leitor, “[...] um aumento da complexidade narrativa, por meio da adoção de perspectivas focalizadas, vozes narrativas intradiegéticas e anacronismos na ordem do discurso.” (Luft, 2010, p. 128).

Nesse caminho, cabe lembrar também as tipologias observadas por Martha (2011), em algumas obras verificando as seguintes linhas ou tendências:

- *Linha psicológica*
- *Linha folclórica*
- *Linha histórica*
- *Linha do realismo cotidiano ou de denúncia*
- *Linha de suspense e/ou terror*
- *Linha policial*

Complementando, outras tendências foram verificadas na literatura juvenil contemporânea, já que, segundo Gregorim Filho (2011), encontra-se a presença de:

- Apelo à curiosidade do leitor;
- Preparo psicológico do leitor para a vida;
- Dialogismo;
- Questões mais realistas;
- Literatura inquieta e questionadora;
- Apelo à visualidade;
- Tecnologia e múltiplas linguagens;
- Hipertextualidade.

Para nossa pesquisa, colocamos em evidência a tendência realista, a qual se aproxima do universo de referências dos leitores alvo dos escritores tanto no que se refere aos aspectos

histórico-sociais como aos psicológicos e linguísticos, em que concentra obras que buscam retratar o cotidiano típico de um jovem, seus costumes, aventuras, problemas sociais e reflexões psicológicas. Como exemplo literário as obras de Lygia Bojunga aproximam-se das vivências e leitura dos jovens.

No que diz respeito às tendências mencionadas, torna-se evidente a busca pela autenticidade ao estabelecer um diálogo direto com o leitor, alinhando-se com sua realidade. Isso se manifesta especialmente na abordagem de assuntos que tocam áreas sensíveis, como temas considerados *tabus*, a exemplo da morte, luto, suicídio e estupro. Refletir sobre essas tendências na recepção literária é fundamental para estabelecer uma conexão mais profunda entre a obra e o leitor. Essas tendências moldam a maneira como interpretamos e nos relacionamos com os textos literários.

A produção de obras que se alinha a essas tendências não se limita apenas à escolha de temas controversos, mas vai além, evocando questionamentos e explorando teoricamente a dicotomia entre realidade e ficção para o público leitor. Dessa forma, quando uma obra evidencia sua tendência, ela não se restringe apenas à temática, mas também propicia o amadurecimento do jovem protagonista, que, por meio dos enredos, absorve conhecimento e se confronta com questões comportamentais abrangentes.

Essas tendências, ao serem incorporadas na produção literária destinada aos jovens, não apenas desafiam convenções, mas também oferecem uma perspectiva enriquecedora sobre o processo de amadurecimento. Através dessas abordagens, o texto não apenas entretece tramas envolventes, mas se torna um veículo para a reflexão crítica e a exploração de nuances complexas que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional do leitor jovem. Portanto, ao reconhecer e incorporar essas tendências, os escritores não apenas ampliam as fronteiras da literatura juvenil, mas também proporcionam uma experiência literária mais profunda e significativa.

Desse modo, outrora se as obras juvenis eram ocultadas/camufladas por exibirem temas fraturantes para não chocarem os leitores, hoje as narrativas juvenis apresentam tais obras de forma inovadora e destemida, rompendo barreiras, preconceitos, estéticas e sendo reconhecida no mercado literário como literatura de qualidade, uma vez que “um número significativo de autores experientes e premiados, com reconhecimento do público e da crítica, garantem, ao lado de novos autores, uma produção constante e de reconhecida qualidade estética.” (Luft, 2010, p. 175).

Complementando o exposto, embora a literatura juvenil ainda hoje ser nomeada como “literatura menor” ou “literatura focada em problemas” (Cruz, 2011 *apud* Ewers, 1997), a

produção de obras através de uma tendência da literatura juvenil evoca e privilegia diversos caminhos que o texto pode fazer enquanto a abordagem de questões ligadas a problemáticas que caracterizam e afetam a vida dos jovens. Essa constatação é outra base para a discussão de tais temáticas já que, muitas vezes, o jovem, no seu contato com o fazer literário, não se vê representado, não vê seu universo cultural refletido esteticamente no/pelo livro de literatura.

A análise das temáticas preponderantes nas narrativas juvenis brasileiras contemporâneas permite afirmar que, configuram-se novos modelos na representação literária do mundo, os quais supõem a renovação dos padrões literários existentes. No que se refere à materialidade de narrativas, a cada ano aparecem uma infinidade de títulos e autores ligados à literatura juvenil. Entre os novos autores destacamos Caio Riter (1962) apontado pela crítica, como um dos nomes da produção juvenil como destaque no cenário de produto com qualidade, direcionada a esse público e que circula pelos espaços do campo literário, com publicações juvenis premiadas sob os títulos: *Chico* (2001), *Atrás da porta azul* (2004), *Debaixo de mau tempo* (2005), *O rapaz de Liverpool* (2006), *O tempo das surpresas* (2007) e *Meu pai não mora mais aqui* (2008). Frisamos também que constam outros autores em catálogos de editoras, listas de prêmios, indicações de programas de leitura, trabalhos acadêmicos e da crítica especializada.

Podemos observar nas obras de Riter, o elemento realista, já citado anteriormente quando falamos de tendências. As narrativas retratam conquistas (amores, amizades, crescimento, reconhecimento da identidade) e perdas (mortes, separações, situações violentas). Além disso, observamos familiaridade nas histórias que transitam também na realidade de muitos jovens como exemplo: *O garoto que não era de liverpool* (2006) a qual, narra as frustrações de um jovem de 15 anos ao saber que é adotado, imprimindo os sentimentos e as emoções aflorados após a descoberta. O autor faz referências lógicas ao que se aproxima do cotidiano de vários leitores no que diz respeito a reflexões existências e a crises de identidade.

Certamente, o cenário juvenil no Brasil está em constante evolução, e novos autores emergem, contribuindo para a diversidade e riqueza desse universo. Alguns exemplos notáveis incluem: *Iluminuras* (2016), de Rosana Rios; *O caderno da avó Clara* (2017), de Susana Ventura; *O Inverno das Fadas* (2019), de Carolina Munhóz e *Bateria 100% carregada* (2020), de Severino Rodrigues. Esses autores e suas obras representam uma amostra da literatura juvenil contemporânea, que oferece aos jovens uma gama diversificada de histórias, estilos e perspectivas. Em constante renovação e expansão do cenário literário garantem que os adolescentes tenham acesso a uma variedade crescente de narrativas que podem inspirar, entreter e desafiar seus pensamentos.

Contudo, constata-se uma exímia fase de amadurecimento da literatura juvenil dado o surgimento de novos autores novas diversidades de temáticas por eles trabalhadas. Esse período em especial está relacionado à modernização das narrativas impulsionadas pelas modificações e pelos limites literários sobre o que se considera adequado ou não em obras dirigidas aos jovens.

Para finalizar, é importante salientar que, a literatura destinada aos jovens é detentora de atrativos, dimensões complexas e inovadoras capazes de conquistar leitores em formação impulsionando a relação dimensões inimagináveis de renovação e de criações significativas para os jovens leitores. Assim, no seu escopo ganha lugar de destaque por ser uma literatura diversificada, em que o jovem pode finalmente se sentir representado dentro da sociedade através do leque de prerrogativas diferentes que podem ser vivenciadas por esse indivíduo. “Afinal, como abrimos nosso texto, jamais saberemos qual é a busca do nosso leitor e quais obras contribuíram com o seu crescimento” (Iguma, 2017, p.47).

Nesse universo ficcional a literatura juvenil insere-se, suprindo necessidades a partir dos interesses dos jovens, ou seja, a temática abordada na obra varia de acordo com o destinatário pressuposto, ou seja, varia de acordo com o gênero, a classe social, a etnia, a época, a região, entre outros aspectos. Essa literatura por muitas vezes tomada como uma literatura com vertentes problemáticas, apostava em direções capazes de aguçar a sensibilidade dos seus leitores a partir de direções diferentes. A morte é um tema universal e atemporal. Na literatura juvenil, ela pode ser explorada de várias maneiras: como jornada de aceitação, uma busca por significado ou uma oportunidade para discutir a finitude da vida. Autores habilidosos conseguem abordar a morte com sensibilidade, oferecendo aos jovens leitores ferramentas para lidar com a perda, a saudade e a compreensão da própria mortalidade. Assim, temos a morte como temática na nossa próxima secção, criando novas possibilidades e efetuando sentido na compreensão de finitude.

1.2 Um olhar para a morte: resgate de representações

“[...] é o aspecto perecível e destruidor da vida. Como índice do que desaparece na evolução fatal das coisas, a Morte prende-se à simbólica da Terra. Divindade que introduz as almas nos mundos desconhecidos das trevas dos Infernos ou nas luzes do Paraíso, patenteia sua ambivalência, como a Terra, relacionando-se, de alguma forma, com os ritos de passagem”

(Brandão, 1986, p. 227).

A morte é indiscutivelmente um assunto atemporal que nunca irá extinguir-se. Desta maneira, iniciamos esse tópico, detalhando o módulo conceitual da morte, que é útil para demonstrarmos que existem diversos conceitos e representações da morte nas sociedades, haja vista que é um evento que todos vamos passar e nosso inconsciente é composto de várias representações daquilo que vivemos, sendo esta a única certeza, pois o incerto é o que ocorre depois dela.

Segundo o dicionário Etimológico da Ling. Portuguesa (2010), de Antônio Geraldo da Cunha, a palavra morte² significa “fim da vida, falecimento, termo, destruição” tem sua origem no latim, das formas *mortis* e *mors* que está associada ao verbo *mori*, que significa “morrer”. Ainda com raízes no indo-europeu (*mer*), este núcleo está ligado às formas em sânscrito (*mrtih*), no lituano (*mirtis*), no irlandês antigo (*marb*), no armênio (*meranim*), no alemão (*murthran*) e no anglo-saxão (*morb*). De acordo com o Dicionário Aurélio (2001, p. 472) o conceito de morte consiste na “[...] cessação definitiva da vida ou da existência, Desaparecimento ou fim de qualquer coisa, Sentido figurado: grande pesar ou sofrimento e Destruição, perdição ou ruína”.

Outro elemento são as metáforas que utilizam termos genéricos para alusão à morte como as expressões “morte é esquecimento”, “morte é viagem”, “morte é isolamento”, “morte é escuridão”, “morte é tristeza”, “morte é vazio”, “morte é fim”, “morte é castigo”, dentre outras interpretações diante do momento do fim quando ela é conceitualizada. Essas metáforas que envolvem a morte são uma parte intrínseca da literatura, atravessando culturas e épocas. Elas nos permitem compreender e expressar o inexprimível, tornando o conceito mais palpável e simbólico.

Na mitologia grega a personificação da morte era conhecida como Thánatos ou Tânato. Segundo Brandão, no livro *Mitologia Grega* (1986) Tânatos era descrito como destruidor da vida e dissipador da evolução da vida e que se faz presente de alguma forma nos ritos de passagem das trevas ou as luzes do paraíso. Em outro conceito descrito como “[...] libertadora dos sofrimentos e preocupações, a Morte não é um fim em si, ela pode nos abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira: *mors ianua uitae*, a morte é a porta da vida” (Brandão, 1986, p. 227).

Porém, por que não gostamos de evocá-la? Por que usamos expressões que não condizem com a realidade? Essas são questões que refletem atitudes na sociedade. Sendo assim, os eufemismos são usados para a morte, compostos por “Dormiu o sono dos justos”, “Deixou

² Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

o plano material”, “Cumpriu a missão”, “Esticou as canelas”, “Deus levou”, “Partiu para a terra dos pés juntos”, “Vestiu o pijama de madeira” e diversas outras maneiras de dizer que alguém partiu.

Nesse contexto, muito se fala sobre a imagem iconográfica da morte. Segundo Brandão (1986, p. 227), “Tânatos é representado por um túmulo, uma personagem armada com uma foice, um gênio alado, dois jovens, um preto, outro branco, um esqueleto, um cavaleiro, uma dança macabra, uma serpente, um animal psicopompo, como o cavalo, do cão...”. Sobre essas simbologias, Brandão ainda cita que um certo número também pode se fazer maléfico aos supersticiosos: “Na antiguidade, realmente, o número treze possuía uma conotação maléfica, perigosa, simbolizando” o curso cíclico da atividade humana a passagem a um outro estado, quer dizer, a Morte” (1986, p. 227). Abaixo as iconografias da morte:

Figura 1 - Tânato, Escultura em mármore do templo de Artemisa em Éfeso, ca. 325-300 a.C



Fonte: <https://aminoapps.com/c/stories-myths/page/blog/thanatos-mitologia-grega>

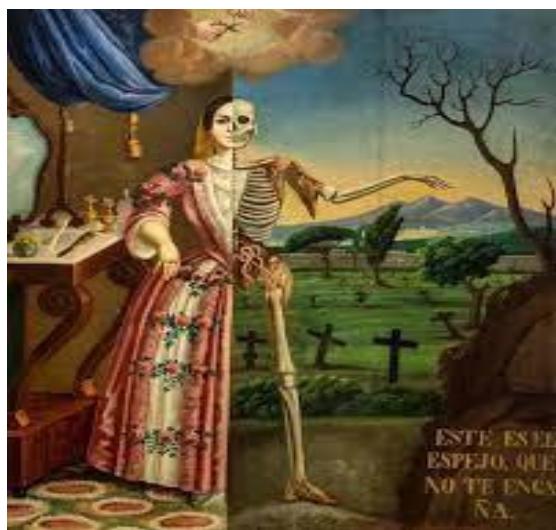
Figura 2 - A representação Ocidental da morte como um esqueleto carregando uma foice



Fonte: <https://pt.alegsaonline.com>

Outrossim, podemos perceber que a representação da morte existe desde muitos séculos, no México por exemplo tendo sua alegoria, que traz a figura de emblemática de uma mulher. Para García (2019), em *Este es el espejo que no te engaña*, de Tomás Mondragón (2019), a figura alegórica da morte “[...] fomentaría³ una penetración el fondo de cada ser, permitiría ver el estado del alma y, más que reflejar una imagen, posibilitaría que apareciera ante los ojos la realidad del cuerpo y la mísera condición humana” (Garcia, 2019, p. 100). A pintura mostra também uma imagem alegórica de condenação de vaidades da carne e dissolução da matéria o que acarreta também na visão da morte num momento inesperado quando ela chega. Contudo, permite a problematização mediante o esqueleto descarnado, que permite ver a fragilidade do nosso corpo e evidencia a matéria e os ossos e possibilitou aos praticantes desaparecer diante deles.

Figura 3 - *Este es el espejo que no te engaña*, de Tomás Mondragon, 1856



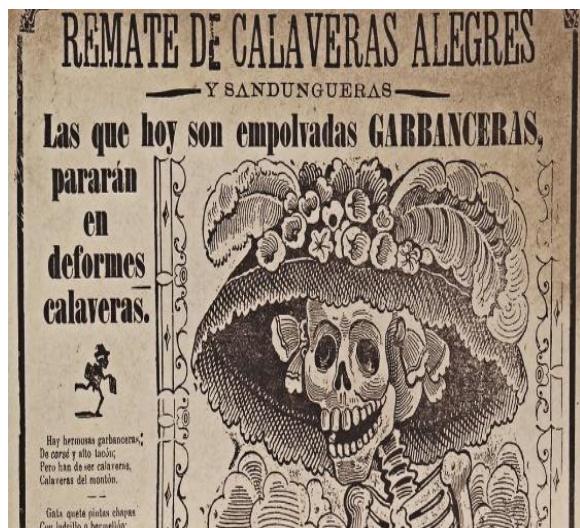
Fonte: <http://terranoa.blogspot.com/>

Ainda no México, nasce a alegoria de um crânio, sua imagem é mais conhecida que a virgem de Guadalupe, originalmente chamada *La Calavera Garbancera*, de José Guadalupe Posada, e depois de Diego Rivera ficou conhecida por *La Catrina*. É a icônica figura feminina de uma “caveira” que na cultura mexicana, é um símbolo que remete a vida e morte. Diego Rivera, quando pintou o mural *Sonho de uma tarde de domingo no Parque Alameda*, de 1948 resgata as raízes da cultura mexicana com mais de 400 anos de história. Essa representação

³ Tradução: “promoveria uma penetração nas profundezas de cada ser, permitiria ver o estado da alma e, mais do que refletir uma imagem, permitiria que a realidade do corpo e a miserável condição humana aparecessem diante dos nossos olhos”.

mostra muito a cultura do povo Mexicano, enquanto cultura, elevando a consciência da morte e do morrer até o pós-morte, o que, para eles, não representa o fim, mas outra forma de existência, num lugar de abundância, alegria, cores, música, comidas típicas e, principalmente a homenagem que é feita àqueles que já partiram. Por isso, o país não tem o hábito de melancolismo sobre finitude, pois, celebram de maneira cômica a vida daqueles que já se foram recordando sempre os bons momentos desses entes, ao invés de fazer desse momento um drama. Por isso é uma data tão comemorada no México, com uma expressão de resgate da ancestralidade.

Figura 4 - *La Calavera Garbancera* (1910), de José Guadalupe Posada



Fonte: <https://www.newyorklatiniculture.com/catrina/>

Figura 5 - *La Catrina* (1948), no mural de Diego Rivera



Fonte: <https://www.admagazine.com/cultura/la-catrina-por-diego-rivera-con-referencias-a-quetzalcoatl-20211101-9225-articulos>

Na Espanha, a celebração da morte é marcada por rituais e tradições que refletem a rica tapeçaria cultural do país. Semelhante ao Brasil, a morte é um tema profundo e

reverenciado, sendo comemorada de maneiras que destacam a memória dos falecidos e oferecem consolo aos vivos. Neste dia, as famílias visitam os cemitérios para limpar e decorar as sepulturas com flores, especialmente crisântemos, que são tradicionalmente associados ao luto e à memória. As ruas e os cemitérios ganham uma atmosfera vibrante e colorida, refletindo uma celebração tanto da vida quanto da morte. As cerimônias religiosas são comuns, e muitos espanhóis participam de missas especiais para lembrar e orar pelos entes queridos que partiram.

Além dessas datas, o evento conhecido como La Santa Compañía, uma tradição na Galícia, revela como a morte e o sobrenatural estão entrelaçados na cultura espanhola. De acordo com a lenda, uma procissão de almas condenadas percorre as ruas à noite, e a presença dessas almas é considerada um presságio de morte.

Em algumas regiões da Espanha, como na Catalunha e no País Basco, existem festivais que misturam elementos de celebração e reflexão, incluindo danças e músicas que homenageiam os mortos e refletem sobre a vida e a morte. Essas celebrações são muitas vezes acompanhadas por comidas tradicionais, como panellets, pequenos doces de amêndoas consumidos durante o Dia de Todos os Santos.

A morte na Espanha é tratada com um misto de reverência e celebração, refletindo a complexidade das emoções humanas em relação à finitude. A memória dos falecidos é honrada de maneiras que combinam elementos de luto com festividades que celebram a vida e a continuidade das tradições culturais.

Figura 6 - Adornos florales en un cementerio el día de Todos los Santos



Fonte: www.memoralia.es/blog

No Japão, a celebração da morte e o respeito pelos ancestrais são manifestados através de rituais profundamente enraizados na tradição cultural, com um dos eventos mais significativos sendo o Obon. Este festival, celebrado anualmente em agosto, é um momento de

reverência e lembrança dos antecessores, e uma das práticas mais emblemáticas é a soltura de lanternas flutuantes.

Obon, também conhecido como Bon Festival, é uma ocasião em que os japoneses acreditam que os espíritos dos antecessores retornam ao mundo dos vivos. A celebração dura três dias e inclui uma série de rituais destinados a honrar e acolher os espíritos dos mortos. Um dos momentos mais emocionantes do festival é a cerimônia das lanternas flutuantes, conhecidas como "tōrō nagashi".

Durante o tōrō nagashi, lanternas de papel, frequentemente decoradas com mensagens de oração e desejos, são colocadas em barquinhos de papel e soltas nos rios, lagos ou no mar. Essas lanternas são acesas e flutuam na água, iluminando o caminho para os espíritos retornarem ao além. O ato simbólico de soltar as lanternas é um gesto de guiamento dos espíritos de volta ao seu descanso eterno, refletindo a crença de que a luz ajuda a orientar e proteger os espíritos na sua jornada.

Além das lanternas flutuantes, o festival Obon também inclui danças tradicionais conhecidas como "Bon Odori", onde comunidades se reúnem para dançar em celebração e respeito aos antecessores. As famílias visitam os túmulos de seus entes queridos para limpar e decorar as sepulturas, oferecendo orações e alimentos como forma de prestar homenagem.

A prática das lanternas flutuantes é um exemplo visual poderoso da conexão entre vivos e mortos no Japão, destacando como a cultura japonesa aborda a morte com uma combinação de reverência e celebração. É um ritual que proporciona conforto e um sentido de continuidade, mantendo vivas as memórias dos que partiram e ajudando os vivos a lidar com a perda.

Figura 7 - Soltura das lanternas flutuantes



Fonte: diariodonordeste.verdesmares

No percurso histórico da sociedade brasileira em comparação com a morte em outros países por exemplo, está ligada a diferenças culturais. No Brasil está conectada à agonia, o drama, a testamentos, funeral, luto e cemitérios. Sobre isso, inicialmente tínhamos igrejas transformadas em sepulcros, no qual os mortos eram enterrados, o que logo depois deposto e sua construção foi desvinculada dos templos católicos e levados a outros espaços em que estão inseridos até os dias de hoje.

A cultura brasileira permite várias simbologias sobre a morte, principalmente quando se fala no imaginário e no cotidiano da população brasileira a partir de ritos, crenças e comportamentos que a expressaram, bem como expressaram os medos e esperanças a ela relacionados. No nosso Dia de Finados, é um dia tão importante quanto um aniversário, apesar do lamento, é preservado do falecido as suas virtudes sendo esquecido seus defeitos e vícios. Essa tendência a enaltecer o lado positivo de quem se foi é uma forma de honrar a memória e preservar uma imagem mais nobre da pessoa. Assim, os defeitos e fraquezas muitas vezes se desvanecem, deixando espaço para lembranças mais benevolentes. É como se a morte filtrasse as imperfeições, destacando o que de melhor cada indivíduo trouxe ao mundo. Essa seleção afetiva nos ajuda a lidar com a perda e a celebrar a vida daqueles que já não estão entre nós.

A iconografia da morte é evocada através de imagens e da memória visual, refletida em túmulos, que podem ser simples ou monumentais, e em cruzes, muitas vezes encontradas também à beira das estradas. Esses elementos servem como registros da existência dos falecidos e são parte do processo de memória na sociedade contemporânea, refletindo o comportamento dos vivos.

A presença imponente da morte entre os vivos é um fenômeno contínuo, manifestando-se de diversas formas, algumas das quais, atualmente, são praticamente ignoradas. No Brasil, o Dia de Finados é marcado por um tom de dor, melancolia e saudade. As visitas aos cemitérios nesse dia representam um ritual de lembrança dos que partiram, com homenagens que incluem flores, orações e velas.

Lidar com a morte é uma tarefa desafiadora para muitas pessoas. Em nossa cultura, são raros aqueles que se preparam adequadamente para esse momento. Apesar de a morte ser inevitável, o luto é um processo carregado de dor, evidenciando a dificuldade de enfrentar a perda.

Figura 8 - Dia de Finados no Brasil



Fonte: diariodocariri.com

Diante do exposto, é notório que construção cultural e a representação simbólica da figura da morte desde épocas imemoriais, se apresenta como mito, teorias e doutrinas teológicas, tendo assim, muitas interpretações, que podem ser de caráter de celebração ou de interdição, conforme afirma Zigler (1977):

A imagem da morte, as representações que os homens dela fazem para si mesmos são necessariamente de origem social, e, portanto, investidas, trabalhadas, petrificadas pela experiência de idade, classe, região, clima, cultura, luta e utopia. A imagem da morte é uma imagem estratificada (Zigler, 1977, p. 135).

Contudo, percebe-se também que as noções de morte e rituais são diferentes e relacionam-se conforme a morte é concebida em cada uma dessas culturas, “Assim, morrer procede tanto da cultura como da natureza” (Zigler, 1973, p. 132). A despeito de algumas culturas citadas acima, relatamos o quanto são diferentes as visões sobre a única realidade e certeza humana, como explica Kovács (1992):

As religiões e a filosofia sempre procuraram questionar e explicar a origem e o destino do homem. Por tradição cultural, familiar ou mesmo por investigação pessoal cada um de nós traz dentro de si "uma morte", ou seja, a sua própria representação da morte. A morte sempre inspirou poetas, músicos, artistas e todos os homens comuns. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio (Kovács, 1992, p. 1-2).

Assim, estabelecidos os conceitos e formas de se pensar e viver o luto, sendo uma condição humana que não se pode controlar ou deter. Sobre isso Zigler comenta que

[...] a morte é um acontecimento tinto de ambiguidade: natural, transclassicista, como o nascimento, a sexualidade, a fome, a sede, ou o riso; social como qualquer episódio da práxis humana, mas também cultural, visto e vivido sob uma aparência que deve servir para explicá-lo e justificá-lo. (Zigler, 1977, p. 135).

Diante disso, o paradoxo da morte faz-nos refletir sobre o nunca mais, o que acaba gerando medo, angústia e dor e, independentemente de algumas culturas e de civilizações aterroriza quem se depara com o espectro da morte, Kovács, em sua obra “Morte, separação, perdas e o processo de luto”(1992), explora profundamente essa questão, oferecendo *insights* valiosos sobre como lidamos com a finitude da vida e o desconhecido que a morte representa “[...] o medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível sócio-econômico e credo religioso”(Kovács, 1992, p 14). Portanto, ao considerarmos o medo da morte, é essencial reconhecer a universalidade desse sentimento e, ao mesmo tempo, abraçar a singularidade de nossas respostas individuais.

Na atualidade a morte é tratada de forma frequente no cotidiano das pessoas, quando estampada nas veredas das redes sociais, nas manchetes de jornais e revistas, em noticiários televisivos e em fatos compartilhados ou testemunhados que são inseridos nesta mistura de incompreensão, revolta e negação, por parte dos indivíduos que a temem, assim, a morte pode ser encarada como um assunto que não deve ser discutido.

Acerca desse tema, é caracterizado, por muitos como um tema “tabu”, contudo, é resultante de um processo de repressão e de silenciamento. Para Becker (1973):

A ideia da morte, o medo que ela inspira, persegue o animal humano como nenhuma outra coisa; é uma das molas mestras da atividade humana – atividade destinada, em sua maior parte, a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la mediante a negação, de alguma maneira, de que ela seja o destino final do homem (Becker, 1973, p. 9).

Porém, ressaltamos que esses estigmas, como vimos, são provenientes de culturas, tradições e crenças de sociedades diferentes. Contudo, na modernidade, ainda encontramos resquícios de ressalvas conforme diálogos sobre temáticas polêmicas, porém de forma lúdica, em vista de o ser humano ainda não superar que a imortalidade é uma condição inexistente as veredas racionais e a morte continua a ser uma incógnita para a humanidade, que nos faz refletir que os estudos sobre a morte e o morrer sempre se fizeram presentes nos diálogos de pesquisas diversas e nos textos literários, despertando a atenção devido ao seu contexto misterioso e principalmente o *tabu* que cerca o tema. Entre todos os medos e sofrimentos que amedrontam e ao mesmo tempo fascina o ser humano, sem dúvidas, a morte seja a mais difícil de enfrentar em razão da sua ruptura definitiva, dolorosa e incomprensível.

Para Ernest Becker (1977, p. 26), “[...] o medo da morte não é uma coisa natural para o homem, não nascemos com ele”, ou seja, “o medo da morte é algo que a sociedade cria e, ao mesmo tempo, usa contra a pessoa para mantê-la submissa” (Becker, 1977, p. 28), é um dos sentimentos que faz parte da vida de todo indivíduo. No entanto, as narrativas que apresentam, esse estado emocional principalmente nos dias de hoje, é um parâmetro que exerce uma espécie de reflexão e ajuda, para os que o leiam se sintam representados, visto que “[...] o temor da morte é natural e está presente em todos os indivíduos que ele é o temor básico que influencia todos os outros, um temor ao qual ninguém está imune, por mais disfarçado que possa estar” (Becker, 1977, p. 28).

De acordo com Clarice Lotterman (2010), a construção acerca do conceito da morte se dá na “[...] interação do sujeito com seus pares, com sua cultura e com seu próprio eu, as representações sobre ela [a morte] serão determinadas a partir desse escopo” (Lotterman, 2010, p. 47). Em outra oportunidade ela afirma, de forma bastante esclarecedora, que “ao longo da história humana, o modo como se lidou com a morte revela, também, a forma com que se lidou com a vida, pois as representações que os homens fazem da morte estão vinculadas a aspectos da vida em sociedade” (Lotterman, 2010a, p.16). Portanto, no que diz respeito aos adolescentes, esta situação é ainda mais latente, porque é causa de todo a sua formação e construção de sua identidade.

Embora seja um evento biológico, na contemporaneidade continua sendo um assunto pautado com ressalvas em algumas vertentes da literatura juvenil, tornando-se cada vez mais distante da realidade dos sujeitos que a integram. Percebemos o quanto a finitude esteve e está intensamente presente no nosso cotidiano e, concomitantemente, é um assunto sobre o qual evita-se falar. Sua construção no imaginário coletivo é atribuída a algo negativo e tantas vezes silenciado; todavia, sua presença no âmbito artístico contribui para a desconstrução de

estereótipos instaurados há tantas décadas. Sobre isso, Jean Ziegler (1977), na obra *Os vivos e a morte*, acentua que

[a] consciência da própria morte foi fundamental para a evolução do ser humano: a consciência de sua própria morte é uma importante conquista, constitutiva do homem. Assinala o ponto essencial da história humana que foi a emergência, na época paleolítica, do homo sapiens. [...] Desde então, os homens produziram – e produzem cotidianamente – uma constelação de imagens variadas de sua morte futura, pois a morte *fraturou* um consciente que até então fora apenas instrumental. Por essa brecha mergulharam forças novas e imensas, que transformaram a percepção humana da vida, da morte e do mundo (Zigler, 1977, p. 130, grifo nosso).

O trecho em destaque, evidencia a perspectiva de ruptura estabelecida pela sociedade. Nas palavras de Zigler, o homem lidou com a vida espelhando também sua morte, pois as representações que o homem fez da morte estão vinculadas a aspectos da vida como um todo, tomando consciência igualmente quando essa relação é fraturada. Como bem observamos no início desse tópico, percebemos o quanto na história humana do Ocidente a morte tornou-se uma fratura, e consequentemente também um produto cultural quando diz respeito a narrativas literárias, dirigidas, para os jovens. Diante das considerações tecidas, acerca do porquê de ela ser considerada um tema fraturante, dissertamos no item seguinte o que nos revela à morte na literatura juvenil.

Diante dessa perspectiva, é importante considerar como essas obras literárias também abordam o tema do luto, que é a resposta emocional à perda. O luto é um processo complexo e multifacetado que vai além da simples aceitação da morte; envolve uma série de emoções e adaptações que os indivíduos experimentam após a perda de um ente querido. Ao abordar a morte, a literatura juvenil muitas vezes proporciona uma visão do luto e das maneiras como os personagens lidam com a dor, a tristeza e a transformação que acompanham a perda.

Portanto, ao discutir a representação da morte, devemos também explorar como as narrativas juvenis tratam o luto. A representação do luto nas obras para jovens não apenas oferece uma forma de enfrentar e processar o sofrimento, mas também fornece um espaço para validar e entender essas experiências emocionais profundas.

O luto é uma experiência universal, mas sua manifestação pode variar amplamente dependendo de fatores como idade, cultura e contexto social. Na literatura juvenil, o luto é muitas vezes apresentado como um processo que envolve dor, confusão, raiva e, eventualmente, a aceitação e a adaptação à nova realidade. As obras literárias dirigidas ao público jovem têm

o potencial de oferecer uma representação valiosa desse processo, ajudando os leitores a entender e a enfrentar seus próprios sentimentos de perda.

Por exemplo, muitas narrativas juvenis abordam o luto não apenas mostrando os sentimentos de tristeza e desamparo que acompanham a perda, mas também explorando como os personagens lidam com essas emoções e como elas afetam seu comportamento e suas relações. Essas representações podem ajudar os jovens leitores a identificar e nomear seus próprios sentimentos, proporcionando um espaço para a validação das suas experiências emocionais e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento.

Além disso, a literatura juvenil pode desempenhar um papel crucial ao oferecer modelos de resiliência e esperança. Muitas histórias mostram personagens que, apesar da dor profunda, encontram maneiras de seguir em frente e encontrar um novo senso de propósito e significado. Esse aspecto das narrativas pode ser especialmente poderoso para jovens leitores, pois fornece exemplos concretos de como lidar com o luto e como encontrar força e resiliência mesmo nas situações mais difíceis.

O luto também pode ser abordado na literatura juvenil através da representação de rituais e práticas culturais relacionadas ao luto, como cerimônias funerárias e tradições de memória. Esses elementos ajudam a contextualizar a experiência da perda dentro de uma estrutura cultural mais ampla, oferecendo aos leitores uma compreensão mais rica e diversificada de como diferentes culturas e comunidades enfrentam a morte e o luto.

Portanto, ao discutir a representação da morte, é essencial explorar como as narrativas juvenis tratam o luto. A maneira como o luto é abordado nas obras para jovens não apenas oferece uma forma de enfrentar e processar o sofrimento, mas também fornece um espaço para a reflexão sobre a própria experiência emocional. A literatura juvenil desempenha um papel fundamental ao fornecer uma plataforma para que os leitores jovens possam explorar e compreender o luto, ajudando-os a lidar com suas próprias experiências de perda e a encontrar caminhos para a cura e a esperança.

1.3 Do começo ao fim: a morte na literatura juvenil brasileira

*É como apagar a luz
como fechar uma cortina
como virar a última folha de um livro
como dizer não ao ouvir um pedido
como dar a última chave
e não abrir mais porta alguma
como fechar os olhos*

e não conseguir mais abri-los.

Para os que morrem

é tudo tão simples.

Para os que ficam,

Resta o tempo,

nada simples...

(Santana, 2017, p. 20).

Nos estudos sobre literatura juvenil, torna-se indispensável citar um dos maiores *tabus* condicionados às incógnitas humanas, a morte, evento biológico que causa uma ruptura na atitude natural da condição humana, pois a vida cotidiana tende a negar a realidade da finitude. Com isso, o tema, que é tradicionalmente conectado a múltiplos fatores e a experiências individuais, pode aparecer vinculado à literatura juvenil também como uma função social: atuando/promovendo transformações e evocando emoções a partir de seus conteúdos que modificam a mente através da consciência crítica do leitor. Dessa forma, os diálogos sobre essa temática acarretam dimensões mais profundas para além do texto, cultuando prazer e emoção ao mesmo tempo, e consequentemente para outras vertentes como intertextos, como registram Turchi e Souza (2010, p. 99).

Na atualidade, em que a violência e a morte são, muitas vezes, tratadas de forma banal pelas mídias, os livros literários tornam-se uma alternativa para humanização da vida e também da morte do homem. A literatura juvenil brasileira tem enfrentado o debate acerca de questões polêmicas e tabus em nossa sociedade, como a questão da morte e da violência em suas formas mais trágicas de suicídio, assassinato e estupro.

Essas dimensões sobre mecanismos de resolução de conflitos recaem sobre obras nas quais a morte atinge a existência dos leitores na própria narrativa. Tais produções literárias permitem a reflexão do leitor acerca do evento morte ou sobre outra perda correlacionada com separação e abandono, esses temas que naturalmente deixam marcas na trajetória de vida de todos os seres humanos. “Nesses casos, a morte ultrapassa seu caráter de efeméride e se alça a um nível mais elevado: de evento isolado, passa a ser o cerne da vida das personagens e, em algumas obras, da própria narrativa” (Lottermann, 2009, p. 8).

Diante desse contexto, e em dualidade com obras que trazem resoluções por vias de discussões e de diálogos, devemos considerar também que nem sempre as obras vão fomentar a comunicação em seus textos, ou seja, não produzem efeitos significativos por não incitarem reflexões sobre a vida. Sobre isso, é plausível trazer à tona obras que vão na direção contrária do que foi descrito, visto que, “[...] há maior incidência de obras em que a morte é tratada como

efeméride, como um acontecimento que, a despeito das consequências que acarreta, não provoca mudança de valores ou conceitos” (Lotterman, 2009, p. 8).

Nesse viés, a morte deixa suas impressões, no leitor, tais quais em obras que contêm violência gratuita, pois, nesses casos ela esvai-se facilmente como um elemento de pura função técnica, sem adição de emoção apenas apresentando um discurso meramente narrativo sem o uso artístico da linguagem que promova experiências estéticas nos leitores, fazendo-os estabelecerem conexões com as suas vivências e repensando-as a partir das discussões presentes nos textos apenas discurso meramente narrativo, que não fazem reflexões sobre a morte seja no seu contexto religioso ou existencial utilizam ela de forma tangencial.

Segundo Lotterman (2009), “[...] o suceder das ações não inviabiliza que se discuta sobre a morte –, distanciando-se daquelas que parecem apenas enumerar os mortos”, dessa forma, não estabelecem relações possíveis entre seu conteúdo e leitor. Diante disso, tem-se a necessidade da literatura juvenil contemporânea ser pautada em oferecer textos cujas marcas formais e temáticas sejam apropriadas ao público leitor, no caso os adolescentes (Ceccantini, 2009).

Nessa perspectiva, é evidente que a literatura juvenil contemporânea aborda as temáticas a partir de enfoques e representações do cotidiano. Diversas obras e autores exemplificam esse vínculo com as experiências comuns na vida dos jovens, tais como:

- *Tá Louco* (1996), de Fernando Bonassi, que lida com conflitos e descobertas.
- *À procura do encontro* (2000), de Cristine Baptista, que aborda a temática da homossexualidade.
- *Sombras no asfalto* (2004), de Luís Dill, que discute o uso de drogas.
- *Debaixo do mau tempo* (2005), de Caio Riter, que trata da questão da sexualidade
- *Letras finais* (2005), também de Luís Dill, caracterizada pela narrativa envolvendo a violência.
- *Todos contr@ Dante* (2008), Luís Dill, que explora o tema do *bullying*
- *A distância das coisas* (2017), de Flávio Carneiro, explorando a questão da morte dos pais.
- *Meu pai não mora mais aqui* (2019), também de Caio Riter, abordando a temática da separação.
- *Por que eu não consigo gostar dela?* (2020), de Anna Claudia Ramos, que aborda a descoberta da sexualidade.

Essas obras refletem a diversidade de temas e os desafios enfrentados pelos jovens em suas vidas, contribuído para uma representação rica e autêntica das experiências cotidianas dessa faixa etária na literatura juvenil contemporânea.

Emerge, portanto, uma produção que, apesar de heterogênea e de grande diversidade temática, aponta para uma tendência voltada para a discussão de questões habituais dos jovens: “[...] os sujeitos individuais fixos dão lugar a identidades contextualizadas por gênero, raça, identidade étnica, preferência sexual, educação e função social” (Riche, 1999, p.130). Nesse sentido, temas de tendência contestadora começam a compor a Literatura juvenil. Considerando essas temáticas tendências da literatura juvenil contemporânea também leva em conta a importância de discussão de abordar temas que causam silenciamento, mas que se apresentam como essencialmente necessários na sociedade em que vivemos.

No entanto, a existência de perdas físicas ou simbólicas não anulam o processo de recuperação podendo ser captado através dos livros e meio de identificação. Quando de maneira simbólica, metafórica ou objetiva, é possível apresentar esse universo no qual a morte habita, permitindo que o público juvenil possa ver-se e amparar-se em várias situações e por intermédio da existência de diferentes personagens.

Sabendo disso, é pertinente afirmar que o entendimento do conceito de morte, acontece a partir da relação que os sujeitos têm para si como para com os outros o que nos leva a um resultado de múltiplas formas de representação atribuídas ao tema. E é a literatura um dos caminhos possíveis para realizar a aproximação necessária através das histórias. a partir das transformações que evidenciamos acerca do tratamento de temáticas vinculadas à morte, reconhecemos a necessidade de soltar as amarras ideológicas do passado, e promover um novo olhar para o contemporâneo e seus universos de leitura e de representação através da arte.

Assim, a arte seria reconhecida, não só apenas em um perímetro, mas em larga escala com a finalidade de liberdade e formação artística propostas nas narrativas para os jovens. Pensar sobre uma literatura exclusiva para esse público com espaço para discussões e informalidade na sociedade é como essa arte se dispôs a se inserir no ambiente familiar e escolar, permitindo o aprofundamento em aspectos importantes que constituem uma narrativa caracterizada como necessária como a morte. Logo, a literatura juvenil propicia suas manifestações artística e humanizadora projetando um mundo de sonhos para lúdico, ajudando na compreensão e decodificação das relações sociais.

Nessa vertente, lidar com a morte, por meio dos livros, torna-se cada vez mais, uma realidade, no panorama ficcional na medida que se funde com a realidade de quem os lê, e não é uma tarefa fácil explicar ou discutir o que é a morte, assim como não é algo usual e/ou simples

que os adultos gostam de fazer, mas é justamente neste ponto que a literatura auxilia, através dos livros feitos justamente para ser espaço dessa reflexão de ideias, sentimentos e temas. Não obstante, com isso em se tratando do tema morte, é preciso que haja uma colaboração em detrimento ao assunto para que não seja excluído das narrativas para o público juvenil para que atinja um maior número de adolescentes diante da progressão e da visibilidade que o desconhecido provoca acerca da temática, relacionados à busca de conhecer a si próprio e aos outros a temática ganhou espaço de forma sistemática tornando-se recorrente na literatura juvenil.

Destarte, conseguimos vislumbrar pontos cruciais que encaminham a produção entendida como literatura juvenil. Dentre vários questionamentos poderíamos conjecturar que os elementos que encaminham para a percepção que recaem sobre esse gênero é o fato de muitas temáticas inclusive a morte serem ocultadas ou mantidas numa forma metafórica quando fora apresentada nos textos literários, visto que “[...] os livros literários tornam-se uma alternativa para a humanização da vida e também da morte do homem” (Turchi; Souza, 2010, p.99), sobretudo, diante de experiências de perdas e lutos como o fato do ser humano não ter as respostas para a finitude, o que causa a inércia e principalmente medo das respostas que esse evento pode denotar, por isso, o assunto não é discutido e respectivamente mantido sob silêncio.

É sempre bom lembrar que nada pode justificar a escamoteação da morte levando em consideração que não há como rodeá-la com subterfúgios para sempre e que a possibilidade de se revogar dela inexiste. Por isso mesmo, ela não deve se tornar assunto proibido para os mais jovens, assim, corroboramos com a perspectiva da inserção dos temas tabus, mesmo com ressalvas dentro das narrativas, talvez assim seja uma forma de introduzir e reforçar a necessidade discussão/diálogo, em relação à questão da morte.

Com relação a morte, é preciso considerar que sua abordagem não pode ser feita de maneira indiscriminada. Trata-se de um tema que pode ativar gatilhos emocionais, especialmente quando relacionado a experiências traumáticas. Além disso, a ampla exposição da morte na mídia muitas vezes ocorre de forma banalizada, esvaziando seu sentido e significado e impactando a maneira como as pessoas lidam com essa questão ao longo da vida. No contexto da literatura, especialmente a juvenil, é fundamental que o tema seja tratado com sensibilidade e profundidade, reconhecendo a arte da palavra como um meio capaz de estabelecer relações significativas entre o universo literário, a constituição subjetiva de crianças e jovens e a realidade que os cerca. Nesse cenário, o conceito de ‘tratamento sensível de temas’ refere-se à forma como a literatura pode abordar questões complexas e delicadas de modo respeitoso e reflexivo, promovendo diálogos e compreensões que contribuam para o

amadurecimento emocional e intelectual dos leitores. Nesse ponto, estamos convencidos que vida e morte são condições indissociáveis o que corrobora com a importância das narrativas, em especial aqui trabalhada, a juvenil constituindo a indução e as manifestações artísticas direcionadas as produções mercadológicas.

Desse modo, não se pode escondê-la, ou fazê-lo, um assunto proibido, embora ela se manifeste, de tantas formas, através de morte de animal de estimação, pai, mãe, avós, amigos dentre outras maneiras. Assim sendo, abordar o tema de forma poética e sensível a partir da qualidade dos textos e das ilustrações resultam numa profunda coerência artística em decorrência das pluralidades que versam o texto preparado exclusivamente para o público juvenil.

Partindo desses apontamentos, nosso próximo capítulo será pautado na discussão sobre o olhar que é lançado sobre o material instituído pelo PNLD literário de 2020, como também os debates que cercam o referido programa dialogando com as múltiplas categorias. Lembramos que, a partir do programa as obras de análise serão captadas e passarão por um filtro de acordo com os critérios do próprio programa, o que também está descrito em seu edital. Assim, busca-se alargar a análise de materiais e refletir sobre as obras literárias que têm uma ampla circulação o mercado, especialmente aquelas influenciadas por políticas públicas, ao adotar um recorte temático. O objetivo é compreender como o tema da morte tem sido abordado nesse contexto e, adicionalmente, explorar outras possibilidades que não foram abordadas na presente pesquisa.

2 OLHARES SOBRE O PNLD LITERÁRIO: TEORIZAÇÕES

[...] o livro passa a promover e a estimular a escola, como condição de viabilizar sua própria circulação e consumo.
(Albino, 2010, p. 3).

A necessidade de abordar a leitura como uma questão política descrita por alguns estudiosos, nos ajuda a compreender como as políticas de distribuição de livros são implementadas para amparar o encontro entre os alunos e os livros. Quando examinamos as políticas governamentais, é importante lembrar que somente na década de 1980, meio século após a criação do Ministério da Educação e Cultura – MEC, a leitura foi efetivamente incluída na agenda das políticas públicas. Mesmo nesse contexto, a abordagem foi esporádica e sujeita a diversas críticas relacionadas ao funcionamento e à qualidade das obras disponibilizadas nas escolas.

Essa demora em colocar a leitura como prioridade reflete uma trajetória histórica marcada por desafios e transformações na percepção do papel da leitura na formação educacional. A abordagem, mesmo quando finalmente introduzida, foi caracterizada por sua esporadicidade e enfrentou críticas contundentes relacionadas ao funcionamento à qualidade das obras disponibilizadas. Essas críticas evidenciam a complexidade de traduzir intenções políticas em práticas eficazes, especialmente quando se trata de um domínio tão fundamental como a promoção da leitura.

A década de 1980, portanto, marca um ponto de virada significativo, em que a leitura passa a ser reconhecida como uma prioridade nas agendas governamentais. Desde então, o caminho trilhado desde então não tem sido isento de desafios e questionamentos. O funcionamento dessas políticas, a seleção das obras distribuídas e a qualidade do material disponibilizado têm sido objeto de escrutínio constante. Essa análise crítica é crucial para

avaliar não apenas o impacto quantitativo, mas também o impacto qualitativo dessas iniciativas na promoção da leitura e no desenvolvimento educacional.

Ao refletimos sobre esse cenário, surge a pergunta sobre como essas políticas se ajustaram a relação dos alunos com a leitura ao longo dos anos. Como as políticas influenciam os leitores? Esta é uma indagação essencial para compreendermos não apenas o passado, mas também para orientar futuras estratégias no campo da promoção da leitura e distribuição de livros no contexto educacional brasileiro.

Dadas as desigualdades sociais presentes no Brasil, a ausência de distribuição de acervos nas escolas, sem dúvida, causa impactos significativos, não apenas no mercado editorial, mas, sobretudo, na dificuldade de construir uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, não podemos deixar de refletir sobre as questões ideológicas que permeiam a interrupção de um programa de incentivo à leitura no Brasil.

No entanto, ao abordamos essa questão, é imperativo analisarmos as nuances ideológicas que orbitam a interrupção de programas de incentivo à leitura no Brasil. A leitura, para além de um mero ato individual, é um instrumento poderoso na formação de cidadãos críticos e conscientes. Portanto, a supressão de programas voltados para a promoção da leitura levanta questionamentos sobre os valores e as prioridades que orientam as decisões políticas.

A interrupção desses programas de distribuição de obras literárias nos leva a refletir sobre o papel mais amplo da educação na formação de uma sociedade justa. A promoção da leitura no âmbito escolar não é apenas uma ferramenta pedagógica; ela desempenha um papel fundamental como catalisador para o desenvolvimento humano, o enriquecimento cultural e a construção de uma visão crítica do mundo. No entanto, quando consideramos contextos fora do ambiente escolar, é importante adotar uma perspectiva diferente. A leitura não deve ser vista apenas como obrigação acadêmica, mas como uma fonte de crescimento pessoal e compreensão do mundo que nos cerca. Portanto, é essencial manter um olhar aberto e valorizar a leitura em todas as esferas da vida.

Ao negligenciar programas de incentivo à leitura corremos o risco de perpetuar não apenas as desigualdades educacionais, mas também as disparidades sociais que há tanto assolam o país. Investir na leitura é avançar no empoderamento dos indivíduos, na promoção da diversidade cultural e na construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ao analisar as políticas públicas voltadas para a promoção da leitura ao longo das últimas décadas, fica evidente que não faltaram programas e leis destinados a incentivar a leitura, com o objetivo de facilitar as mudanças necessárias para aprimorar o hábito de leitura e, como resultado, ampliar o acesso a diversos materiais de leitura. Nesse contexto, é possível

perceber como os discursos sobre a leitura, sua construção histórica e social, as flutuações nos valores atribuídos a ela e as disputas de poder desempenham um papel fundamental na concepção e na implementação de projetos e programas de leitura, formação de leitores e acesso a livros.

Além disso, as políticas de leitura são moldadas por disputas de poder, no qual diferentes governos, instituições educacionais, editores e sociedade civil, buscam influenciar a direção dessas iniciativas. As decisões sobre quais obras incluir nos programas de leitura, como distribuir os recursos disponíveis e qual abordagem pedagógica adotar são arenas onde essas disputas se desenrolam.

A concepção de programas de formação de leitores também reflete a compreensão em constante evolução sobre como as pessoas interagem com os textos e como a leitura pode ser integrada de maneira mais eficaz no meio social. A promoção de bibliotecas, clubes de leitura, e a incorporação de tecnologias emergentes são aspectos desses esforços, cada um moldado pela visão contemporânea de como a leitura pode ser mais acessível e relevante.

Sendo assim, na seção seguinte, serão abordadas as iniciativas públicas de fomento ao livro no Brasil. Portanto, é válido conhecermos programas e ações que têm como objetivo a disseminação de obras pelo Brasil, tais como: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); o PNBE (Programa Nacional da Biblioteca Escolar); o INL (Instituto Nacional do Livro); o Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro (Prodelivro); Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB); o Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL); a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted); o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL); o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER).

2.1 Os programas fomentadores da leitura literária no Brasil: breve percurso histórico

Ah, esses livros que nos vêm às mãos, na Biblioteca Pública, e que nos enchem os dedos de poeira. Não reclames, não. A poeira das bibliotecas é a verdadeira poeira dos séculos.

(Mario Quintana, 2006, p. 126)

As políticas públicas no Brasil têm uma longa história voltada ao livro, datando desde o século XIX, com o desenvolvimento da indústria editorial (Barros, 2005). Enquanto área de conhecimento, as políticas públicas são objeto de pesquisa de diferentes campos teóricos, como a ciência política, a sociologia e a economia. Dada a sua abrangência, não há uma definição única para o termo, embora seja possível mapear alguns consensos. Segundo Celina Souza,

pode-se resumir o estudo das políticas públicas como o campo que visa “ao mesmo tempo, ‘colocar o governo em ação’ e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente)” (Souza, 2006, p. 26).

Para uma melhor compreensão deste tópico, vamos apresentar um pouco do panorama histórico das políticas públicas relacionadas à leitura e aos livros no Brasil, conhecer os objetivos pela ação no processo de institucionalização da informação para o público, e os motivos que os levaram a extinção, haja vista que através dos projetos que já fizeram parte do escopo de programas de incentivo à cultura e a leitura no país, cujas práticas ainda permeiam até os dias de hoje. Isso ocorre devido à influência de projetos que já integraram o escopo de programas de incentivo à cultura e à leitura no país e cujas práticas ainda ecoam nos dias atuais. Portanto, compreender a história e a dinâmica dessas políticas de leitura é essencial para a formulação de abordagens mais eficazes e sustentáveis, garantindo que o acesso à leitura e à formação de leitores seja uma constante e não uma exceção em nosso cenário educacional e cultural.

Sendo assim, destacamos alguns marcos, trazendo inicialmente a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), criado no governo ditatorial Vargas em dezembro 1937 pelo Decreto-Lei nº 93, de 21 de setembro de 1937, sob lócus do ministro da Educação Gustavo Capanema. Tinha como objetivo publicações de livros originais de interesse para a cultura nacional, edição e reedição de obras clássicas e/ou esgotadas. Dessa maneira a política desenvolvida por Capanema concentrava-se na criação de bibliotecas públicas a fim de consolidar o mercado editorial que recebia pouca atenção na época. Como explica Silva, o Plano foi um documento:

[...] que consolidava os intensos debates, que ocorreram nos anos 20 e 30, sobre o sistema educacional brasileiro. Debates objetivando ampliar o acesso da população à educação, definir as responsabilidades da União, estados e municípios em assuntos educacionais, propor currículos e métodos de ensino, enfim, dotar o país de uma política nacional de educação, até então inexistente (Silva, 1992, p. 20).

No conjunto das iniciativas, Capanema também tinha como objetivo estimular à produção nacional de livros, melhorando sua qualidade e promovendo a queda nos custos, além de facilitar a importação de livros. Desta forma, o Governo passou a comprar livros das editoras para doá-los às bibliotecas públicas. Paralelamente, passou a incumbir-se também da publicação de livros didáticos, uma medida que culminou, inclusive, em 1938, na criação da Comissão Nacional do Livro Didático. As iniciativas governamentais que se sucederam durante

a existência do INL (de 1937 até sua extinção, em 1990), como a Fundação Nacional de Material Escolar (Fename), em 1967, e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1985, todas voltavam suas ações principalmente para a criação de bibliotecas e distribuição de livros didáticos. Fundamentais e de grande valia foram essas iniciativas para o estímulo à leitura no Brasil, pois foram cruciais no combate ao analfabetismo, enriquecimento cultural, desenvolvimento dos hábitos de leitura dentre outras. Mas poucas fugiram a esse modelo de contribuição e construção na promoção da leitura, não implementando práticas novas. Somente a partir da década de 1970, veremos ações mais diferenciadas, advindas principalmente de iniciativas não governamentais, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Na década de 1960, a atuação do governo nessa área deu-se por meio da sequência dos trabalhos do INL e da criação foi iniciado o Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB) em substituição ao INL, pelo Decreto nº 51.223 de 22 de agosto de 1961, com o objetivo de criar, organizar e estruturar bibliotecas públicas em todo o país; estimular as diferentes formas de intercâmbio bibliográfico entre as bibliotecas do país, especialmente, de sistemas regionais de bibliotecas; promover o estabelecimento de uma rede de informações bibliográficas que sirva a todo o território nacional; contribuir por meio de bolsas de estudo para aperfeiçoamento técnico de bibliotecários e documentaristas de todo território nacional.

[...] tinha sua concepção mais ligada à política de bibliotecas e tinha, como objetivos, incentivar diferentes intercâmbios entre as bibliotecas do País, estimular a criação de sistemas regionais de bibliotecas, e promover uma rede de informações bibliográficas que servisse a todo o território nacional. (Paiva, 2008, p. 31).

Como podemos observar, manteve-se a preocupação com a edição, a distribuição e a circulação dos livros nas bibliotecas. Ou seja, embora a concepção do SNB possa ser considerada avançada para a época, este não conseguiu colaborar com o avanço das bibliotecas públicas que, por sua vez, mantiveram sua função de guardadora de livros sem conseguir contribuir efetivamente com a formação do hábito de leitura.

Logo em seguida, em 1966, na Ditadura Militar, é criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted) pelo Decreto nº 59.355 de 04 de outubro 1966, com foco na biblioteca e propósito de gerir as ações e aplicar recursos referentes à produção e à distribuição destinados ao financiamento e à realização de programas e projetos de expansão do livro escolar e do livro técnico. Essa comissão foi resultado de um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a *United States Agency for*

International Development (USAID). Para Baldaque (Brasil, 1968a, p. 85), a COLTED tinha como objetivo:

[...] a coordenação e a execução de todas as atividades do Ministério de Educação e Cultura, que se relacionam com a produção, a editoração, o aprimoramento e a distribuição de livros didáticos e técnicos em todo o país; cabendo-lhe controlar e executar os programas estabelecidos pelos órgãos signatários do convênio. Representa a COLTED, nesse desempenho, os propósitos do Ministério da Educação e Cultura, de proporcionar ao estudante brasileiro os meios indispensáveis à sua formação e ao desenvolvimento de sua cultura.

Baldaque (Brasil, 1968) ressaltou os pontos negativos e os positivos dos trabalhos da COLTED. Nos negativos, apontou falhas na distribuição das bibliotecas-amostra às escolas devido à falta de critérios das secretarias estaduais, falta de preparo dos professores para receber e utilizar as bibliotecas e a falta de um profissional capaz de gerenciar o desenvolvimento do programa da COLTED. Como pontos positivos, Baldaque citou o controle na distribuição das bibliotecas, o crescimento da indústria editorial e gráfica dado o incentivo financeiro do governo federal e a satisfação e fomento para o aperfeiçoamento cultural dos professores e alunos cujas escolas foram contempladas com as bibliotecas.

Dentre os princípios delineados pela COLTED, podemos destacar iniciativas como a ênfase na capacitação de professores para a escolha dos livros e a seleção a partir de uma lista elaborada por uma equipe especializada. Contudo, permanece a incerteza sobre a extensão em que o legado da COLTED, que inclui as práticas atuais, considerando o papel central que os livros didáticos desempenham no ensino em sala de aula. Assim, assegurou uma distribuição de quase 51 milhões de livros no período de três anos. No entanto, este acordo sofreu diversas críticas por parte da população brasileira, pois consideravam que a USAID obteve controle sobre o mercado livreiro, especialmente os ligados ao LD, o que garantia por sua vez o controle ideológico do processo educacional brasileiro (Freitag; Costa; Motta, 1997).

Em 1979, com os recursos do FNDE, foi criado o Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro (Prodelivro), com Portaria nº 1. 234, de 18 de dezembro, com o objetivo de incrementar e facilitar a produção, a difusão e o acesso ao livro. É substituído em 1985 pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), momento em que há mudanças importantes, como “[...] a participação de professores no processo de escolha de livros; o fim da participação financeira dos estados; a extinção do livro descartável para permitir a sua reutilização. Eram tempos de transição democrática no país” (Brasil, 2011, p. 18). A partir disso, passaram a ser enviados guias às escolas, que escolhem os livros didáticos que mais se encaixam em seu

Projeto Político Pedagógico (PPP). Por meio desses programas, o Estado começou a assumir alguns investimentos financeiros relacionados à leitura.

Os Programas do Livro compreendem as ações de dois programas: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), por meio dos quais o governo federal provê as escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita (Brasil, 2007, p. 7).

Com efeito, a história dos programas de fomento à leitura no Brasil traz as marcas das ditaduras. Essa relação entre os programas de fomento à leitura no Brasil é complexa e multifacetada. A história dos programas à leitura no país reflete o contexto político e social em que esses programas foram desenvolvidos, e as ditaduras desempenham um papel significativo nesse contexto. Em 1985, com a eleição de um presidente, esses programas começaram a ser reformulados, incorporando a democracia como base. No entanto, devido a mudanças políticas no país, essas iniciativas acabaram enfraquecidas ou extintas.

Um programa significativo, que surgiu em 1984 durante o processo de redemocratização do Brasil, é o Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL). Esse programa não se limitava a simples constituição de acervos de livros, mas também incentivava a criação de espaços alternativos para escolas que não dispunham de bibliotecas adequadas. O PNSL inicialmente atendeu escolas das Secretarias Estaduais de Educação, beneficiando milhões de alunos com a distribuição de livros. A partir de 1987, passou a atender diretamente os municípios, mas as escolas estaduais foram excluídas até 1989, quando foram atendidas em menor escala (Fernandes, 2013). Posteriormente, o programa foi reformulado em 1988, passando a se chamar "Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares" ter em sua base a democracia. Todavia, devido a remodelações políticas ocorridas no país, essas ações foram enfraquecidas ou extintas, sendo desenvolvidas em parceria com o Instituto Nacional do Livro (INL) e prefeituras municipais (Fernandes, 2013).

O PNSL estabeleceu uma abordagem democrática na seleção de títulos, com participação de professores, coordenadores e órgãos especializados por meio de votação (Brasil, 1986 apud Fernandes, 2013, p. 56). Durante a execução do programa PNSL em 1988, aproximadamente 3.893.586 alunos de 47.820 escolas públicas municipais foram atendidos, e ao final do programa, em 1996, foram criadas cerca de 10.000 bibliotecas escolares em todo o país (Fernandes, 2013).

Nos primeiros três anos de execução do PNSL houve um momento progressivo no número de obras distribuídas, mas em 1987 não foram adquiridos livros. Nos anos seguintes, ocorreram variações nos investimentos, com destaque para a aquisição de 4,6 milhões de exemplares em 1995, tornando o governo federal o maior comprador de livros de literatura infantil e juvenil do país (Fernandes, 2013). O Pró-Leitura era realizado por meio de uma parceria entre o MEC e o governo francês.

O programa Pró-Leitura, resultante de uma colaboração estratégica com o governo francês, emergiu com a missão clara de fortalecer diversos pilares fundamentais na promoção da educação e do acesso à leitura no Brasil. Em sua abordagem abrangente, o projeto concentrou esforços na capacitação aprimorada de professores, reconhecendo o papel que esses profissionais desempenham na formação de leitores qualificados.

O projeto constitui-se de documento de referência básica, a partir do qual as Secretarias de Educação dos Estados firmam com a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) do Ministério da Educação (MEC) um protocolo de intenções visando ao estabelecimento de ações solidárias e de compromissos específicos. Entre eles está a profissionalização dos professores, aliando pesquisa universitária, formação docente e prática pedagógica, na área da aprendizagem da leitura. O Pró-Leitura também buscou criar uma rede de intercâmbio entre os centros de formação, as escolas do ensino fundamental e as universidades, para facilitar a circulação das informações, observar e avaliar competências e melhorar as estruturas de oferta de leitura na escola e que deixou de existir em 1996. Tinha como proposta a construção de salas de leitura para o recebimento de acervos compostos e enviados pelo projeto. Em 1996, a Lei 8.029/90 levou à extinção da Fundação Nacional Pró-Leitura e do Instituto Nacional do Livro, substituindo-os pelo Departamento Nacional do Livro, vinculado à Biblioteca Nacional e ao Ministério da Cultura (Paiva, 2008). A Fundação Nacional Pró-Leitura foi extinta pela Lei nº 8.029 em 12 de abril de 1990, pelo então Presidente da República, Fernando Collor de Melo.

No mesmo ano, sob a responsabilidade do MinC, por meio do Decreto n. 519/1992, foi instituído o PROLER, um projeto de promoção social da leitura vinculado à Fundação Biblioteca Nacional com o objetivo de contribuir para a expansão do direito à leitura e para a promoção das condições de acesso a atividades críticas e criativas de leitura e escrita um plano com maior mobilização política e que é atuante até os dias atuais, “visando construir práticas de leitura efetivas, apresentando concepções que mostram a leitura e a literatura como práticas culturais que ultrapassam os muros escolares” (Cordeiro, 2018, p. 1486). No texto do Decreto, está posto que

[...] a escola e a biblioteca são, nesse processo, instituições imprescindíveis e complementares, mas o aprendizado da leitura transcende a alfabetização. Para constituir uma sociedade leitora, na qual a participação dos cidadãos no processo democrático seja efetiva, é preciso conjugar a leitura da palavra à leitura do mundo (Brasil, 1992, p. 9).

Um projeto político que tem como meta a formação do leitor cidadão, o PROLER considerou fundamental a articulação da leitura com diferentes expressões culturais e tem a intenção de propiciar o acesso a diferentes fontes de informação, a fim de construir espaços de leitura e momentos de mediação em processos educacionais. O PROLER tem como objetivos a promoção do interesse nacional pela leitura e pela escrita, o fomento de políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura e contribuam para a formulação de uma política nacional de leitura, a articulação de ações de incentivo à leitura entre diversos setores da sociedade e a viabilização de pesquisas sobre o livro e a escrita.

Dando seguimento aos programas de incentivo à leitura, o MinC constituiu a Secretaria do Livro e Leitura, encarregada de dar continuidade às atividades do PROLER e, em 1995, criou o projeto “Uma biblioteca em cada município”, com o objetivo de ampliar a rede de bibliotecas públicas municipais. Na ocasião, chegaram a ser contabilizados cerca de 2.300 municípios que não contavam com bibliotecas públicas. Ao longo de sua execução, o projeto conseguiu estabelecer cerca de 1.500 novas bibliotecas públicas municipais. Com o objetivo de proporcionar novas oportunidades à população, o PROLER concentra suas ações nas seguintes prioridades:

As linhas de ação então adotadas pelo Programa definiam três prioridades: formar promotores de leitura com atuação efetiva, trabalhando não apenas com mediadores tradicionais, como professores e bibliotecários, mas também com servidores das áreas de saúde e cultura, agentes comunitários e outros profissionais; ampliar e dinamizar os acervos das bibliotecas e salas de leitura do país; e difundir a leitura como valor social, recurso para circulação da informação e fator imprescindível à construção da cidadania. Uma dupla meta se colocava: ‘desescolarizar’ a leitura a fim de levá-la aos espaços sociais do cotidiano dos cidadãos, e, ao mesmo tempo, preservando a primazia da leitura na escola, reformular as relações da escola com a leitura para retirá-la do seu confinamento disciplinar e apresentá-la como elemento comum a todas as formas de conhecimento (Brasil, 2009a, p. 12)

Era, portanto, uma das metas do programa, desconstruir a ideia da leitura e literatura associada apenas ao contexto escolar e, sim, levá-las a uma concepção mais ampla, que circulem socialmente e adquiram valor social. A extinção do PROLER foi um evento que ocorreu em um determinado momento e contexto. Pode-se atribuir a várias razões, incluindo

mudanças nas políticas governamentais, a necessidade de adaptação a novos desafios e a evolução das estratégias de promoção a leitura no país.

Contudo, quando se pensa no período pós LDB/1996, o programa de maior porte já criado no Brasil foi o PNBE. Instituído pela Portaria Ministério de nº 4, de 28 de abril de 1997, coordenado pelo MEC, em cooperação com outras secretarias e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O Programa buscou promover a leitura, a literatura e o conhecimento, atuou por meio da distribuição de acervos literários às escolas públicas brasileiras, além de material de apoio pedagógico e de atualização profissional.

Inicialmente era destinado apenas para a etapa inicial do Ensino Fundamental, depois passou a atingir, gradativamente, todo o Ensino Fundamental e, depois, a Educação Infantil, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Começou a atuar em 1998 e, desde então, para a promoção da leitura e a difusão do conhecimento entre os alunos, distribuiu obras de literatura, de pesquisa, de referência e materiais de apoio à atualização do professor. Em seu início, o PNBE já contemplava uma ampla variedade de títulos, incluindo atlas, dicionários e encyclopédias, enriquecendo o acervo das bibliotecas escolares (Brasil, 1998).

No mesmo edital (Brasil, 2009, p. 25), pode ser visto que a iniciativa de criar o PNBE parte da necessidade do cumprimento da legislação que aponta a obrigação do Estado garantir educação a todos:

Ao prover as escolas públicas que oferecem educação infantil, os anos iniciais do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos (ensino fundamental e médio), de acervos literários, o MEC parte do princípio de que a literatura é um patrimônio cultural a que todos os cidadãos devem ter acesso. Trata-se de um desdobramento do cumprimento da Constituição de 1988, que estabelece a educação como um direito do cidadão e da Lei de Diretrizes e Bases que ressalta o dever do Estado em oferecer uma educação básica de qualidade, nas três etapas que a constituem: a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Além disso, o MEC busca dar consequência à Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em seu artigo XXVII, assegura a toda pessoa o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios. Portanto, é necessário garantir aos alunos e professores da rede pública de ensino o acesso à cultura e à informação, estimulando a leitura como prática social.

De fato, o PNBE reconhece a leitura literária como um valioso bem cultural ao qual todos os estudantes devem ter acesso. Essa atitude deve ser o princípio orientador de todo o processo de distribuição de livros nas escolas. Constatase, ainda, a necessidade de garantir, não apenas aos alunos, mas, do mesmo modo, aos professores, o direito de acesso à cultura e à

informação. Essas garantias, portanto, devem ser vistas como fundamentais para uma educação básica de qualidade. Para Cordeiro e Fernandes (2012, p. 327):

Convém frisar que a cada nova edição do PNBE, os editais ampliaram a abrangência do público-alvo, iniciando apenas para o Ensino Fundamental e, gradativamente, estendendo para a Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil e Ensino Médio. Outro aspecto digno de nota é o fato de o PNBE atravessar três governos – Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma – e prosseguir sem interrupções, constituindo-se numa política de Estado.

Todavia, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) apresentou desafios ao longo dos anos, como a falta de participação de profissionais e investigadores na avaliação e seleção das obras literárias, além de desarticulação entre as ações do programa e a formação docente (Brandão, 2021). Também houve críticas em relação à abordagem na distribuição de lotes fechados de livros, limitando a possibilidade de escolha dos professores e à quantidade insuficiente de livros destinados às escolas (Cosson, 2021). Apesar dos avanços e do alcance ao longo dos anos, o PNBE não conseguiu atender plenamente às recomendações de avaliação após a entrega dos acervos às instituições educacionais e promover a formação e reorganização das bibliotecas escolares (Brasil, 2016). O programa apresentou flutuações orçamentárias, que resultaram em mudanças no planejamento e cancelamento de edições (Brasil, 2013). O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), criado em 1997, saiu do cenário de distribuição no Brasil em 2015, quando Luiz Cláudio Costa, secretário-executivo do MEC à época, anunciou que não haveria compras de livros em 2015 em função de um contingenciamento de gastos.

Com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, houve unificação entre o Programa do Livro Didático (PNLD) e o PNBE, de forma que os livros literários, outrora contemplados pelo PNBE, passaram a integrar o PNLD. Em vigor, tem como objetivo disponibilizar obras literárias tanto infantis como juvenis aos alunos da Educação infantil, anos iniciais do Fundamental I e do Ensino Médio, de forma regular e gratuita, às escolas públicas das redes federais, municipais e do Distrito Federal e de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas de acordo com critérios alinhados às políticas públicas vigentes, notadamente, a Base Nacional Comum Curricular BNCC. (Segabinazi; Freitas; Pereira, 2020, p. 599).

De acordo com o parágrafo primeiro do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, passam a ser objetivos do programa:

I - aprimorar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas de educação básica, com a consequente melhoria da qualidade da educação; II -

garantir o padrão de qualidade do material de apoio à prática educativa utilizado nas escolas públicas de educação básica; *III - democratizar o acesso às fontes de informação e cultura; IV - fomentar a leitura e o estímulo à atitude investigativa dos estudantes; V - apoiar a atualização, a autonomia e o desenvolvimento profissional do professor;* e VI - apoiar a implementação da Base Nacional Comum Curricular. (Brasil, art. 2º, 2017, *grifo nosso*).

Em destaque na citação acima compactuamos que o PNLD Literário destaca-se como um programa que se responsabiliza e integra de forma mais próxima à realidade tanto dos professores quanto dos alunos das escolas públicas brasileiras, e passa a ser visto de certa forma como um verdadeiro instrumento de auxílio na educação brasileira, com o simples enfoque de uma formação cada vez mais integral ao estudante e ao professor. Nesse contexto, consideramos a funcionalidade da escola, acobertada, por exemplo, de políticas como o PNLD, na qual reside uma diversidade de obras literárias, além disso permite que o leitor adquira diversas formas de expressões linguísticas e experiências literárias.

Daremos continuidade à explicitação do procedimento adotado para a seleção, o qual se estrutura mediante a categorização das obras e a observância das dimensões avaliativas do programa. Como forma de contribuir na formação de leitores literários, é um precursor da nova fase de entender o processo e os critérios para formar leitores nunca esteve tão urgente quanto se tem visto ultimamente, é o que veremos na próxima seção. A partir deste ponto, avançaremos para a exploração dos critérios de dimensão de avaliação de maneira específica.

2.2 O PNLD Literário: seleção, análise e distribuição

Os governos formulam programas que favorecem a leitura, mas os implementadores não se mostram preparados para assegurarem o cumprimento da diretriz de democratização do acesso aos livros.
(Morais, 2010, p. 68).

Neste tópico faremos uma descrição reflexiva sobre a delimitação de um dos pressupostos cruciais para a aprovação dos livros dentro do programa PNLD Literário. Esta delimitação está relacionada à definição dos livros que serão selecionados, sendo que a prioridade recai sobre a concordância entre a faixa etária e o tema - denominado como “Adequação de Categoria e Tema”. Essa diretriz busca manter a coerência com a ampla gama de habilidades e competências estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O processo do PNLD Literário é composto por diversas etapas que culminam na entrega dos materiais às escolas e alunos. Destacaremos as etapas essenciais: A primeira etapa

envolve a publicação de um edital, que estabelece os parâmetros que as obras selecionadas devem cumprir, com critérios de “convocação de editores para participar do processo de aquisição de obras literárias” (MEC, 2020, p. 13). Na segunda etapa, ocorre a avaliação conduzida pela equipe do Ministério da Educação (MEC), composta por uma Comissão técnica, uma equipe responsável pela avaliação de recursos, coordenação pedagógica, coordenação adjunta e avaliadores, todos especialistas em Letras e Educação. Essa fase abrange as etapas de habilitação, escolha, negociação, aquisição, distribuição, monitoramento e avaliação, conforme definido nos editais de convocação. No que diz respeito à avaliação, o decreto estipula que uma comissão técnica, cujos membros são nomeados pelo MEC, será responsável por orientar-se pelas regras estabelecidas pelo MEC e pelo FNDE, mediante edital público.

Esse procedimento evidencia que a escolha das obras não ocorreu de maneira aleatória, mas sim por meio de métodos criteriosos e fundamentais para a seleção de obras literárias disponibilizadas nas escolas. Vale ressaltar de forma otimista que o protagonismo das escolas e do professor na escolha das obras (algo que não acontecia no PNBE).

E você, professor (a), assume um lugar importante nessa ação, por isso é fundamental que se envolva e se comprometa com esse processo, analisando e discutindo com seu grupo de trabalho todos os aspectos importantes a serem considerados no ato de escolha do (s) livro (s) literário (s) que serão adotados por sua unidade escolar. [...]

Nesse sentido, este Guia cumpre a função essencial de lhe auxiliar nesse processo de escolha qualificada. As obras literárias que se apresentam neste Guia PNLD 2018-Literário, para sua análise e seleção, foram avaliadas e aprovadas por uma equipe de especialistas das áreas de Letras e de Educação. Agora é a sua vez de selecionar aquelas que melhor se relacionam com o projeto pedagógico da sua escola e com os propósitos educacionais de sua rede de ensino. (Brasil, 2018, p. 9).

A partir dessa perspectiva, o programa adota a ideia de que a qualidade de uma obra pode variar de acordo com os objetivos educacionais, e apenas os professores em suas respectivas escolas têm a capacidade de determinar quais obras são adequadas para serem utilizadas em um contexto específico. O critério de qualidade que anteriormente prevalecia no PNBE é, em grande parte, removido, uma vez que não são disponibilizadas apenas as obras altamente recomendadas para as escolas. No PNLD Literário, os critérios de avaliação adquirem um caráter seletivo, excluindo uma obra se ela não cumprir um ou mais requisitos a seguir:

- qualidade literária da obra (a obra não se caracteriza como didática);
- qualidade estética e literária da obra e sua contribuição para a formação do leitor;
- isenção de erros crassos e/ou recorrentes de revisão linguística;

- isenção de apologia a preconceitos, moralismos e/ou estereótipos que contenham, por exemplo, teor doutrinário, panfletário ou religioso explorados de modo acrítico no texto literário;
- correspondência com a categoria declarada no ato da inscrição;
- correspondência com o(s) tema(s) declarado(s) no ato da inscrição; g. correspondência com o(s) gênero(s) literário(s) declarado(s) no ato da inscrição; apresentação de prefácio e/ou apresentação que contextualize brevemente autor e obra (esse item não era eliminatório em obras para Ed. Infantil, categorias, 1, 2 e 3, edital). (Brasil, 2018, p. 15).

Quanto às particularidades e características, é essencial que sejam destacadas, dada a relevância do programa, incluindo as modificações no guia. Como resultado, as categorias são divididas de acordo com as diferentes etapas do ensino básico. Dessa forma, são estabelecidas as seguintes categorias: Creche I e II (para crianças de 0 a 1 ano e seis meses, e crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), Pré-Escola (para crianças de 4 a 5 anos e 11 meses), crianças do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental e do 4º aos 5º anos do Ensino Fundamental.

Ainda assim, é relevante observar que existem algumas semelhanças nos critérios de seleção de obras, embora não tenhamos a intenção de estabelecer uma comparação abrangente. Uma das semelhanças, a única será discutida neste trabalho, está relacionada à subdivisão dos critérios, uma vez que ambos se baseiam em quatro dimensões de avaliação. Essas dimensões incluem aspectos relacionados ao projeto gráfico-editorial, à qualidade literária do texto e adequação do tema, do gênero literário e da linguagem, entre outros. A única diferença ocorre na última dimensão, onde o PNBE se refere como “Dimensão Estatal” (Mota, 2012), enquanto o PNLD Literário de 2018 se baseou na dimensão de qualidade do material de apoio do professor.

No tocante ao PNLD Literário de 2018, o edital estabelece como seu critério inicial a dimensão intitulada “Qualidade do texto”. Essa dimensão prioriza a expansão do repertório linguístico, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma experiência de leitura que valorize a linguagem, permitindo assim que a linguagem seja considerada:

As obras literárias, tanto em língua portuguesa em suas múltiplas variantes (nacional, regional, europeia e africanas), quanto em língua inglesa em suas múltiplas variantes, devem contribuir para ampliar o repertório linguístico dos estudantes e, ao mesmo tempo, propiciar a fruição do uso singular da linguagem que as caracteriza (Brasil, 2018, p. 31).

Com isso, torna-se evidente que, durante o processo de seleção, a diversidade deve ser levada em consideração, mas não apenas como um fim em si, com o único propósito de apresentar informações variadas. Pelo contrário, a diversidade deve ser considerada levando em conta a função estética da linguagem por meio da qual essas múltiplas variantes são apresentadas na obra. Essa preocupação é acompanhada por uma série de critérios, que, de acordo com o edital, são avaliados com base na “exploração de recursos expressivos, consciência das possibilidades estruturais do gênero literário proposto, adequação da linguagem aos estudantes e o desenvolvimento do tema em harmonia com o gênero literário em questão” (Brasil, 2018, p. 31).

A “exploração de recursos expressivos” e a “adequação da linguagem aos estudantes” são aspectos de grande importância a serem considerados, uma vez que estão diretamente relacionados ao leitor. O primeiro aspecto atrai para a obra, enquanto o segundo facilita a compreensão, resultando em uma experiência de leitura mais agradável e eficaz. É importante ressaltar que ao despertar essa experiência prazerosa, também se estimula o interesse por novas leituras.

Além dos critérios de qualidade do texto, o edital enfatiza a não seleção de obras com conteúdo doutrinário, panfletário, didático ou religioso. No entanto, é válido notar que a descrição desse critério é ampla, uma vez que não fornece ao avaliador uma contextualização específica em relação a esses critérios. Essa questão também foi levantada em edições anteriores ao PNBE, como apontado por Mota (2012):

Há um limite sugerido pelos editais que separa as obras literárias das obras predominante doutrinárias, didáticas, religiosas ou panfletárias. Todavia, esse é um limite demasiado amplo, que apenas assinala pela recusa o que não se considera literário. [...] um texto pode ter sido escrito para ser uma obra religiosa e tornar-se literária, a exemplo de *Os Sermões*, de Padre Vieira. Por outro lado, há gêneros que pela sua própria constituição não podem deixar de desposar certo direcionamento do leitor, como as biografias, as memórias e as autobiografias que traçam e defendem ideais ou no mínimo funcionam como exemplo de vida (Mota, 2012, p. 311).

Ou seja, considerar esse critério de uma maneira não contextualizada é também uma forma de deixar de lado obras que fazem parte da construção do leitor enquanto ser social. Também é válido observar que esse critério sugere uma possível contradição com o critério de inclusão da diversidade cultural nas obras, conforme expresso no edital. Isso ocorre porque as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras frequentemente incluem suas próprias premissas religiosas, e abordar essas crenças é uma maneira de enriquecer a compreensão tanto do leitor

quanto da sociedade em relação a essas culturas. Além disso, a questão gera conflito direto com alguns gêneros literários que faziam parte do programa, como os textos da tradição popular, memórias e diários, que muitas vezes são usados no contexto escolar com fins pedagógicos. Um exemplo adicional disso é representado pelas lendas e mitos, que essencialmente carregam explicações sobre fenômenos naturais ou a origem de culturas, entre outros temas, e por essa razão, são frequentemente utilizados com objetivos didáticos pedagógicos. Isso destaca a importância de debater e compreender a ressalva presente no edital. Em outras palavras, é necessário considerar não apenas o gênero literário, mas também o contexto de produção no qual a obra se insere, para evitar a reprovação de obras que possuem valor artístico, cultural, social e histórico significativo.

Na segunda dimensão, outros dois critérios surgem como fundamentais. O primeiro critério diz respeito à adequação da obra literária à categoria, levando em consideração a faixa etária do público-alvo e o segundo critério envolve a avaliação das temáticas presentes nas obras, que devem igualmente estar alinhadas com a categoria à qual foram atribuídas. O edital enfatiza essa distinção, fornecendo orientações específicas sobre as temáticas a serem exploradas em conformidade com cada categoria, fornecendo orientações específicas. Por exemplo, na categoria 4, que corresponde do 1º ao 3º ano do EF, a primeira temática diz respeito à “descoberta de si”, já na categoria 5, que corresponde ao 4º e 5º ano do EF, a primeira temática é o “autoconhecimento, sentimentos e emoções”. As duas temáticas podem parecer iguais, contudo, elas divergem quando pensamos nos interesses encontrados nesses grupos por faixa etária.

Conforme Coelho (2000), para que a experiência de leitura literária seja ativa, é fundamental considerar diversos fatores, incluindo a adequação da leitura ao estágio de desenvolvimento do leitor. Isso requer não apenas levar em conta a idade cronológica, mas também a maturidade biopsicossocial e intelectual. Portanto, podemos notar que a subdivisão de categorias propostas no edital do programa desempenha um papel essencial, uma vez que as obras são distribuídas com base nos interesses temáticos que se relacionam com grupos de crianças, isto é, para o 1º ao 3º e para o 4º ao 5º ano, em vez de serem direcionadas especificamente para crianças de uma determinada idade.

Quando analisamos o guia *on-line*, observamos que, de forma semelhante ao edital, o documento apresenta informações de acordo com as categorias e a temática de cada livro. No entanto, o guia *on-line* se diferencia do edital por não incluir informações relacionadas aos enfoques temáticos, mas em vez disso, incorpora resenhas sobre cada uma das obras.

A terceira dimensão tratada é o Projeto gráfico-editorial, que estabelece critérios relativos à apresentação física dos livros. Isso inclui a coesão entre o texto principal, os elementos periféricos, como o prefácio, as intervenções gráficas e as ilustrações da obra. Essa coesão é crucial, uma vez que a falta de harmonia entre esses elementos pode prejudicar a experiência de leitura. Em relação aos livros de Literatura Infantil e Juvenil, que são os livros distribuídos neste programa, alguns elementos mencionados são intrínsecos à própria narrativa.

Em outras palavras, a mudança de formato, a diagramação das páginas, a escolha das cores de fundo, a interação entre texto e imagem, o ritmo, a dinâmica e outros elementos são essenciais na experiência de leitura e, portanto, desempenham um papel fundamental na compreensão do texto. O edital também estabelece outros critérios, como a necessidade de incluir nas obras um suporte textual que contextualize a biografia do autor e a obra em questão, proporcionando assim ampliação das possibilidades de leitura.

Além disso, no critério “Projeto gráfico-editorial”, o edital destaca que “uma vez que essas informações visam a ampliar as possibilidades de leitura dos estudantes, elas devem ser pertinentes e consistentes, mas apresentadas de forma adequada à faixa etária esperada dos estudantes dos Anos Iniciais” (Brasil, 2018, p. 38). Isso reforça a ideia de que esses critérios devem estar relacionados não apenas às categorias, mas também a todos os critérios estabelecidos no edital.

A última dimensão abordada no edital se relaciona à “Qualidade do manual do professor digital”. Essa dimensão amplia o escopo do cronograma no que diz respeito ao trabalho com a leitura literária, uma vez que esse material oferece aos educadores oportunidades metodológicas para abordar a leitura, além de outros recursos didáticos.

Diante do exposto, podemos perceber que independentemente dos pontos analisados a respeito do edital e do guia, os critérios de avaliação e seleção das obras são expostos de maneira esclarecedora, a fim de auxiliar os docentes durante o processo de escolha, trazendo informações que vão desde o funcionamento do programa e sua importância para a escola, até o passo a passo de todo o processo. Logo, percebemos tais documentos como necessários ao processo de seleção realizado pelo professor, pois favorecem e dão apoio a escolhas mais criteriosas e fundamentadas.

Entretanto, uma crítica que pode ser feita é que, apesar da aparente clareza e objetividade, o edital e o guia podem, em certos aspectos, tornar-se excessivamente normativos. Isso pode limitar a autonomia dos docentes, que podem se sentir obrigados a seguir rigidamente as diretrizes, em vez de exercerem seu julgamento profissional e criativo na escolha das obras.

Além disso, o foco em diretrizes muito específicas pode, por vezes, negligenciar a diversidade cultural e regional, essencial para a formação integral dos alunos.

Ademais, a burocratização do processo pode desencorajar a inovação e a experimentação com novos autores e obras, levando à perpetuação de um cânone literário restrito. É crucial que, ao mesmo tempo em que se fornecem critérios claros, também se permita uma margem para a flexibilidade e a inclusão de vozes diversas e emergentes na literatura.

Portanto, embora os documentos sejam indiscutivelmente necessários e ofereçam um suporte substancial ao processo de seleção, é essencial que haja um equilíbrio entre diretrizes claras e a liberdade docente para garantir uma educação rica, diversificada e realmente formadora. No item seguinte, vamos apresentar o PNLD Literário 2020, direcionando as diretrizes estabelecidas no edital a partir de temas e categorias, e refletir sobre essas diretrizes podem ser aplicadas de maneira a promover uma seleção de obras mais inclusiva e representativa.

2.3 PNLD Literário 2020: temas e categorias

“ [...] capaz de estimular todas as faculdades do leitor.”
(Meireles, 2001, p. 120).

Diante do que já foi exposto nas seções anteriores acerca do PNLD literário, daremos ênfase ao ano de 2020. A ênfase no ano de 2020 se justifica com base nas informações apresentadas nas seções anteriores sobre o PNLD Literário. Este ano específico representa um ponto relevante no programa, pois marcou mudanças e diretrizes importantes que afetaram a seleção e avaliação de obras literárias destinadas à educação no Brasil. Portanto, é crucial destacar o ano de 2020 como um marco no desenvolvimento do PNLD Literário e examinar as diretrizes estabelecidas nesse período para uma compreensão mais abrangente do programa. Dessa forma, avancemos, então, descrevendo e refletindo algumas das diretrizes apresentadas no edital.

No primeiro semestre de 2020, o FNDE anunciou o início do processo de seleção de obras literárias para o PNLD Literário 2020, destinadas aos anos finais do ensino fundamental. Assim como no PNBE, as obras literárias aprovadas continuaram a ser áreas de Letras e Educação, provenientes das universidades federais do Brasil. A inovação desse programa consistiu em permitir que professores participassem ativamente do processo de seleção, indicando as obras que seriam utilizadas por seus estudantes. Essa abordagem acrescentou um

elemento democrático ao processo, envolvendo o corpo docente das escolas na tomada de decisão. Isso possibilitou a escolha de obras literárias com temáticas alinhadas ao projeto político-pedagógico de cada escola, reconhecendo assim que cada instituição educacional possui suas próprias especificidades e identidade.

A avaliação pedagógica das obras literárias foi realizada com base em quatro dimensões, aplicadas a todas as obras inscritas, independentemente do nível de ensino abrangido por esta edição do Programa:

- Qualidade do texto verbal e do visual;
- Adequação de categoria, de tema e de gênero literário;
- Projeto gráfico-editorial;
- Qualidade do material de apoio

Dentro dos critérios de avaliação das obras, é relevante ressaltar a importância da “exploração de recursos expressivos da linguagem, a consistência das possibilidades estruturais do gênero literário proposto, a adequação da linguagem aos estudantes e o desenvolvimento do tema em harmonia com o gênero literário específico”.

No critério de Adequação da temática é importante destacar a avaliação da “conformidade de cada obra literária com a categoria em que foi inscrita, considerando a faixa etária correspondente”. Entre os Critérios Eliminatórios, incluem-se a qualidade da obra (ou seja, a obra não pode se apresentar de forma didática) e a exclusão de conteúdos que promovam preconceitos, moralismo ou estereótipos, como teor doutrinário, panfletário ou religioso, explorados de forma não crítica no contexto do texto literário.

Dessa forma, as dimensões avaliativas do PNLD Literário estabelecem critérios nos editais relacionados à adequação da categoria e do tema. Isso envolve a abordagem de temas que visam a promover uma ampla gama de habilidades, bem como o desenvolvimento de competências sociais e produtivas. Essas diretrizes objetivam apoiar os estudantes na capacidade de aprendizagem contínua ao longo de suas vidas.

Assim, a abordagem intencional das dimensões de avaliação no PNLD Literário estabelece critérios nos editais relacionados à seleção de livros, considerando a adequação à categoria e ao tema. Isso envolve a escolha de temas que visam estimular um amplo conjunto de habilidades, incluindo aquelas relacionadas a competências sociais e produtivas, para auxiliar os estudantes em seu desenvolvimento contínuo de aprendizado ao longo da vida. Os temas da Categoria 1 (6º e 7º anos) estão inclusos nesse processo.

Em seu Anexo IV (Critérios para a avaliação de obras literárias), estão listadas as categorias temáticas em que cada obra poderia ser inscrita. Os temas foram divididos em duas categorias: Categoria 1 (6º e 7º anos do ensino fundamental); e Categoria 2 (8º e 9º anos do ensino fundamental), totalizando doze temas. Essa lista não exaustiva que permite que uma obra seja inscrita em temas que não estão especificados no edital, “desde que sejam nomeados, definidos e justificados, pela editora, para fins de avaliação” (Brasil, 2018, p. 5). Com isso, enfatizar que a categoria em destaque aborda 6º e 7º anos, cujo foco está alinhado com o escopo da presente pesquisa.

Como exemplo, elaboramos o quadro 3, que se refere ao edital que conduziu a seleção do corpus de pesquisa. De forma excepcional, neste quadro, elucidamos os enfoques de um tema específico conforme descrito no documento. Isso tem como propósito ilustrar como a organização dessas obras foi delimitada, sendo ele o primeiro tema “Autoconhecimento, sentimentos e emoções” do Quadro 1, relevante para esta pesquisa.

Quadro 2 - Categoria 1 (6º e 7º anos do Ensino Fundamental Anos Finais)

TEMAS	ENFOQUE DA OBRA
Autoconhecimento, sentimentos e emoções	Percepção do corpo, construção da identidade e processos de amadurecimento, bem como a relação de personagens/sujeitos líricos com suas emoções e sentimentos, tais como o amor, a alegria, o luto e a dor.
Família, amigos e escola	Relações familiares e sociais imediatas dos personagens/sujeitos líricos, considerando-se a relação com as autoridades, a construção das amizades, os conflitos e aprendizagens advindos da interação com o outro etc.
O mundo natural e social	Das descobertas e relações pessoais a esferas mais amplas, como a cidade e o meio ambiente (paisagens naturais, plantas, animais), com atenção às diversidades regionais. Devem-se destacar temas que mostrem como o mundo é um lugar de convívio com a diferença, estabelecendo a responsabilidade frente a ele.
Encontros com a diferença	O contato entre diferentes esferas culturais, sociais, regionais etc., bem como o encontro entre indivíduos de diferentes etnias, raças etc. e/ou com pessoas com deficiências, sendo valorizada a presença de protagonistas que representem essa diversidade. A interação com a diferença deve revelar seus desafios e benefícios, destacando-se a necessidade de um convívio democrático.
Diálogos com a história e a filosofia	Textos poéticas ou de ficção que remetam a temas históricos e filosóficos – incluindo-se tópicos das diversas mitologias – em forma e contextos adequados ao público-alvo, em linguagem e forma literárias, valorizando-se o trabalho estético e imaginativo dos temas.
Aventura, mistério e fantasia	Textos, predominantemente narrativos, cujos personagens se envolvam em tramas que escapem de seu universo cotidiano, incluindo desde histórias detetivescas, com resolução de mistérios, até universos fantásticos e figuras como bruxos, vampiros, fadas, gnomos, monstros etc.
Outro tema	Tema livre desde que nomeado, definido e justificado, junto com a categoria a que pertence.

Fonte: elaboração própria com base no Edital do PNLD Literário 2020 (MEC, 2020).

Vale salientar que as editoras podem inscrever uma obra com mais de um tema, embora não em mais de uma categoria, o que permitiu a inscrição de obras de temática insólita que abordassem as demais temáticas, como “autoconhecimento, sentimentos e emoções” e “conflitos na adolescência”, tanto nesses temas quanto nos da fantasia em ambas as categorias (Quadro 3). Além disso, o edital aponta também os gêneros em que as obras podem ser inscritas:

2.2.13. As obras literárias poderão ser inscritas nos seguintes gêneros literários:

- a. poema;
- b. conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; c. romance;
- d. memória, diário, biografia, relatos de experiências;
- e. obras clássicas da literatura universal;
- f. livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos. (Brasil, 2018, p. 5).

No que concerne ao processo do autodescoberta dentro da LJB, a pesquisadora Alice Áurea Penteado Martha (2011, p. 21) pontua que

[é] a partir desse processo que as narrativas, verdadeiras experiências de autoconhecimento, podem contribuir na formação de leitores adolescentes, humanizando-os, no sentido mais amplo da palavra, ainda que, por vezes, as vivências das personagens pareçam estar distantes daquelas experimentadas pelos jovens em seu ambiente real.

Na análise, é importante considerar o projeto gráfico e editorial, que desempenha três funções essenciais: (1) contextualizar o autor e a obra, (2) estimular o interesse do estudante pela leitura, sendo de particular interesse para nossa pesquisa, e (3) ressaltar o ponto mais relevante para nosso objeto de estudo, que consiste em justificar a importância da obra em relação ao tema proposto.

Estas informações devem enriquecer o projeto gráfico e editorial, seguindo as diretrizes da BNCC, que indicam que, por um lado, elas devem proporcionar uma compreensão mais profunda sobre como as obras são produzidas, distribuídas e recebidas, revelando os interesses e conflitos que influenciam suas condições de criação “por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras [...] e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção [...], por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética” (Brasil, 2017, p. 155).

E o último critério, qualidade do material de apoio “[...] deverá contemplar orientações para professores de outros componentes ou áreas, para a utilização de temas e conteúdos

presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar, sempre em consonância com o disposto pela BNCC” (Brasil, 2017, p. 53).

Isto posto, com a implementação de programas como o PNLD em um país como o Brasil, consideramos as questões delineadas no edital como cruciais. No entanto, é evidente que há um esforço contínuo em promover a presença da literatura na sala de aula por meio de textos mais desafiadores, visando, assim, a aprimorar a capacidade dos adolescentes em adquirir autonomia e oferecendo-lhes as ferramentas necessárias para acessar e interagir de forma crítica com diversos tipos de conhecimento e fontes de informação. Esse enfoque amplia as oportunidades intelectuais e intensifica a capacidade de realizar raciocínios mais abstratos. Como resultado, os estudantes se tornam mais competentes em enxergar e avaliar eventos sob a perspectiva de terceiros, exercendo a habilidade da descontração, “importante na construção da autonomia e na aquisição de valores morais e éticos” (Brasil, 2010, p. 60).

Por fim, como mencionado anteriormente, o edital já forneceu informações detalhadas sobre o processo de avaliação e aprovação dos livros de literatura, considerando dimensões, categorias e temas. Isso reflete uma clara ênfase nas responsabilidades dos editores e autores em comparação com a dos professores. Para estes últimos, a escola é, portanto, limitada às opções alinhadas com as diretrizes do programa e aprovadas pela equipe de avaliação designada pelo MEC. Essa abordagem não deve ser vista como um problema, mas sim como uma solução.

Para dar continuidade a nossa pesquisa sobre temas específicos nas narrativas literárias voltadas ao público juvenil, reconhecemos a necessidade de realizar um mapeamento das obras distribuídas pelo PNLD Literário 2020. Vemos essa política pública de leitura para os jovens estudantes, e seus livros desempenham um papel fundamental na disseminação da leitura. A inclusão da temática da morte nas obras distribuídas pelo PNLD Literário 2020 pode ser defendida com base em diversos argumentos. Primeiramente, abordar temas universais e, por vezes, complexos, como a morte, contribui para enriquecer a experiência de leitura dos estudantes, permitindo-lhe explorar aspectos importantes da condição humana.

Além disso, a literatura que contempla a morte como tema que pode desencadear reflexões profundas sobre valores, ética e o significado da vida. Ao inserir essas narrativas no âmbito das políticas de leitura, proporcionamos aos jovens leitores a oportunidade de desenvolver uma compreensão mais ampla e empática das realidades que cercam a existência.

A defesa da presença da temática da morte no PNLD Literário 2020 não apenas amplia a diversidade temática nas obras distribuídas, mas também se alinha à missão educacional de proporcionar aos estudantes uma educação literária que vá além do entretenimento, incentivando a reflexão crítica e a compreensão do mundo ao seu redor.

Dessa forma, ao mapear as obras distribuídas por essa política pública, destacamos a relevância de incluir narrativas que abordem a morte, considerando-a não apenas como um elemento temático literário, mas como uma oportunidade valiosa de enriquecimento da experiência de leitura e desenvolvimento do pensamento crítico dos jovens leitores.

Para orientar nossa investigação, estabelecemos um recorte metodológico, concentrando nossos estudos nos livros literários destinados aos Anos Finais do Ensino Fundamental, tendo como ponto de partida nas sinopses das narrativas, que evidenciam a presença da temática sobre a morte.

Após a adequada clarificação dessas questões, percebemos que a compreensão do papel da literatura voltada para os jovens se torna mais acessível, principalmente quando estes são instigados a contemplar assuntos de caráter sensível, sobretudo quando essas temáticas estão entrelaçadas com políticas públicas. Assim, a próxima seção da discussão se concentrará em explorar o tema em que instiga tais reflexões.

2.4 PNLD Literário 2020: a morte em evidência

“Minha morte nasceu quando eu nasci... Despertou, balbuciou, cresceu comigo... E dançamos de roda ao luar amigo. Na pequenina rua em que vivi.”
(Mário Quintana, 2005, p. 36).

Iniciamos essa seção com a discussão a partir do quadro relacionado ao edital que conduziu a seleção da nossa investigação. Neste contexto detalhamos os enfoques de um tema específico, a saber, a morte, com o propósito de esclarecer como a organização dessas obras foi definida. O quadro a seguir faz referência ao edital do PNLD Literário 2020, que promoveu a seleção do nosso *corpus* de pesquisa e, em caráter excepcional, apresentamos de forma explícita os enfoques de um tema particular descritos no documento, a fim de destacar como foi estabelecida a predileção por essas obras.

No que diz respeito à seleção das obras apresentadas no Quadro 4, estas foram definidas com base no acesso a informações acerca dos títulos por meio do *Guia Digital*, que está disponível para consulta informativa no site. Ao acessar o site, como já dissemos é possível utilizar filtros que os permitem realizar buscas nas diversas categorias, gêneros e temas disponíveis.

Para chegar à seleção das obras apresentadas no Quadro 3, o processo de análise começou com a escolha das obras literárias. A fim de delimitar de forma mais precisa o objeto

de estudo, realizou-se uma triagem das obras com base nos seguintes critérios: Categoria 1 (Ensino Fundamental – Anos finais); Tema (autoconhecimento, sentimentos e emoções); gênero (conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular).

Assim, a partir deste momento, executamos uma análise minuciosa de cada uma das dimensões mencionadas, as quais serviram como a estrutura organizacional que direcionou as práticas adotadas pelos editores que submeteram os livros de literatura infantil para o edital PNLD Literário 2020.

Após a aplicação desses critérios de filtragem no *Guia*, identificamos 32 títulos (trinta e duas) listados no Guia do PNLD literário 2020. No entanto, identificamos que apenas 6 títulos (seis) dessas obras abordam o tema da morte, após a leitura das sinopses dos livros.

Quadro 3 - Livros com temáticas sobre morte selecionados no PNLD Literário 2020

Título	Autor	Ano	Editora	Categoria
<i>Eu vi mamãe nascer</i>	Luiz Fernando Emediato	2018	Emediato Editores	6º e 7º ano do Ensino Fundamental II
<i>Um anarquista no sótão</i>	Ivan Jose de Azevedo Fontes	2018	Editora Joaquim	6º e 7º ano do Ensino Fundamental II
<i>Os nove pentes d' África</i>	Maria Aparecida da Silva	2015	Mazza Edicoes	6º e 7º ano do Ensino Fundamental II
<i>Teleco, o coelhinho</i>	Murilo Eugênio Rubião	2018	Editora Positivo	6º e 7º ano do Ensino Fundamental II
<i>Coisas simples do cotidiano</i>	Rubem Braga	2018	Livraria e Distribuidora Multicampi	6º e 7º ano do Ensino Fundamental II
<i>Murmúrio</i>	Marcos Araújo Bagno	2018	Editora Positivo	6º e 7º ano do Ensino Fundamental II

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Após uma análise preliminar das diversas obras selecionadas no quadro, optamos por concentrar nossa atenção em *Eu vi mamãe nascer* de Luiz Fernando Emediato. A escolha dessa obra se fundamenta na abordagem única e sensível do tema da morte, que se apresenta de maneira especialmente relevante e acessível ao público juvenil. Diferente de outras narrativas que podem tratar a morte de forma alegórica ou indireta, *Eu vi mamãe nascer* se distingue ao abordar diretamente questões de perda e transformação, sem perder a sutileza necessária para dialogar com jovens leitores.

O texto de Emediato trabalha com uma narrativa que possibilita ao jovem leitor explorar sentimentos complexos relacionados à finitude e ao luto, mas sempre de forma que convida à empatia e à reflexão pessoal. Além disso, a maneira como a história é construída permite que a morte seja compreendida como uma experiência que, embora dolorosa, também propicia um caminho de autodescoberta e crescimento emocional. Essa abordagem é particularmente significativa para a literatura juvenil, pois promove não só a compreensão, mas também o amadurecimento emocional dos leitores, estimulando o desenvolvimento de resiliência diante das inevitáveis perdas que a vida impõe.

Outras obras mencionadas no quadro que também abordam a temática da morte, como *Murmulho* de Marcos Araújo Bagno e *Teleco, o coelhinho* de Murilo Eugênio Rubião – trazem perspectivas e estilos distintos, evidenciando a diversidade de abordagens presentes na literatura juvenil brasileira contemporânea. Cada uma dessas narrativas adota um tratamento único do tema, oferecendo ao leitor jovem não apenas histórias, mas verdadeiros caminhos para lidar com questões complexas e inevitáveis da existência.

Em *Murmulho*, Bagno explora o silêncio, a ausência e o vazio deixados pela morte, criando uma narrativa que se distancia de uma abordagem direta e explícita, e se aproxima de uma representação mais introspectiva e contemplativa. A obra utiliza o silêncio como uma metáfora para o luto, incentivando o leitor a refletir sobre a falta que a morte deixa, e as formas com que cada personagem lida com essa ausência. Ao abordar a morte de forma indireta, *Murmulho* proporciona uma experiência de leitura que permite ao jovem leitor entrar em contato com a finitude de uma forma sutil e reflexiva, explorando o vazio que a perda imprime e as maneiras silenciosas com que as pessoas costumam reagir a ela. Esse enfoque mais contido convida o leitor a introspecções profundas sobre o processo de luto, encorajando a resiliência e a aceitação.

Por outro lado, *Teleco, o coelhinho* de Murilo Eugênio Rubião aborda a morte com elementos de fantasia e ludicidade, tornando o tema acessível de uma forma mais leve, mas igualmente impactante. A história de *Teleco* permite ao jovem leitor experimentar o luto e a

morte a partir de uma perspectiva lúdica, onde a fantasia ajuda a suavizar o impacto da perda, ao mesmo tempo que permite uma compreensão mais sensível sobre a natureza do ciclo da vida. Através do coelhinho Teleco e suas aventuras, Rubião constrói uma ponte entre o mundo real e o imaginário, possibilitando ao jovem leitor uma forma alternativa de entender a morte – como parte de uma jornada natural e até transformadora. A abordagem lúdica e fantasiosa de *Teleco, o coelhinho* estimula o desenvolvimento de empatia e proporciona um espaço seguro para que os leitores possam processar o tema sem sentir-se sobrecarregados pela seriedade da experiência de perda.

Essa variedade de abordagens, presente nas obras destacadas no quadro, amplia a compreensão das múltiplas formas com que a literatura juvenil pode explorar temas existenciais e auxilia na formação integral do jovem leitor. Cada obra, ao seu modo, contribui para o desenvolvimento emocional e intelectual do leitor juvenil, oferecendo narrativas que, além de entreter, incentivam a construção de uma visão mais humanizada sobre a morte. A literatura juvenil, nesse contexto, emerge como um espaço fundamental para tratar temas sensíveis e complexos, promovendo a empatia, a resiliência e uma compreensão mais profunda das diversas experiências humanas. Dessa maneira, o conjunto dessas obras forma um panorama rico e necessário sobre o papel da literatura na abordagem de temas transversais, e destaca a importância de tais narrativas para o desenvolvimento e a formação emocional dos jovens.

Com o encerramento deste capítulo, direcionamos agora o foco para o último capítulo da dissertação, onde realizaremos uma análise aprofundada da obra *Eu vi mamãe nascer*, de Luiz Fernando Emediato. Esta parte final permitirá um mergulho nas nuances literárias e narrativas que conferem à obra seu caráter distintivo, explorando não apenas os temas centrais, mas também os elementos estilísticos e estruturais que enriquecem a narrativa, a partir de categorias de análise elaboradas e descritas no capítulo. Investigaremos de que forma a representação da morte na obra impacta o desenvolvimento pessoal e emocional do público juvenil, buscando compreender como Emediato articula questões de perda, transformação e autoconhecimento. Através dessa análise, pretendemos destacar a relevância da obra dentro do contexto da literatura juvenil contemporânea, evidenciando sua capacidade de dialogar com as experiências e emoções dos jovens leitores, enquanto se propõe a desmistificar e humanizar um tema tão delicado quanto a morte.

3 “EU VI MAMÃE NASCER”, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO: O NASCER E O MORRER

Mamãe estava na cama, com os olhos fechados e as mãos cruzadas no peito. Acho que dormia, de tão bonita que estava. (Emediato, 2018, p. 13).

O presente capítulo traz o estudo de uma obra selecionada a partir do mapeamento de livros encontrados no PNLD Literário 2020. A análise da obra será realizada de forma integrada, abordando conjuntamente as diferentes categorias: materialidade do livro, construção narrativa e representação da morte, refletindo sobre as observações coletadas ao longo dos capítulos anteriores e que aqui serão descritas. Esse exame não se limitará a uma análise isolada de cada aspecto, mas, em vez disso, seguirá um fluxo que conecta as categorias à medida que elas aparecem de forma interdependente na narrativa. Essa abordagem busca proporcionar uma compreensão mais abrangente das representações da morte na literatura juvenil e de como elas ressoam nas experiências dos leitores.

A obra escolhida foi selecionada por sua relevância temática e por sua capacidade de tratar a complexidade da morte de maneira sensível e acessível ao público juvenil. Através da análise iremos explorar, de forma integrada, como a narrativa constrói suas personagens, o papel das ilustrações e cores, e a materialidade do livro em si. Além disso, será avaliado como diálogos, conflitos e outros recursos literários se entrelaçam para oferecer uma experiência de leitura enriquecedora e reflexiva. Essa abordagem permite não apenas uma apreciação estética, mas também uma compreensão mais profunda das mensagens subjacentes sobre a vida, a perda e o luto. Entretanto, antes de seguirmos adiante, passamos a detalhar a construção e a descrição das categorias de análise, que permitem um olhar mais sensível e estético da obra selecionada.

3.1 Construção e Descrição das Categorias de Análise

"A verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos." (Marcel Proust, 1992).

Completadas no capítulo anterior as etapas de mapeamento e da seleção preliminar das obras no contexto do PNLD Literário, alcançamos um momento crucial para o desenvolvimento desta dissertação, a formulação e descrição das categorias analíticas que vão nos guiar na investigação da análise. O mapeamento das obras evidenciou uma diversidade significativa de abordagens sobre o tema da morte na literatura juvenil. A narrativa escolhida apresenta desde visões mais sombrias e realistas até interpretações mais sutis e metafóricas. Diante dessa multiplicidade de perspectivas, tornou-se essencial definir categorias analíticas que possibilitem uma leitura estruturada e crítica das obras.

Essas categorias foram elaboradas a partir de uma revisão cuidadosa da obra mapeada e da consideração dos principais conceitos teóricos pertinentes e baseou-se tanto em aspectos intrínsecos à narrativa quanto na necessidade de abranger as diferentes formas de representação da morte, visando garantir uma abordagem analítica coesa e relevante. Neste tópico, serão expostas as categorias analíticas selecionadas, acompanhadas de uma explicação dos critérios que nortearam sua escolha. O intuito é estabelecer uma base para a análise da obra, de modo que cada categoria contribua para uma compreensão ampla e fundamentada das representações da morte na literatura juvenil.

Como dissemos anteriormente, a análise também será estruturada com base nas categorias definidas pelo programa, visando uma compreensão aprofundada das representações da morte na literatura juvenil. As categorias do PNLD Literário fornecem uma estrutura que possibilita uma análise minuciosa das obras, destacando elementos significativos da literatura juvenil atual. A seguir, apresentamos as categorias de análise e como elas serão aplicadas neste estudo:

Quadro 4 - Categorias e Aspectos para Análise

Dimensão	Aspectos Específicos
Materialidade do Livro	
	Técnica de Impressão
	Designer Gráfico

	Capas
	Elementos paratextuais
Construção Narrativa	
	Construção do personagem
	Narrador
	Ilustração
	Estratégias de engajamento do leitor
Representação da Morte	
	Modalidade de representação (simbólica, metafórica, realista, violenta)
	Impacto da morte

Fonte: Elaborado a partir da Tese de doutorado de Jaine Souza (2024).

O quadro tem como objetivo apresentar as principais dimensões de análise para a obra selecionada, levando em consideração elementos materiais, narrativos e simbólicos relacionados à representação da morte. As categorias destacadas permitem um estudo detalhado das características visuais e textuais da narrativa, além de possibilitar a identificação de estratégias utilizadas pelo autor para envolver o público juvenil em um tema sensível como a morte.

A análise da **materialidade do livro** abrange aspectos como a técnica de impressão, o *design* gráfico e os elementos paratextuais, que, em conjunto, influenciam a experiência de leitura. Nesse contexto, Ceccantini (2010, p. 56) ressalta que "a materialidade da obra não deve ser ignorada, pois pode mediar a relação entre o leitor e o texto." As capas, o formato e o projeto gráfico são observados como componentes que podem facilitar ou dificultar a entrada do leitor na narrativa.

A análise dos **elementos paratextuais** presentes nas obras também revela aspectos importantes da interação entre texto e imagem, especialmente em narrativas destinadas ao público juvenil. Elementos como orelhas de livro, sinopses e outros textos que acompanham a obra desempenham um papel decisivo na construção de expectativas para o leitor e, por vezes, oferecem chaves de leitura que antecipam ou complementam os temas principais da narrativa. Assim, esses componentes não devem ser subestimados, pois influenciam diretamente a maneira como o leitor se relaciona com o tema da morte antes mesmo de iniciar a leitura do texto principal.

No **projeto gráfico**, a disposição dos elementos textuais e visuais no miolo do livro pode reforçar o impacto emocional da narrativa, especialmente quando o tema é delicado como

a morte. Como afirma Zilberman (2003, p. 92), "o projeto gráfico deve dialogar com o conteúdo do livro, intensificando o impacto emocional nas passagens mais dramáticas." A organização das páginas, a tipografia escolhida e o uso de espaços em branco podem criar uma atmosfera que ora convida o leitor à reflexão, ora intensifica o drama vivido pelos personagens. Dessa forma, o projeto gráfico torna-se mais uma camada de significado, que, ao dialogar com a narrativa, amplia a capacidade do texto de comunicar suas mensagens mais profundas.

Na categoria de **construção narrativa**, a análise inclui as ilustrações e o uso das cores, que podem reforçar ou suavizar o impacto do tema, como apontado por Lottermann. O ritmo e a fluidez do texto são observados para entender como a narrativa se desenrola e prende a atenção do leitor. Os elementos de personagem e narrador ajudam a explorar como o texto estabelece uma conexão com o leitor, especialmente em temas complexos como a morte.

Além disso, é importante observar como a morte impacta a **caracterização das personagens**. Em muitas narrativas, a perda ou a proximidade da morte desencadeia um processo de autoconhecimento nas personagens, levando-as a lidar com emoções complexas e amadurecimento pessoal. Nesse sentido, a análise das obras deve buscar compreender como a presença da morte, seja física ou simbólica, contribui para a evolução das personagens e para o desenvolvimento da trama como um todo.

A partir dessas diferentes dimensões, a análise proposta permitirá uma compreensão mais profunda de como a temática da morte é representada na literatura juvenil selecionada, oferecendo insights valiosos sobre a forma como os jovens leitores são convidados a refletir sobre esse tema universal. Ao aprofundar a análise, torna-se essencial considerar o contexto sociocultural em que essas obras foram produzidas e como isso influencia a forma como a morte é abordada. A literatura juvenil contemporânea tem se mostrado cada vez mais aberta a tratar temas complexos, como a morte, de maneira acessível, mas sem minimizar suas implicações emocionais e existenciais. Como aponta Lottermann (2018, p. 142), "a abordagem de temas como a morte na literatura juvenil reflete uma sensibilidade crescente em relação às experiências emocionais dos jovens." Esse movimento reflete uma mudança nas expectativas sobre o que os jovens leitores são capazes de compreender e processar, e também responde a uma demanda crescente por narrativas que ofereçam espaço para a reflexão sobre questões humanas fundamentais.

Por fim, a análise da **relação entre a morte e o tempo** nas narrativas juvenis oferece outra perspectiva interessante. A morte muitas vezes marca o fim de um ciclo, mas também pode ser retratada como um ponto de partida para uma nova fase de vida seja para os personagens sobreviventes ou para o próprio personagem que morre, caso a narrativa explore a

continuidade da existência em outra dimensão ou plano espiritual. Nesse sentido, o tempo pode ser apresentado de forma linear, onde a morte é uma conclusão, ou de forma cíclica, onde a morte é apenas mais uma etapa dentro de um ciclo contínuo. Esse tratamento do tempo e da morte reflete diferentes visões filosóficas e religiosas sobre a finitude e o que vem após ela.

Através dessas diferentes camadas de análise que envolvem desde a materialidade do livro até a profundidade emocional e simbólica da narrativa – é possível mapear como a morte é representada na literatura juvenil contemporânea e quais são os impactos dessa abordagem sobre os leitores. Dessa forma, espera-se que a pesquisa contribua não apenas para o campo dos estudos literários, mas também para uma compreensão mais ampla de como a arte e a literatura podem servir como ferramentas para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos jovens em um mundo que, inevitavelmente, os confrontará com a questão da finitude.

No próximo tópico, a análise teórica será colocada em prática por meio da investigação da obra *Eu vi mamãe nascer*, considerando como ela articula a temática da morte. A obra será examinada à luz dos conceitos discutidos e categorias apresentadas, com foco nas representações simbólicas da morte, nos aspectos materiais e narrativos, bem como no impacto emocional que ela pode gerar no jovem leitor. Essa análise permitirá aprofundar a compreensão sobre o papel da morte na literatura juvenil brasileira, ampliando a discussão a partir de um estudo de caso concreto.

3.2 A morte na obra "*Eu vi mamãe nascer*"

*Como é o tempo aí?
Aqui um tempo eu perdi
Mas é sempre tempo de recomeçar
É bonito ter coragem pra sonhar.
(Tiago Iorc)*

Para que a análise seja eficaz, é essencial considerar o contexto cultural e social em que a literatura juvenil está inserida. Nos últimos anos, esse gênero tem se consolidado como um terreno propício para a abordagem de temas complexos, como a morte, o luto e a perda. A capa de *Eu Vi Mamãe Nascer* é uma porta de entrada poderosa para a narrativa que se desenrola nas páginas do livro, refletindo visualmente os temas centrais da obra. À primeira vista, a composição visual é cuidadosamente elaborada, guiando o olhar do leitor através de elementos que evocam sentimentos profundos e complexos.

A capa do livro *Eu vi mamãe nascer* apresenta uma ilustração que inclui uma flor, cuja espécie não é explicitamente identificada. No entanto, sua presença na composição visual é significativa, pois flores são frequentemente utilizadas na literatura e na arte como símbolos de renovação, ciclo da vida e efemeridade. Esses significados dialogam diretamente com a temática central da narrativa, que trata da morte e da ressignificação da vida. Além disso, a escolha dessa imagem na capa parece buscar evocar tais associações, preparando o leitor para a reflexão proposta pela obra. A ilustração da capa também pode apresentar uma figura central que remete à figura materna ou à infância, estabelecendo uma conexão emocional imediata com o leitor. Assim, a composição visual não apenas introduz a temática abordada no livro, mas também antecipa a experiência sensível proporcionada pela narrativa.

O uso das cores é fundamental para transmitir a mensagem emocional da capa. Tons suaves, como azuis claros e verdes, sugerem tranquilidade e esperança, enquanto cores quentes, como laranja ou amarelo, podem remeter à alegria da vida. Essa combinação cromática reflete a dualidade da experiência — a dor da perda e a beleza do ciclo da vida que continua. Além disso, o uso de gradientes ou contrastes suaves pode intensificar a sensação de movimento, como um ciclo que se reinicia, ligando diretamente ao conceito de nascimento que é central à narrativa.

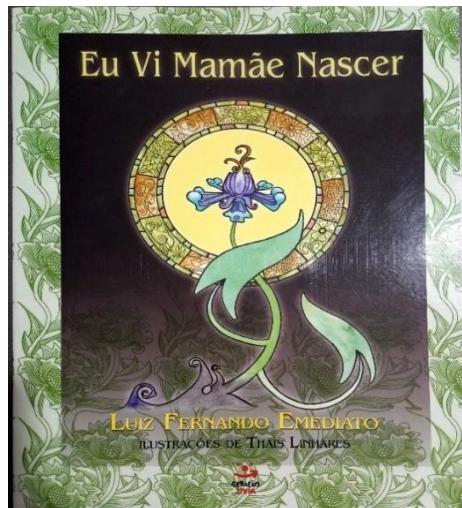
A tipografia do título, *Eu Vi Mamãe Nascer*, se destaca e é apresentada em uma fonte que evoca suavidade e leveza. Se a tipografia for cursiva ou tiver um design fluido, isso transmite uma sensação de intimidade, sugerindo que a história é uma confissão ou testemunho pessoal. A posição do título, seja centralizada ou em destaque na parte superior, orienta o olhar do leitor e estabelece uma conexão direta com o tema. A escolha de uma cor contrastante para o título pode chamar a atenção, enfatizando a importância da mensagem.

Elementos paratextuais, como o nome do autor e informações adicionais, também são parte integrante da capa e complementam sua estética, reforçando a unidade visual e contribuindo para a identidade do livro. Esses elementos podem influenciar a expectativa do leitor sobre o estilo e o conteúdo da narrativa, funcionando como um guia que antecipa a experiência de leitura.

A atmosfera geral da capa é acolhedora, um aspecto crucial para um livro que aborda temas delicados como a morte e o luto. Essa atmosfera é criada pela combinação harmônica de todos os elementos visuais e textuais, permitindo que o leitor sinta uma conexão imediata com a obra. Assim, a capa se torna mais do que um simples convite à leitura; ela é uma preparação emocional que oferece uma introdução visual ao que está por vir.

Ao se deparar com essa capa, o leitor começa a formular expectativas sobre a história. A junção de imagens, cores e textos sugere que a narrativa abordará não apenas a perda, mas também o processo de transformação e aceitação que pode se seguir. Essa abordagem visual é um prenúncio da jornada emocional que será explorada ao longo do livro, preparando o terreno para discussões sobre vida, morte e as complexidades das relações familiares. A capa, portanto, não é apenas um reflexo estético, mas um componente fundamental que enriquece a experiência de leitura e estabelece um diálogo entre o leitor e a obra desde o primeiro instante.

Figura 9 - Capa do livro *Eu Vi Mamãe Nascer*



Fonte: Acervo pessoal.

A obra inicia com uma reflexão sobre a forma direta e impactante com que o protagonista, um menino, narra a morte de sua mãe: "Mamãe morreu ontem". Esse início abrupto já estabelece um tom emocional profundo e coloca a morte como um fato consumado, sem qualquer rodeio, o que é característico da literatura juvenil contemporânea ao abordar temas difíceis.

Ao narrar de forma tão direta, o texto se aproxima do ponto de vista de uma criança que ainda está tentando processar o evento traumático. As palavras escolhidas pelo autor,

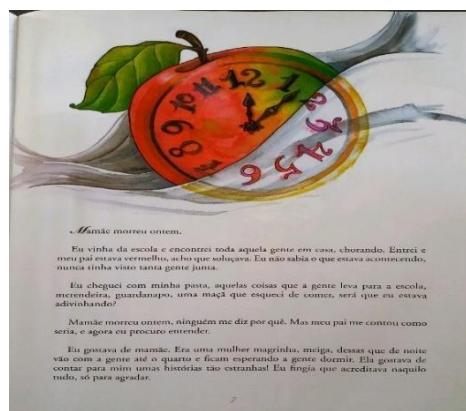
simples e cotidianas, refletem o choque e a incompreensão natural frente à perda, além de transmitir a solidão que o protagonista sente nesse momento. O contraste entre a rotina banal "eu vinha da escola" e o fato devastador da morte é uma maneira eficaz de evidenciar o choque que a perda traz para a vida do menino.

Essa narrativa também oferece ao leitor um vislumbre da relação entre o cotidiano e o extraordinário, mostrando como a vida segue seu curso enquanto eventos significativos transformam a existência do personagem. A escolha do autor de começar a história dessa forma sem grandes introduções enfatiza que o luto e a perda podem surgir de maneira inesperada, o que é uma experiência comum e, ao mesmo tempo, extremamente pessoal, especialmente na juventude.

É possível perceber que a morte da mãe não é tratada como um conceito abstrato, mas como um fato concreto que altera a percepção de mundo do protagonista. Essa experiência marca o ponto de partida para a jornada de autodescoberta e amadurecimento do menino, que terá que lidar com as implicações emocionais e práticas da morte de um ente querido.

A presença da imagem de um relógio, que se funde com metade de uma maçã, é carregada de simbolismos e oferece uma rica camada de interpretação à narrativa. O relógio, símbolo do tempo, representa a passagem inevitável e implacável dos dias, lembrando ao leitor que a vida continua, mesmo diante da morte. A fusão com a maçã, por sua vez, pode ser vista como um símbolo de vida e conhecimento, evocando a ideia de que, assim como a fruta representa o crescimento e a vitalidade, a morte também faz parte do ciclo natural da existência.

Figura 10 - Representação da morte



Fonte: Emediato (2018, p. 7).

[..] Eu vinha da escola e encontrei toda aquela gente em casa, chorando. Entrei e meu pai estava vermelho, acho que soluçava. Eu não sabia o que estava acontecendo nunca tinha visto tanta gente junta.

[...] Mamãe morreu ontem, ninguém me diz por quê. Mas meu pai me contou como seria, e agora eu procuro entender. (Emediato, 2018, p. 7).

Essa dualidade entre o relógio e a maçã encapsula a luta interna do protagonista entre a dor da perda e a necessidade de seguir em frente. A maçã, frequentemente associada a temas de infância e inocência, sugere que, apesar da tragédia, há espaço para a vida e suas alegrias. Essa imagem pode ilustrar o conflito emocional que permeia a história, onde a passagem do tempo traz consigo a dor da saudade, mas também a possibilidade de renovação e autodescoberta.

A escolha de representar esses elementos visuais de forma tão interligada reflete a complexidade da experiência do luto, onde momentos de alegria e tristeza coexistem. Essa imagem, portanto, não apenas enriquece a narrativa, mas também reforça a ideia de que o protagonista está em um processo de aprendizado sobre a vida e a morte, convidando o leitor a refletir sobre a interconexão entre esses aspectos da experiência humana.

A narrativa continua a se desenvolver com a mesma simplicidade que caracteriza o início da história, mas com uma profundidade crescente nas emoções do protagonista. O menino começa a relembrar os últimos momentos com sua mãe, o que nos proporciona uma visão mais íntima do impacto que essa perda tem sobre ele.

O protagonista compartilha fragmentos de memórias que remetem à rotina familiar. No trecho: “Ela falava por exemplo das fadas que transformaram sapos em príncipes, em dragões gigantes que esses príncipes matavam com espadas para defender princesas, todas essas coisas incríveis que a gente sabe que não existem.” (Emediato. 2018, p. 9).

O uso da figura das fadas reflete como a mãe constrói uma narrativa mágica para ajudar o menino a compreender questões difíceis como a ausência e a perda. O menino deposita total confiança no discurso da mãe, evidenciando a ligação emocional forte que eles compartilham. Isso suaviza a abordagem do tema da morte. As fadas representam uma maneira de proteção invisível, algo que reflete a tentativa da mãe de preparar o menino para a perda iminente de forma mais leve.

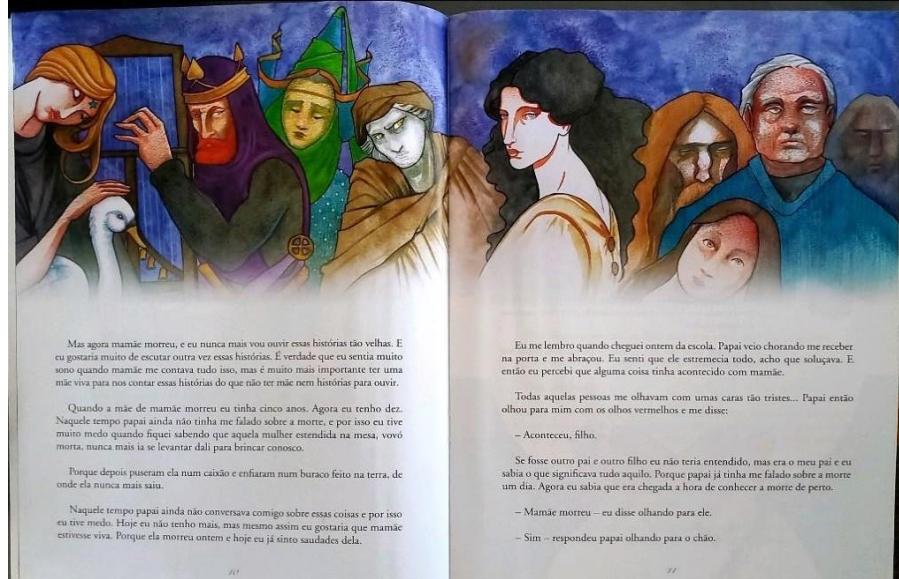
A narrativa se aprofunda ainda mais na experiência emocional do protagonista. Ele começa a lidar mais diretamente com as consequências da perda de sua mãe, revelando sentimentos que mesclam tristeza, confusão e um certo desamparo diante da realidade que o cerca.

O narrador destaca o momento em que o protagonista começa a perceber as mudanças tangíveis ao seu redor. O vazio na casa se torna evidente, não apenas no aspecto físico, mas também emocional, sublinhando como o luto se manifesta não só na dor, mas no estranhamento de uma nova rotina. A figura materna, antes central, já não está presente, e o ambiente familiar,

embora ainda reconhecível, transforma-se em algo diferente. Nesse cenário de mudanças, o protagonista experimenta uma solidão que começa a tomar forma, enquanto percebe que a casa, apesar de fisicamente igual, já não é mais a mesma em essência. Esse estranhamento é expresso com simplicidade e franqueza no trecho a seguir, onde o protagonista, ainda jovem e confuso, tenta entender e expressar o que sente “[n]aquele tempo papai ainda não conversava comigo sobre essas coisas e por isso eu tive medo. Hoje não tenho mais, mas mesmo assim eu gostaria que mamãe estivesse aqui viva. Porque ela morreu ontem e hoje eu já sinto saudades dela.” (Emediato, 2018, p. 10).

Essas palavras, ditas com a inocência e sinceridade de uma criança, refletem o choque e a solidão que surgem com a perda, contrastando a banalidade do cotidiano com a profundidade do luto, e sublinhando como a ausência da mãe impacta a percepção do protagonista sobre sua própria casa e sobre si mesmo.

Figura 11 - Impacto emocional



Fonte: Emediato (2018, p. 11).

O protagonista sente um medo profundo do futuro, temendo não saber como seguir adiante sem suas orientações. O autor, então, coloca em palavras o sentimento de desorientação, que é comum na experiência de luto, especialmente para uma criança ou jovem que perde uma figura tão importante. A dor não é expressa em gritos ou desespero, mas em pensamentos silenciosos e inquietações internas, o que confere à narrativa uma sensibilidade profunda.

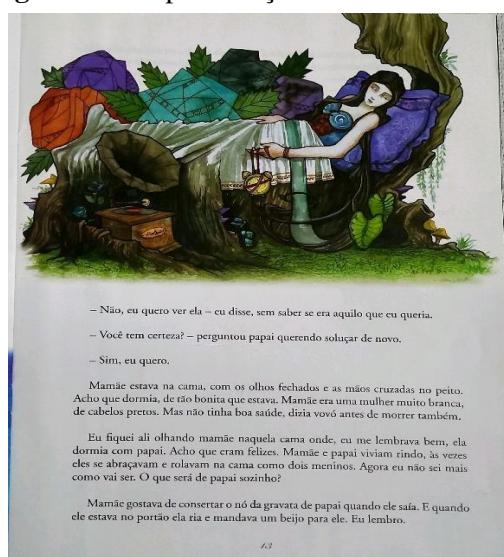
A angústia do personagem também é marcada pela ideia de continuidade a vida segue, mesmo que ele sinta que parte dela se foi com a mãe. Essa contradição entre o movimento do

mundo e o seu sofrimento interior é um ponto crucial dessas páginas, sugerindo a complexidade do processo de luto, em que o tempo e o espaço não parecem se alinhar com as emoções do personagem.

Assim, o autor explora as emoções do protagonista enquanto ele tenta processar a perda de sua mãe. Essas emoções são marcadas pela introspecção, à medida que o menino começa a fazer questionamentos sobre a morte e seu impacto em sua própria vida.

A página 13 traz um momento de intensa reflexão sobre o futuro sem a presença da mãe. O menino começa a perceber que a morte não é apenas um evento pontual, mas uma ausência que se estende para o futuro. Ele se pergunta como será a vida daqui para frente, sem o carinho e a proteção que sua mãe oferecia. Esse pensamento revela um sentimento de desamparo, mas também de responsabilidade, à medida que ele percebe que terá que enfrentar o mundo de uma nova maneira. A morte, para ele, não é apenas a perda do ente querido, mas uma reconfiguração de sua própria existência e identidade. Nesse momento percebemos que a ilustração abaixo reforça a ideia de que a mãe não está mais presente de maneira ativa na vida do menino. Ela agora faz parte de uma dimensão diferente, acessível apenas nas lembranças e sentimentos do protagonista.

Figura 12 - Representação visual da morte



Fonte: Emediato (2018, p. 13).

A imagem da mulher deitada remete à ideia de descanso eterno ou morte. Na literatura juvenil, as ilustrações desempenham um papel essencial, ajudando o leitor a interpretar o texto de forma mais direta. Aqui, a mulher deitada pode ser vista como uma representação simbólica da mãe do protagonista, que agora repousa na morte. A imagem de uma figura deitada, possivelmente em um caixão ou cama, reforça a experiência emocional de perda. Visualmente,

transmite a ideia do último adeus, algo que ecoa com a dor do protagonista, ainda tentando entender o que significa essa separação definitiva. Para o público juvenil, a ilustração ajuda a concretizar a ideia de morte de forma mais tangível. A mulher deitada pode ser vista como um reflexo do medo, do mistério e da incompreensão em torno da morte.

Essas páginas mostram o início de uma nova fase no processo de luto do protagonista: o entendimento gradual de que a vida segue em frente, mas que será vivida de maneira diferente. A forma como o autor constrói os pensamentos do personagem traz um senso de amadurecimento, sugerindo que, embora a dor seja real, ela também é parte do crescimento pessoal.

Na página 15, essa mistura de nostalgia e tristeza é ainda mais forte. O menino começa a perceber que, apesar de tentar manter a mãe viva em suas memórias, a realidade é que ela não está mais ali. Essa realização o atinge de forma dolorosa, trazendo um novo nível de compreensão sobre o que significa perder alguém. Ele se sente só, e essa solidão se destaca não apenas no vazio da casa, mas também na ausência de alguém que comprehenda plenamente seus sentimentos. O autor, com delicadeza, constrói essa fase do luto, na qual o protagonista precisa aceitar a morte como um fato imutável, mas, ao mesmo tempo, lidar com o desejo de que fosse diferente.

“Mamãe está morta”

Essa declaração é curta, porém marcante, situa um momento de aceitação por parte do protagonista. Essa simplicidade na afirmação revela a luta interna que ele enfrenta ao lidar com a perda. Essa frase carrega um peso emocional significativo. A morte é apresentada de maneira crua e direta, refletindo a dureza da realidade que o menino está enfrentando. É uma confrontação com a verdade que pode ser difícil para uma criança entender. A afirmação também sinaliza um ponto de transição no processo de luto do protagonista. Ao reconhecer a morte da mãe, ele está começando a internalizar essa perda, o que é uma etapa importante na aceitação e no entendimento do que a morte significa. A escolha de palavras simples para expressar um conceito tão complexo pode indicar como a perspectiva de como se pode lidar com grandes emoções. Isso evidencia a diferença entre a forma como os adultos e as crianças percebem e articulam a morte.

Essas páginas são importantes para a jornada emocional do personagem, pois mostram o luto como um processo de altos e baixos, em que a nostalgia pelos bons momentos se mistura com a dor da ausência e a dificuldade de aceitar a realidade.

Nas páginas seguintes a narrativa continua a explorar o luto do protagonista, desta vez focando em sua tentativa de encontrar respostas e significado para a morte da mãe. Essas páginas revelam um estágio do luto onde o menino começa a procurar explicações para o que aconteceu, na esperança de entender melhor a morte e seu lugar na vida.

O protagonista levanta questões mais profundas sobre a vida e a morte. Ele reflete sobre a natureza da existência, questionando por que as pessoas que amamos precisam partir. Essa página destaca um dos aspectos mais desafiadores do luto: o desejo de encontrar sentido em uma situação que, muitas vezes, parece inexplicável. O menino busca alguma lógica ou razão para a morte da mãe, o que mostra sua tentativa de lidar com o que parece ser uma ruptura brusca e injusta. A partir desse ponto, o autor começa a introduzir uma reflexão filosófica sutil, adequada para a literatura juvenil, sobre os ciclos da vida e a inevitabilidade da morte.

Essas reflexões se tornam ainda mais intensas quando o protagonista começa a se perguntar se poderia ter feito algo para evitar a morte da mãe. Ele sente uma espécie de culpa, mesmo que irracional, o que é uma reação comum no processo de luto. Essa culpa pode vir na forma de pensamentos sobre ações que ele acredita que poderiam ter mudado o desfecho ou até mesmo a ideia de que ele não fez o suficiente. O autor trabalha essas emoções de forma delicada, mostrando que, apesar de o personagem saber que a morte estava fora de seu controle, o sentimento de impotência continua a pairar sobre ele. “Mas ele me disse, e não era nenhuma novidade. Mamãe já tinha me falado que as coisas vivas sobre a terra têm todas o seu dia de terminar. E papai um dia ia terminar, ela ia terminar, eu ia terminar, porque nada dura nesse mundo e isso tudo é assim mesmo, porque assim tem de ser”. (Emediato, 2018, p. 17).

Essas páginas são importantes porque mostram a complexidade emocional que envolve a perda de alguém querido. O luto não é apenas tristeza ou saudade; envolve também uma busca por explicações, a sensação de culpa e a tentativa de encontrar um sentido para o que parece ser uma ruptura injusta da vida.

O protagonista começa a demonstrar sinais de aceitação em seu processo de luto, ainda que esse caminho seja marcado por dor e incerteza. A narrativa mostra uma transição sutil, na qual o menino começa a perceber que, por mais difícil que seja, a vida segue adiante, e ele precisará encontrar uma maneira de viver sem a mãe.

Na página 18, o autor foca nas pequenas mudanças internas que o protagonista começa a experimentar. Embora a dor ainda esteja muito presente, o menino parece começar a aceitar que a morte da mãe é definitiva. Ele começa a reconhecer que, apesar da ausência física, a presença dela permanece de uma forma diferente, em suas lembranças e nos ensinamentos que ela deixou. Esse momento de introspecção mostra um amadurecimento emocional importante,

à medida que ele entende que sua mãe continua a fazer parte de sua vida, mesmo que de uma forma menos tangível.

Em uma conversa com o pai o menino faz uma reflexão sobre a morte da plantinha pode servir como uma metáfora para a experiência da perda. Essa comparação ajuda o menino a entender que a morte é uma parte natural da vida, seja para humanos ou plantas, promovendo uma compreensão mais ampla sobre a finitude. O tom filosófico sugere que a morte não deve ser apenas temida, mas compreendida como parte do ciclo natural da existência. Isso pode levar a um momento de aprendizado para o protagonista, onde ele começa a encontrar significado na perda e na transitoriedade da vida. A escolha de uma plantinha como objeto de reflexão traz uma simplicidade que é apropriada para o público infantil, mas a profundidade da mensagem é significativa. Essa abordagem permite que as crianças lidem com conceitos complexos de maneira mais acessível e compreensível. A morte da plantinha pode evocar sentimentos de tristeza, mas também pode trazer à tona a ideia de que o ciclo da vida continua. Isso reflete a experiência emocional do protagonista, que está lidando com a perda da mãe e, ao mesmo tempo, observando a fragilidade da vida ao seu redor.

Eu via. A plantinha já estava meio amarela, acho que estava morrendo.

- Ela vai morrer, papai?
 - Sim, filho, vai, mas não vai acabar.
 - Não vai acabar, papai? Mas ela não seca e morre, some?
 - Não, não some. Seca e morre, mas fica aqui na terra. Dando Semente ou ajudando as outras plantas a nascer porque cria adubo.
- (Emediato, 2018, p. 19).

Essas páginas são cruciais porque mostram o início de uma fase de aceitação e ressignificação do luto. O menino ainda sente profundamente a perda, mas agora começa a encontrar formas de lidar com a ausência, recorrendo às memórias como uma forma de manter a mãe próxima a ele, mesmo que de maneira simbólica.

O protagonista avança ainda mais em seu processo de aceitação e ressignificação da morte da mãe. Essas páginas marcam um ponto crucial na narrativa, pois o menino começa a integrar de maneira mais plena o impacto da perda em sua vida e a entender como seguir em frente, mesmo com a ausência de alguém tão importante.

Na página 20, o autor retrata um momento de reflexão mais madura por parte do protagonista. Ele percebe que, por mais dolorosa que seja a perda, a vida ao seu redor continua e ele também precisa encontrar formas de seguir em frente. Aqui, a narrativa sugere que o menino começa a encarar a morte da mãe não apenas como um fim, mas como parte de um

ciclo inevitável da vida. Essa compreensão, ainda que difícil, traz a ideia de que o luto também envolve adaptação e crescimento, mesmo que seja um processo doloroso. O menino reconhece que, embora a presença física de sua mãe tenha sido interrompida, sua vida continua, e ele deve encontrar maneiras de lidar com a saudade.

Na página 21, o protagonista reflete sobre as mudanças que a morte da mãe trouxe para ele. Ele nota que essa experiência o fez amadurecer de formas inesperadas. O autor sugere que, a partir da dor da perda, o menino começa a desenvolver uma nova perspectiva sobre a vida, percebendo sua própria capacidade de resiliência. Ainda há momentos de fragilidade, claro, mas essa página demonstra um equilíbrio maior entre a dor da ausência e a aceitação de que o amor e as lembranças da mãe continuarão a acompanhá-lo. Essa aceitação não significa que a dor desapareça, mas que ela pode coexistir com momentos de crescimento e de esperança.

Essas páginas são significativas porque mostram que o luto não é uma jornada linear. O protagonista ainda sente saudade, mas agora com um entendimento mais claro de que pode continuar sua vida, carregando consigo os ensinamentos e o afeto da mãe.

O menino dá passos ainda mais firmes em sua jornada de luto, incorporando os aprendizados e as reflexões que surgiram ao longo da narrativa. Essas páginas marcam um ponto de resiliência e transformação, onde a dor e a saudade começam a ser vistas sob uma nova luz.

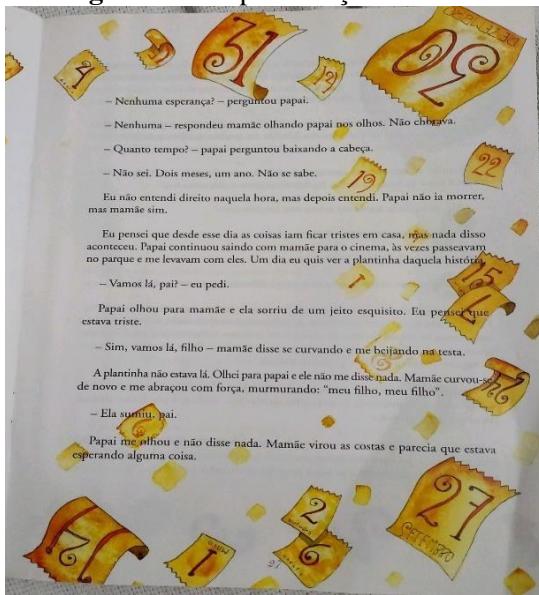
Ele se envolve em atividades que o ajudam a canalizar seus sentimentos. Ele pode estar desenhando, escrevendo ou conversando sobre suas memórias com amigos ou familiares. Esse envolvimento é crucial, pois permite que ele expresse sua dor de maneira construtiva. O autor retrata essa ação como uma forma de celebrar a vida da mãe, transformando a tristeza em um tributo à memória dela. Essa mudança na percepção da dor mostra que o protagonista não está apenas fugindo de seus sentimentos, mas encontrando formas de integrá-los à sua vida de maneira saudável. Esse processo de externalização das emoções é um passo importante na superação do luto, permitindo que o menino sinta que, mesmo na ausência da mãe, ele pode manter viva a conexão emocional que existia entre eles.

Há um momento de clareza e esperança. O protagonista reflete sobre suas experiências e reconhece que a dor da perda, embora intensa, não precisa definir sua vida. Ele começa a perceber que a tristeza pode coexistir com momentos de alegria e que ele tem a capacidade de buscar felicidade, mesmo após a perda. O autor enfatiza a ideia de que o luto é uma parte da vida, mas não é o único capítulo dela. Essa compreensão proporciona ao menino um senso renovado de força, mostrando que ele pode continuar a crescer e a se transformar, mesmo diante

da dor. A narrativa transmite uma mensagem poderosa sobre a resiliência humana e a capacidade de adaptação diante das adversidades.

Os números arrancados na página 27 de um calendário simbolizam a passagem do tempo e a inevitabilidade da morte. Isso pode ser interpretado como uma forma de representar o tempo limitado que a mãe tem, além de evidenciar como a contagem do tempo muda quando se enfrenta a morte.

Figura 13 - Representação da morte



Fonte: Emediato (2018, p. 27).

- Nenhuma esperança? – perguntou papai.
 - Nenhuma – respondeu mamãe olhando papai nos olhos. Não chorava.
 - Quanto tempo? – papai perguntou baixando a cabeça.
 - Não sei. Dois meses, um ano. Não se sabe.
- (Emediato, 2018, p. 27).

A afirmação de que, apesar do diagnóstico, eles continuam levando uma vida normal reflete uma tentativa de resiliência da família. Essa dualidade entre saber que o tempo é limitado e ainda viver plenamente é uma luta comum em situações de luto e doença terminal. O protagonista pode estar vivenciando um estado de negação em relação à condição da mãe. Ao manter uma rotina normal, ele tenta proteger-se da dor que a aceitação da realidade pode trazer.

Este momento serve como um convite para a reflexão sobre como as pessoas lidam com a morte em suas vidas. A abordagem normalizada da situação pode ser uma forma de enfrentar a realidade, mas também pode esconder a dor e a tristeza que estão presentes.

O menino começa a dar passos ainda mais firmes em sua jornada emocional, refletindo sobre o processo de luto e o lugar da saudade em sua vida. Essas páginas destacam o crescimento contínuo do menino, que começa a encontrar formas de viver plenamente, mesmo diante da perda.

O autor mostra como o protagonista se permite sentir a dor da saudade, mas também a importância de expressar e compartilhar esses sentimentos com as pessoas ao seu redor. O autor enfatiza que o compartilhamento das experiências de luto pode ser uma forma poderosa de aliviar a carga emocional, permitindo que o menino se sinta mais conectado e menos isolado em sua dor.

Assim, reflete sobre como as memórias de sua mãe não são apenas fontes de tristeza, mas também de força e inspiração. Ele começa a entender que, ao falar sobre sua mãe e compartilhar suas lembranças, ele está perpetuando o legado dela e mantendo viva a conexão emocional. Essa compreensão é um passo importante na aceitação da perda, pois o menino percebe que a saudade pode coexistir com momentos de alegria e gratidão. O autor mostra que, ao valorizar essas memórias, o protagonista não apenas honra sua mãe, mas também encontra maneiras de integrar o amor que sente por ela em sua vida cotidiana.

Assim, trilhando seu caminho de aceitação e resiliência, o menino mostra um amadurecimento significativo em sua forma de lidar com a perda. Essas páginas enfatizam a importância das memórias e o papel que elas desempenham na construção de uma nova identidade após a morte de sua mãe.

Ao final, o menino reflete sobre as lições que aprendeu com sua mãe e como essas lições o moldaram. Ele pode estar pensando em momentos específicos que vivenciaram juntos, destacando a sabedoria e os conselhos que ela lhe deixou. O autor utiliza essa reflexão para mostrar que, embora a presença física da mãe não esteja mais com ele, suas palavras e ensinamentos permanecem. Essa compreensão é vital, pois o protagonista reconhece que a influência da mãe é uma parte contínua de sua vida, guiando-o em suas decisões e em sua jornada. Ao enfatizar a importância das lições aprendidas, o autor sugere que o amor e a conexão não se perdem com a morte, mas se transformam em algo que pode ser nutrido e lembrado.

Há uma sensação de esperança e um olhar para o futuro. O menino começa a imaginar como pode honrar a memória da mãe em sua vida cotidiana, talvez envolvendo-se em atividades

que ela apreciava ou que ambos compartilhavam. Essa ação é um sinal de que ele está pronto para integrar a memória da mãe de uma maneira que o ajude a seguir em frente. O autor apresenta essa transição como uma forma de celebrar a vida e o legado da mãe, demonstrando que a saudade pode ser uma motivação para viver plenamente e para criar novas experiências significativas.

A análise revela que uma jornada profunda e significativa de luto e aceitação do protagonista, um menino que enfrenta a dolorosa realidade da perda de sua mãe. Ao longo das páginas, observamos sua evolução emocional e o desenvolvimento de uma compreensão mais rica e complexa sobre a morte, a saudade e a importância das memórias.

Desde o início, o protagonista lida com a dor da ausência, mas, conforme avança na narrativa, ele aprende a transformar essa dor em uma experiência de crescimento. O autor habilmente retrata como o menino se permite sentir a saudade, ao mesmo tempo em que encontra formas de honrar a memória da mãe, seja através da reflexão, da comunicação com os outros ou do envolvimento em atividades que relembram os momentos que compartilharam. Essas ações não apenas aliviam sua carga emocional, mas também o conectam com as lições e o amor que recebeu.

À medida que a história se desenrola, a resiliência do protagonista se torna cada vez mais evidente. Ele começa a perceber que a vida não é definida apenas pela dor da perda, mas também pela continuidade do amor e das memórias que perduram. O processo de aceitação se torna um catalisador para novas experiências, permitindo que ele imagine um futuro onde a saudade e a felicidade podem coexistir. Essa transformação é um testemunho da capacidade humana de se adaptar e crescer, mesmo diante das circunstâncias mais desafiadoras.

Em conclusão, *Eu vi mamãe nascer* não apenas aborda a temática da morte e do luto, mas também explora a riqueza emocional e a complexidade da vida após a perda. Através da jornada do protagonista, somos convidados a refletir sobre a importância das memórias e do legado deixado por aqueles que amamos. O livro oferece uma mensagem de esperança, mostrando que, mesmo em meio à dor, é possível encontrar um caminho para a resiliência e a felicidade, mantendo viva a conexão com aqueles que partiram. Essa narrativa se torna um poderoso recurso para entender e lidar com a perda, ressaltando a beleza das lembranças e a força do amor que persiste, independentemente das adversidades da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta dissertação buscam sintetizar as reflexões e resultados obtidos ao longo do estudo sobre a representação da morte na literatura juvenil brasileira, com foco na análise da obra *Eu vi mamãe nascer*, de Luiz Fernando Emediato. Partindo da hipótese de que temas como a morte são abordados de forma significativa e educativa em narrativas destinadas a jovens leitores, o trabalho permitiu observar a relevância de tais representações na formação do leitor e na compreensão de experiências humanas universais.

O primeiro objetivo foi contextualizar a literatura juvenil como espaço de diálogo com temas complexos, destacando a evolução histórica e crítica do gênero nas últimas décadas. Através de referências teóricas como Zilberman, Ceccantini e Lottermann, reforçou-se a importância de abordar questões transversais, como a morte, não apenas como elemento narrativo, mas como um dispositivo pedagógico e emocional.

A escolha do *corpus*, com base no PNLD Literário de 2020, demonstrou como o programa tem se consolidado como uma plataforma relevante para a seleção de obras de qualidade voltadas à formação leitora. Nesse contexto, *Eu vi mamãe nascer* se destacou pela delicadeza ao abordar a morte de maneira poética e transformadora, explorando as dimensões de perda, renascimento e autoconhecimento.

A análise da narrativa revelou a complexidade na construção dos personagens e do narrador, bem como a utilização de recursos paratextuais e ilustrativos que dialogam com o leitor de forma sensível. Tais elementos reforçam a potência da obra em tratar de um tema tão delicado, oferecendo aos jovens leitores um caminho para elaborar emocionalmente questões como a finitude e a continuidade da vida.

Apesar dos avanços observados, é importante ressaltar a necessidade de ampliação de pesquisas nesse campo, sobretudo envolvendo outros títulos que abordem a morte e outras questões existenciais. Além disso, destaca-se o papel de mediadores da leitura, como educadores e bibliotecários, no aproveitamento do potencial formativo dessas narrativas.

Por fim, este trabalho reafirma a relevância da literatura juvenil como espaço de reflexão e diálogo, especialmente ao abordar temas tão universais e essenciais. A representação da morte em *Eu vi mamãe nascer* não é apenas um retrato de perda, mas também um convite à compreensão de ciclos, ao crescimento e à continuidade, aspectos fundamentais para o desenvolvimento do jovem leitor enquanto sujeito crítico e sensível.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A Literatura Infantil no Brasil: origem, tendências e ensino.** São Paulo: Litteratu, 2010. Disponível em: <Disponível em: http://www.litteratu.com/literatura_infantil.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2023.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AURÉLIO, H. B. de. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 472.

AZEVEDO, Ricardo. **Sobre livros didáticos e livros de ficção e poesia.** Disponível em:<<http://www.ricardoazevedo.com.br/palestras.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

AZEVEDO, Ricardo. **Sobre livros didáticos e livros de ficção e poesia.** Disponível em: <<https://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Sobre-livros-didaticos-e-de-ficcao.pdf>>. Acesso em: 05. dez. 2022.

BARROS, S.; JAMBEIRO, O; BORGES, J. **Políticas públicas para o livro e a leitura e sua influência na indústria editorial de Salvador.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro.

BECKER, Ernest. **A negação dar morte:** uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1973.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega.** v. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BRASIL, **Guia PNLD Literário 2020.** Ministério da Educação. Brasília. 2020.

BRASIL. **Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil.** São Paulo: Edições SM, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 de jul. de 2010.

BRASIL. **Decreto 9.099, de 18 de julho de 2017.** Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9099.htm. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. **Guia PNLD 2018-Literário.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Conteúdo: Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996 – Lei nº 4.024/1961.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Conferência Objetivos atuais e futuros da COLTED,** proferida por Ruy Baldaque na II Semana de Estudos COLTED. São Paulo: 1968.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Conferência Objetivos atuais e futuros da COLTED**, proferida por Ruy Baldaque na II Semana de Estudos COLTED. São Paulo: 1968a.

BRASIL. Ministério da Educação. **O provimento de acervos literários para escolas públicas e o acesso à cultura e à informação**. Brasília, 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Seminários sobre a formação de leitores. Brasília, 2011.
BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992. **Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 maio 1992.

BRENMAN, Ilan. **A condenação de Emilia**: o politicamente correto na literatura infantil. 1^a ed. – Belo Horizonte: Aletria, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: _____. Textos de intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CECCANTINI, João Luís (org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2000.

CECCANTINI, João Luís. **Vida e paixão de Pandonar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro**: um estudo de produção e recepção. 1993. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 1993.

CECCANTINI, José Luís. **Conflito de gerações, conflito de cultura: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas**. Letras de hoje, Porto Alegre, v.45, n.3. p.80-85, jul/set.2010.

CECCANTINI, Lúcia. **A literatura infantojuvenil: os limites de um gênero**. São Paulo: [Editora], 1993. p. 240.

COELHO, Maria Teresa. **Leitura e literatura infantil: propostas para a formação do leitor**. São Paulo: [Editora], 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. (2003). **La literatura infantil y juvenil: Una perspectiva histórica y crítica**. *Barcelona*: Editorial Octaedro.

COLOMER, Teresa (2003). **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global.

CORDEIRO, M. B. S. Políticas públicas de fomento à leitura no Brasil: uma análise (1930-2014). **Revista Brasileira de Política Internacional**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande/MS – Brasil, 2018.

COSSON, Rildo. **Ensino de literatura sempre: três desafios hoje.** In: PINTO et al. (Orgs.). *Ensino da literatura no contexto contemporâneo*. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

CRUVINEL, L. **A literatura juvenil e seus desafios:** perspectivas e novas abordagens. *Revista Brasileira de Literatura Infantil*, 2009.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas juvenis brasileiras:** em busca da especificidade do gênero. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2009.

DIAS, Eliene da Silva; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A literatura juvenil contemporânea:** breves considerações sobre a formação de um subsistema literário. *Miscelânea*, v. 26, p. 257-269, 2019.

DIAS, Eliene da Silva; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A literatura juvenil contemporânea: breves considerações sobre a formação de um subsistema literário.** 2019.

EMEDIATO, Luiz Fernando. **Eu vi mamãe nascer.** 1. ed. São Paulo: Editora [nome da editora], 2018.

ESTEVES, Nathalia Costa. **Heróis em trânsito:** narrativa juvenil brasileira contemporânea e construção de identidades. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

FERNANDES, A. L. O campo pedagógico no Brasil no final do século XIX: lugares, pessoas e instituições na construção de uma nova sociedade. **XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social.** Natal-RN, 2013.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação.** Londrina: Eduel, 2013. 1 livro digital: il. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuítos.php>.

FERNANDES, Célia Regina Delácio; CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. **Os Critérios de Avaliação e Seleção do PNBE:** um estudo diacrônico. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, 2012.

FREITAS, B.; Costa, W. F. da.; MOTTA, V. R. **O livro didático em questão.** São Paulo: Cortez, 3^a ed. 1997.

GARCÍA, Abraham Villavivenco. “**Este es el espejo que no te engana, de Tomás Mondragón.** Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones. La función de las imágenes en el catolicismo novohispano. p. 99 – 118. México: 6 de febrero de 2019.

GREGORIM FILHO, Antonio Henrique. **Literatura juvenil contemporânea e seus caminhos.** São Paulo, 2011.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **A estética da periferia na literatura juvenil.** In: AGUIAR, Vera Teixeira de. MARTHA, Alice Áurea Penteado. Literatura infantil e juvenil: leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.25-35.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **A estética da periferia na literatura juvenil.** In: AGUIAR, Vera Teixeira de. MARTHA, Alice Áurea Penteado. Literatura infantil e juvenil: leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

IGUMA, Andréia de Oliveira Alencar. **De quais jovens fala a literatura juvenil brasileira premiada pela FNLIJ de 2000 a 2002?** Tese doutorado. Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em Estudos Literários. Uberlândia, Minas Gerais, 2019.

IGUMA, Andréia de Oliveira Alencar. **LITERATURA JUVENIL: EM CENA O INSÓLITO.** In: CENINHA: Pesquisas em Literatura Fantástica e em Letras, 2017, Uberlândia. E-BOOK DOS TEXTOS DAS MESAS-REDONDAS I CENINHA? Pesquisas em Literatura Fantástica e em Letras, 2017. P. 39-47.

IGUMA, S. **Afinal, como abrimos nosso texto, jamais saberemos qual é a busca do nosso leitor e quais obras contribuíram com o seu crescimento.** São Paulo: Editora Literatura, 2017. p. 47.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

LINS, Ronaldo Lima. **Violência e Literatura.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17270/14470>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

LINS, S. A. **A questão da morte e a experiência da angústia na existência humana.** São Paulo: Editora XYZ, 1990.

LOTTERMANN, A. C. **A morte e seus sentidos: reflexões sobre a literatura juvenil e suas representações.** São Paulo: Editora EDU, 2018.

LOTTERMANN, A. C. **A morte na literatura infantil e juvenil brasileira: reflexões sobre o tema no contexto escolar.** São Paulo: Editora ABC, 2009.

LOTTERMANN, A. C. **Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira: um estudo sobre a vida e a morte nas narrativas.** São Paulo: Editora DEF, 2010.

LOTTERMANN, A. C. **Representações da morte na literatura infantojuvenil: um estudo sobre a vida e a morte nas narrativas.** São Paulo: Editora DEF, 2010a.

LOTTERMANN, Clarice. **Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira.** Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

LUFT, E. A literatura juvenil brasileira contemporânea: abordagens sobre amadurecimento e questões sociais. Porto Alegre: Editora Sul, 2010.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. In: ROSING, Tania M.K.; BULARMAQUE, Fabiane Verardi (orgs). De casa e de fora, de antes e de agora: Estudos da literatura infantil e Juvenil. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI. 178 f. Dissertação 159 (Mestrado em Literatura Comparada) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARTHA, Alice Áurea. "As narrativas denominadas juvenis apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural que transitam autores e receptores." *Literatura Juvenil: Contribuições e Reflexões*. 2010.

MARTHA, Alice. Áurea. Penteado. Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea. Anais do SILEL. Vol 2. Nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

MARTHA, Alice. *Literatura juvenil: a morte como tema*. São Paulo: Editora X, 2009.

MARTINS. José de Souza. (org) **A morte na sociedade brasileira.** São Paulo: Editora, HUCITEC. 1983. DA MORTE E DO MORRER: A ESCRITA DE SI POR ALUNOS DA REDE ESTADUAL PAULISTA.

MASSA, Daniel. **A morte na literatura infanto-juvenil: um olhar sobre o “par sombrio” de Lygia Bojunga.** Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 89-110. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17270/14470>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

MATIA, Kátia Caroline de. **A narrativa juvenil brasileira: entre temas e formas, o fantástico.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017.

MEC. (2020). Edital nº 01/2020 - Convocação de editores para o PNLD Literário. Ministério da Educação, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Disponível em: <https://www.fnde.gov.br>.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação.** Organização de Margarida de Souza Neves. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2001.

MORAIS, Lucimara Gomes Oliveira de. **Política de leitura: a gestão do programa federal Literatura em minha casa.** 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/7308>. Acesso em: 03 nov. 2023.

MOTA, Simone Rosa. **A concepção de literatura no Programa Nacional Biblioteca da Escola.** 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista

"Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2012. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110179>.

OLIVEIRA-IGUMA, Andreia Alencar. **De quais jovens fala a literatura juvenil brasileira premiada pela FNLIJ de 2000 a 2017? 2017.** Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em:
<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24574>.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Políticas públicas de leitura: A gestão do programa federal Literatura em Minha Casa. 2008.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** São Paulo, Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **A leitura, um ato de resistência.** 2013.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido.** Volume I: No caminho de Swann. Tradução de Cássio de Tarso Pimentel. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

QUINTANA, Mário. **O Melhor de Mário Quintana.** 1. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Literatura infanto-juvenil contemporânea:** texto/contexto caminhos/descaminhos. PERSPECTIVA. Aorianópolis, v.17, n. 31, p. 127 -139, jan./jun. 1999. Disponível em:
[<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10711/10216>](https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10711/10216). Acesso em: 09 dez. 2022.

RODRIGUES, S. de F.; SOUZA, R. J. de. **Tabus e temas polêmicos:** a literatura infantil e juvenil sob censura. Pelotas: Cadernos de Letras, n. 38, p. 183-199, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/Aview/19173/12>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

TODOROV, T. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TURCHI, Maria Zaira. **Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor.** Revista FronteiraZ do Programa de Estudos Pós-Graduados sem Literatura e Crítica da PUC – SP. N° 17 P.81-92. Dezembro de 2016.

VILLAVICENCIO GARCÍA, Abraham. **La función de las imágenes en el catolicismo novohispano.** Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2019.

ZILBERMAM, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.